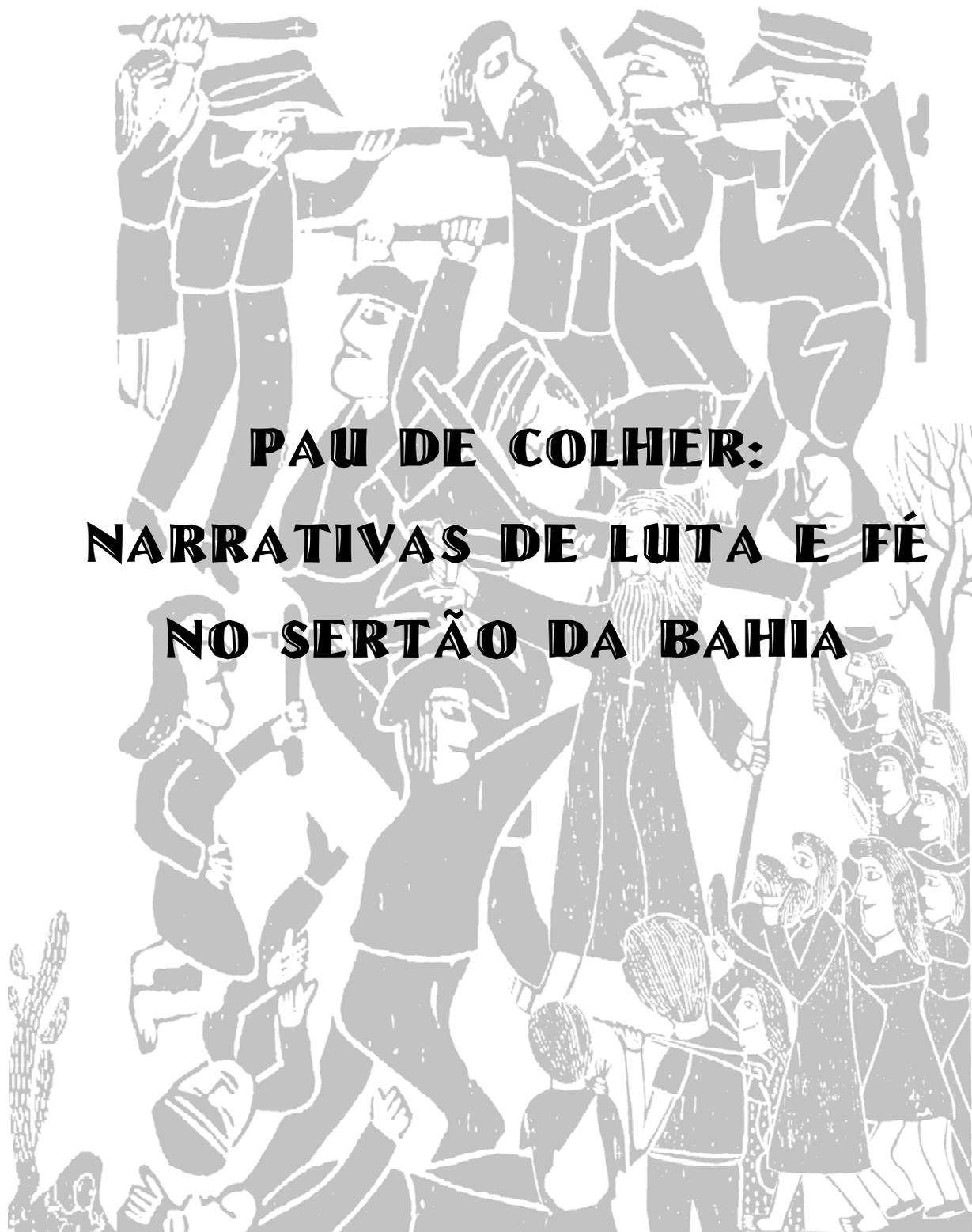


**FRANCIVALDO MENDES DA SILVA**

**PAU DE COLHER:  
NARRATIVAS DE LUTA E FÉ  
NO SERTÃO DA BAHIA**



**Recife  
2008**



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO - UFPE  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS - CFCH  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA - PPGH

FRANCIVALDO MENDES DA SILVA

**PAU DE COLHER:  
NARRATIVAS DE LUTA E FÉ  
NO SERTÃO DA BAHIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira

Recife  
2008

## FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Francivaldo Mendes da

Pau de colher: narrativas de luta e fé no sertão da Bahia/  
Francivaldo Mendes da Silva. – Recife: O Autor, 2008.  
155 folhas.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Pernambuco. CFCH. História, 2008.

Inclui: bibliografia e anexos

1. História e literatura. 2. Memória. 3. Narrativa. 4.  
Religiosidade – Popular. 5. Pau de Colher – Movimento  
social. I. Título.

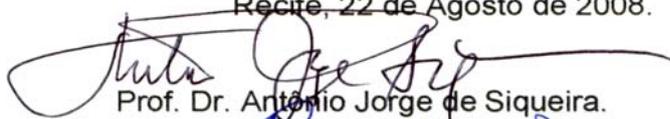
981.34	CDU (2. ed.)	UFPE
981	CDD (22. ed.)	BCFCH2008/84



**ATA DA DEFESA DA DISSERTAÇÃO DO ALUNO FRANCIVALDO MENDES DA  
SILVA**

Às 14:30 h do dia 22 (vinte e dois) de agosto de 2008 (dois mil e oito), no Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Pernambuco, reuniu-se a Comissão Examinadora da defesa de Dissertação para obtenção do grau de Mestre apresentada pelo aluno **Francivaldo Mendes da Silva**, intitulada **“Pau de Colher: narrativas de luta e fé no sertão da Bahia”**, em ato público, após arguição feita de acordo com o Regimento do referido Curso, decidiu conceder ao mesmo o conceito **“APROVADO”**, em resultado à atribuição dos conceitos dos professores doutores: Antônio Jorge de Siqueira (Orientador), Antônio Paulo de Moraes Rezende e Denis Antônio de Mendonça Bernardes. Assinam, também, a presente ata a Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em História, Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Tanya Maria Pires Brandão e a Secretária do Dept<sup>o</sup>. de História, Rogéria Feitosa de Sá, para os devidos efeitos legais.

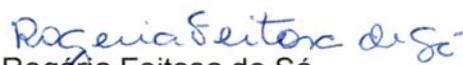
Recife, 22 de Agosto de 2008.

  
Prof. Dr. Antônio Jorge de Siqueira.

  
Prof. Dr. Antônio Paulo de Moraes Rezende.

  
Prof. Dr. Denis Antônio de Mendonça Bernardes.

  
Profa. Dra. Tanya Maria Pires Brandão.

  
Rogéria Feitosa de Sá.

Dedico este trabalho ao povo de Pau de Colher, aos que sobreviveram e puderam registrar suas narrativas e, *in memoriam*, aqueles que tombaram em luta.

## AGRADECIMENTOS

---

Esta dissertação é o resultado de um trabalho que ultrapassa as fronteiras da atividade solitária da pesquisa, da reflexão e da escrita para ser tecida pela linha do tempo e costurada com a agulha das amizades. Ao longo de sua construção, muitas foram as idas e vindas, entre longas viagens em busca das histórias de Pau de Colher e, nesse fluxo, os encontros foram acontecendo. A todos aqueles que colaboraram, quero aqui agradecer imensamente.

Aos meus pais, Francisco Mendes e Maria de Lourdes, e à minha irmã Francileide, por todo o esforço e apoio ao longo da minha vida. E, se falhei ao esquecer de agradecê-los durante tantas caminhadas, faço-o neste momento, alegre por ter conseguido atingir esse *sonho*, que me dá a oportunidade de dedicar a cada um esta conquista.

À minha querida Kátya, pelo apoio inestimável; pela paciência que só quem passou pelos caminhos da pesquisa pode entender. Agradeço pela presença nos momentos difíceis, por me ouvir falar dos problemas e dúvidas, pelas leituras de cada capítulo, pelas valiosas opiniões e críticas. Por compartilhar dessa trajetória, com seu fundamental auxílio nos arquivos e nas transcrições dos documentos que possibilitaram o adiantamento da pesquisa.

Faço um agradecimento especial ao professor Tarcísio Marcos, com quem tive as primeiras conversas sobre Pau de Colher. Sou muito grato por fazer-se presente em todo percurso, dando todo apoio possível. Pelas leituras e observações realizadas, agradeço enormemente.

A meu orientador, Antônio Jorge Siqueira, primeiramente por acreditar no meu projeto e dedicar-se a ele, dando-me força e motivação nos momentos de dificuldade para seguir em frente. Agradeço ainda por acolher-me como orientando; tê-lo como orientador foi uma imensa satisfação, pois para além do intelectual, pude contar com uma extraordinária pessoa humana, que não se enrijece no mundo acadêmico, mas humaniza-o. Agradeço por enriquecer a pesquisa através das observações, sugestões e críticas. Quero também agradecê-lo pelas valiosas aulas que proporcionou no curso da Pós-graduação.

A todos os colegas de turma do curso de Mestrado, em especial a três pessoas inesquecíveis, José Rogério, Vilmar Carvalho e Cinthia Barbosa, pela força e conversas descontraídas; aprendi muito.

De forma particular também a Carmem e Aluísio, da secretaria da Pós-graduação da UFPE, pessoas extraordinárias, que sempre me atenderam carinhosamente todas as vezes que precisei.

Agradeço a todos os professores da Pós-graduação da UFPE que, com muito empenho, fazem desse curso um dos mais respeitados do Nordeste. Em particular, à professora Sylvana Brandão, pelo apoio quando ainda era aluno especial do curso de Mestrado, ao professor Denis Bernardes, pelas sugestões apontadas para melhoria do trabalho, e ao professor Paulo Rezende, pelas aulas inspiradoras.

Ao professor Edson Hely, do Colégio de Aplicação, pelo apoio, colaboração e amizade desde os tempos do curso de Especialização. Aos pesquisadores Gilmário Moreira Brito e Ana Lúcia Aguiar, pelas importantes contribuições.

A todos os funcionários que com gentileza me atenderam nos arquivos da FUNDAJ, Arquivo Público da Polícia Militar de Pernambuco, Arquivo Público de Pernambuco, Biblioteca da Diocese de Juazeiro da Bahia e no Cartório do 2º Ofício de Casa Nova. De forma particular, aos funcionários do Arquivo Públicos do Estado da Bahia e ao Núcleo de Memória Documental da Polícia Militar da Bahia, por toda a atenção.

Quero também agradecer, em Petrolina, ao professor Moisés Diniz de Almeida, pela estadia e ajuda na pesquisa. Em Casa Nova, ao Sr. Manuel de Anchieta e Lidiane, que deram o melhor acolhimento e fizeram todo esforço para a realização do trabalho de campo.

A Almir Bezerra e Fátima Melo, pelo importante apoio, expresso aqui minha gratidão. A Cirzirnande agradeço pelo tempo que se desprende do trabalho, da família e dos finais de semana para realizar de forma atenciosa a revisão dos capítulos. E a Katyuscia pela revisão final do texto.

Aos amigos da república, Almir Filho, Paulo Magno, Iran, Eduardo, pela partilha do espaço e da amizade. Guardarei muitas lembranças.

Ao CNPq, pelo apoio financeiro, com o qual foi possível a realização do trabalho de campo e a conclusão desta dissertação.

A Deus, presença espiritual constante.

“Nada há a subtrair, nada a acrescentar às maravilhas de Deus. Quando alguém chega ao fim, está apenas começando; e, quando pára, então fica perplexo”. (Eclesiástico 18, 5-6)

## LUTAS DE FÉ

A lua reluzente e o candeeiro  
Clareando as vozes no terreiro  
Rezas, benditos e ladainhas  
Na fé que alumia  
O tempo reinventado  
Nessa geografia do sagrado  
A miséria dividindo o pão

Mas, eis que da caatinga do sertão  
O relampejo do fogo começa  
Metralhadoras cuspidas a guerra  
Contra cacetes e facão

Tombados no chão  
Beatos, fiéis e soldados  
Nos fios do passado  
Ruínas de diferentes histórias  
Retalhos das memórias  
De tantos imaginários  
E nesse itinerário

Cruzam-se falas e escritas  
Por veredas percorridas  
Nas Narrativas de luta e fé  
Do movimento Pau de Colher

*Francivaldo*

## RESUMO

---

Esta dissertação traz uma reflexão sobre os horizontes de construção das diferentes formas de produção narrativa em que são inseridas as memórias de Pau de Colher. Emergido, entre os anos de 1935 a 1938, numa região de fronteiras no Baixo Médio São Francisco, Pau de Colher ganhou visibilidade quando seus integrantes, durante o Estado Novo, foram massacrados pela repressão das polícias militares dos Estados de Pernambuco, da Bahia e do Piauí. Narrativas se cruzam, chocam-se, tecem-se e reiteram Pau de Colher como um acontecimento significativo em que suas possíveis dimensões ensejam diversas interpretações e marcam tragicamente o cenário da sua região. Como proposta de análise para o entendimento dos registros, adota-se um diálogo interdisciplinar, onde se faz uso de noções como a de representação cultural e das contribuições da Análise de Discurso que engloba os arcabouços teóricos e metodológicos da pesquisa. Tomando a experiência do movimento religioso popular ocorrido no sertão baiano, fé e luta produzem densos sentidos e exigem um mergulho em contextos que se desdobram pelas conjunturas sócio-econômicas, políticas e culturais que irrompem nos fragmentos dos diferentes registros: relatórios e boletins policiais, jornais, literatura e falas dos entrevistados. É por entre as veredas abertas pelos diversos registros que este estudo procura tratar dos aspectos relativos ao diálogo entre memória, narrativa e história.

**Palavras-chave:** Pau de Colher; Memória; Narrativa; Religiosidade Popular.

## ABSTRACT

---

This dissertation reflects on the construction horizon of different types of narrative productions, in which are inserted *Pau de Colher* memories. This community arose between 1935 and 1938, in between the boundaries of *Baixo Médio São Francisco* region. *Pau de Colher* became visible only when, during the repressive times called *Estado Novo*, its inhabitants were massacred by the military forces of *Pernambuco*, *Bahia* and *Piauí* states. Narratives intertwine, collide, interlace and reaffirm *Pau de Colher* as a meaningful happening in which its dimensions make possible several interpretations and tragically mark the scenery of its region. As an analysis proposal to understand the registers, it is adopted an interdisciplinary dialog that uses notions as cultural representations and discourse analysis contributions, which is part of the research methodological framework. Taking the experience of the popular religious movement that took place in countryside of *Bahia* state, faith and fight produce deep feelings and demand to look into contexts that reverberates in socio-economical, political and cultural conjectures which emerges in the different fragment registers: military short reports, newspapers, literature and interviewees' speeches. It is from the tracks opened through a wide range of registers that this study aims at approaching the aspects related to the dialogs among memory, narrative and history.

**Key-words:** Pau de Colher, Memory, Narrative; Popular Religion.

## SUMÁRIO

---

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I: NARRATIVAS DE LUTA E ENREDOS SOCIAIS.....	19
1.1. Um sertão inquieto e a repressão militar .....	27
1.2. A produção de sentidos nos discursos e memórias policiais .....	32
1.3. Almas criminosas e espíritos salvadores .....	48
CAPÍTULO II: A FABRICAÇÃO DA NOTÍCIA E O ACONTECIMENTO PULVERIZADO.. .....	54
2.1. Falas e escritas jornalísticas.....	75
CAPÍTULO III: MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA LITERATURA .....	81
3.1. Romances: enredos literários.....	82
3.2. Folhetos: versos, memórias e narrativas.....	95
CAPÍTULO IV: NARRATIVAS DE FÉ E TRAMAS DO SAGRADO .....	108
4.1. Pau de Colher: variações da experiência religiosa .....	110
4.2. As (res)significações das devoções em Pau de Colher.....	115
4.3. A salvação está para além do homem.....	125
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	135
BIBLIOGRAFIAS E FONTES .....	140
ANEXOS .....	149

## INTRODUÇÃO

---

No limiar de 1938, deflagram-se no sertão da Bahia os conflitos que envolveram uma pequena comunidade rural do município de Casa Nova, conhecida por Pau de Colher, e as forças legais dos Estados da Bahia, Piauí e Pernambuco. Construída em torno de líderes religiosos, lugares, costumes e experiências de vida eram reinventados a *contrapelo* – para utilizar a expressão de Walter Benjamin – de uma sociedade que buscava uniformizar comportamentos e idéias. Seu caráter religioso popular entrelaçou histórias de luta e fé que se desdobram pelas conjunturas sócio-econômicas, políticas e culturais.

Diante do leque de significados construído sobre o movimento Pau de Colher, propomo-nos ao estudo das narrativas a partir dos diferentes discursos constitutivos dos acontecimentos em que são inseridas as memórias sobre Pau de Colher. Estabelecemos como corte temporal, sem excessivo rigor, o período compreendido entre os anos de 1937 e 1938, por compreendermos ser o momento em que os principais acontecimentos produziram tensões que eclodiram em conflitos duramente reprimidos e deixaram um cenário de destruição com vários mortos, feridos e presos.

No Brasil, as expressões religiosas vêm constituindo um campo controvertido, uma vez que suas práticas de fé reúnem diferenciadas formas e olhares por parte daqueles que se debruçam sobre esta temática. Frente aos possíveis entendimentos, consideramos que a religiosidade popular se apresenta como uma forma particular de leitura do sagrado, sejam elas compreendidas como *catolicismo popular* ou *messianismo*. Desta forma, optamos aqui

pelo conceito de *religiosidade popular* por compreendermos que o mesmo possibilita maior amplitude para as análises das práticas religiosas vivenciadas em Pau de Colher.

No concernente ao universo da religiosidade popular, projetamos como horizonte de análise o catolicismo popular, a partir de um campo de diálogo que por vezes ultrapassa as fronteiras institucionais da Igreja e da ortodoxia católica. Porém, como afirma Cristina Pompa, do ponto de vista doutrinário, o catolicismo popular

*não é “outra religião”, mas a mesma da igreja oficial, cujos símbolos são reinterpretados e carregados de diferentes significações pelos agentes sociais que os praticam. Os próprios agentes não percebem esta autonomia, nem, muito menos, uma oposição à Igreja, cuja autoridade (e até a superioridade sacramental) nunca é posta em discussão. Talvez, mais do que numa produção autônoma, seria mais correto falar numa gestão autônoma<sup>1</sup>.*

À medida que essa *gestão autônoma* do catolicismo popular é tecida pelos encontros e choques culturais, reconfiguram-se práticas muito próprias e específicas, ressignificadas numa relação em que o culto e o popular continuamente se modificam e se influenciam reciprocamente, naquilo que Carlo Ginzburg chamou de *circularidade cultural*<sup>2</sup>.

Fica claro, em nossa interpretação, os traços do catolicismo popular e sua lógica na vivência do movimento Pau de Colher. Apesar das polêmicas apontadas e dos diferentes sentidos que o conceito de *popular* tem recebido, entendemos que essa noção ainda é válida e útil. Ressalta-se, ainda, que os debates sobre esse conceito têm demonstrado sua complexidade. Diferentes sentidos têm sido apontados pelos historiadores da cultura como

---

<sup>1</sup> POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1995. p.136. Conferir também o estudo de Hoornaert sobre a formação do catolicismo no Brasil no período de 1550 a 1800, o qual procura entender como uma religião imposta pelos colonizadores se moldou na cultura do brasileiro e as formas de sincretismos que daí resultou. HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro, 1550-1800*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1978.

<sup>2</sup> Em, *O Queijo e os Vermes*, Ginzburg, ao reconstruir a história de Menochio apreende a cultura em suas influências recíprocas percebendo as relações que se estabelecem entre a cultura popular e a cultura erudita a partir de espaços culturais diferentes, chamando essa relação de circularidade cultural. Diz Ginzburg que “é bem mais frutífera a hipótese formulada por Bakhtin de uma influência recíproca entre a cultura das classes subalternas e a cultura dominante” GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p.24

Peter Burke, Mikhail Bakhtin, Robert Darton, Roger Chartier, Carlo Ginzburg, lembrando-nos que seu uso atrela-se a significados teóricos, sociais e políticos ao longo do tempo<sup>3</sup>.

Sendo um conceito historicamente construído, entendê-lo a partir de uma perspectiva imutável ou simplesmente dicotômica é anular sua historicidade e, ao mesmo tempo, invalidar sua importância que nos ajuda na compreensão das diferenças sociais e no pensar a realidade social e cultural multifacetada do cotidiano. Relevante, neste sentido, foi a contribuição de Gramsci para a noção de cultura, com um conceito mais dinâmico, diminuindo o fosso entre o popular e o erudito<sup>4</sup>.

Vale lembrar também que a dicotomização entre cultura erudita e cultura popular vem sendo constantemente negada pelos historiadores da cultura. Roger Chartier, neste sentido, ao evidenciar a cultura popular como uma *categoria erudita*, que pretende “delimitar, caracterizar e nomear práticas que nunca são designadas pelos seus atores como pertencendo à cultura popular”<sup>5</sup>, põe em realce o significado do conceito do *popular* a partir de sentidos múltiplos, muitas vezes contraditórios em seus sentidos. Antonio Montenegro observa que “analisar a cultura popular como fragmentada é considerá-la da perspectiva da cultura oficial, pois a idéia de totalidade é vista como atributo desta. No entanto, é no próprio trabalho da cultura popular que podemos constatar os limites do alcance da cultura oficial”<sup>6</sup>.

Ressaltamos que não se trata aqui de sobrepor um conceito a outro. Nossas reflexões buscam romper o diálogo dicotomizado entre cultura popular e cultura oficial. Acreditamos que se diferenciam no que tange ao conteúdo e à forma de representação da realidade social,

---

<sup>3</sup> Cf. BURKER, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989; BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1993; DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986; CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995; GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Cia das Letras, 1987.

<sup>4</sup> Cf. SATRIANI, Luigi M. Lombardi. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995. p.179

<sup>6</sup> MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007. p.14

mas que não estão desvinculadas uma da outra. Consideramos a existência das trocas recíprocas que sustentam suas práticas sociais, pois em muitos casos o popular é significado pelo erudito e vice-versa.

Essas reflexões acerca das práticas culturais e sua dinâmica social desdobram-se nas muitas relações e experiências dos *homens* com o sagrado. Na complexa tarefa de definição do sagrado, a religiosidade popular, na presente dissertação, é compreendida dentro de um intrincado conjunto de práticas sociais, significados e valores que são por vezes refeitos, reelaborados, reconstruídos e transformados a partir das tradições culturais, montando assim estratégias de vivências que se ensejam dentro dos embates de relações de forças.

Os chamados movimentos messiânicos se constituíram com recorrência em diversos estudos, sobretudo de antropólogos e sociólogos que produziram leituras importantes sobre movimentos religiosos no Brasil, entre os quais os profícuos estudos de Maria Isaura P. de Queiroz, Vittorio Lanternari, René Ribeiro, Djalma Menezes e Douglas Teixeira Monteiro<sup>7</sup>. Adotando este caminho, alguns pesquisadores, como a própria Maria Isaura P. de Queiroz e Raimundo Duarte, inseriram o movimento de Pau de Colher nessa tradição.

A construção de uma memória geográfica em torno das representações *messiânicas* é arquétipo na constituição dos movimentos de caráter sócio-religiosos populares e na definição de um novo significado para região *Nordeste* que se delineia nas primeiras décadas do século XX. Durval Muniz sublinha que os *fenômenos messiânicos*, termo utilizado para caracterizar a religiosidade popular de um modo geral, “participaram decisivamente na construção da imagem do Norte e do nortista para as populações do Sul<sup>8</sup>” e devemos acrescentar do próprio Nordeste. Isso implica atentar para o fato de que por trás da invenção e cristalização das

---

<sup>7</sup> Cf. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976; LANTERNARI, Vittorio. *As religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. Editora Perspectiva. São Paulo, 1974; RIBEIRO, René. *Antropologia da religião e outros estudos*. Recife: Editora Massangana – FUNDAJ, 1982 e MENEZES, Djalma. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937. MONTEIRO, Douglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

<sup>8</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001. p.59

divisões geopolíticas de um território há um conjunto de representações em disputa, que envolve imagens, discursos e descrições.

Contudo, nada indica que o termo “messiânico”, nem a sua idéia, tenham sido aplicados diretamente pelas comunidades aos beatos e conselheiros ou por eles mesmos. Essa atribuição deve-se antes a grupos letrados, a exemplo dos jornalistas e pesquisadores, que recorrendo à fé cristã para nomear práticas religiosas que lhes apareciam como *desconhecidas*, integraram-nas ao arcabouço interpretativo do mundo “civilizado” do litoral.

Cabe notar que essas interpretações estão vinculadas às questões religiosas e sociais, “como uma força prática, e não como uma crença passiva e inerte de resignação e conformismo”<sup>9</sup>. Desta forma, a religiosidade popular ao assumir dimensões sociais para além da religião, passa a ser considerada expressão de *rebeldia*, *fanatismo* e *perigo*. O religioso e o social neste ponto tocam-se, não se anulam, complementam-se. É neste caráter de entendimento e de completude que tomamos nossas interpretações sobre Pau de Colher. Por se tratar de uma Introdução, não é nossa tarefa aqui nos aprofundarmos no estudo a respeito das perspectivas adotadas pelos diferentes autores acerca dos aspectos que assumem em suas análises os movimentos sócio-religiosos populares, relacionando-os a momentos de crise, de anomia, de rebeldia, de revolução, entre outros.

Sem procurar invalidar as contribuições desses autores, mas na busca de levantar questões que ultrapassem as referências teóricas messiânicas, não podemos adotar uma postura que desconsidere as especificidades e o momento histórico de cada movimento sócio-religioso, caso contrário, cairemos na armadilha de produzir um olhar homogêneo para todos.

Em nossa compreensão, não faz sentido procurar um olhar homogenizador sobre os acontecimentos de Pau de Colher, já que cada narrativa se mostra no conjunto de suas

---

<sup>9</sup> QUEIROZ, Maria Isaura P. *O messianismo no Brasil e no mundo*. São Paulo: Alfa-Omega, 1976. p.29

representações e existem diferentes formas de estruturação sobre os episódios. Apesar de obedecerem a narrativas diferentes e até opostas, não há entre elas limites estanques.

O estatuto narrativo da história dentro dos princípios da tessitura da intriga, como procura demonstrar Paul Ricoeur, não se confunde com o da ficção, pois este reflete sobre a narrativa num lugar e numa temporalidade como ato configurante. Como expressa Ricoeur “o tempo torna-se tempo humano na medida em que está articulado de modo narrativo; em compensação, a narrativa é significativa na medida em que esboça os traços da experiência temporal”<sup>10</sup>. Desta forma o documento não é um simples reflexo do real. Mas é através das questões propostas aos documentos que o passado vai sendo reconstruído, muitas vezes surpreendente e ao mesmo tempo fascinante, tecido e re-tecido nos fios de Clio.

A escolha dos pilares teóricos se efetivará considerando a multiplicidade e o pluralismo das memórias e narrativas, buscando nos caminhos e descaminhos dos registros a compreensão sobre Pau de Colher como um acontecimento significativo, no qual suas possíveis dimensões ensejaram diversas interpretações que marcaram tragicamente o cenário da sua região. Nesta perspectiva, consideramos uma abordagem interdisciplinar, cujos referenciais teóricos se complementam. A noção de *representação cultural* de Chartier<sup>11</sup>, as reflexões contundentes para o historiador sobre narrativa, tempo, memória e história de Paul Ricoeur, fazem o arcabouço e o diálogo teórico com outros autores e nos possibilita apreender as diferentes experiências entre o vivido e o narrado.

Optamos, nesta dissertação, por uma proposta teórico-metodológica baseada nas narrativas e memórias para a reconstrução dos acontecimentos do movimento de Pau de Colher. São significativos os documentos sobre Pau de Colher, registros de suas memórias e

---

<sup>10</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa* (vol. I). Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. p.15

<sup>11</sup> A representação é compreendida por Roger Chartier como as diferentes formas através das quais os grupos sociais, a partir de suas diferenças sociais e culturais, percebem e compreendem sua sociedade e sua própria história. A teoria da representação tem legado contribuições significativas para o entendimento de como se processam a produção de sentidos e trocas simbólicas. Cf. CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

dos seus protagonistas: textos jornalísticos, boletins e telegramas enviados pelas forças policiais, autos de processos, romances, poemas de folhetos literários, obras críticas e testemunhos orais de contemporâneos do movimento ou posteriores à sua destruição. Essa documentação, cheia de contradições, produz diferentes percepções do movimento segundo a especificidade cultural, o contexto político e as posições ideológicas dos seus integrantes.

Na trilha desses registros, a pesquisa de campo desenvolveu-se em várias etapas: no primeiro momento iniciamos o trabalho de levantamento e seleção documental. Nesta fase percorremos em Recife, o Arquivo Público do Estado de Pernambuco, o Arquivo Público da Polícia Militar de Pernambuco, no Quartel do Derby, e a Fundação Joaquim Nabuco; em Juazeiro da Bahia, a Biblioteca da Diocese; em Salvador, visitamos o Arquivo Público do Estado da Bahia e o Arquivo Público da Polícia Militar da Bahia, no Quartel dos Aflitos e, por fim, em Casa Nova, no norte da Bahia, estivemos no Cartório do 2º Ofício e fomos ao encontro dos remanescentes e contemporâneos de Pau de Colher. Toda documentação encontrada e selecionada nos arquivos dessas instituições foram digitalizados e posteriormente transcritos. Foram feitas também entrevistas abertas com remanescentes e moradores em Casa Nova com o objetivo de perceber nas narrativas orais as significações sócio-religiosas do movimento, as quais foram gravadas e posteriormente transcritas.

Como proposta de análise desses registros, escolhemos fazer uso da Análise de Discurso. Por considerarmos o discurso como uma prática social, que ocorre de um modo determinante na produção e reprodução da vida social. Esta posição nos afasta de uma perspectiva puramente lingüística. Segundo Eni P. Orlandi, através da Análise de Discurso “procura-se compreender a língua fazendo sentido, enquanto trabalho simbólico, parte do trabalho social geral, constitutivo do homem e da sua história”<sup>12</sup>.

No nosso caso, os discursos funcionam como referência nas representações

---

<sup>12</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Análise de discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999. p.15

construtivas do social, num momento em que a construção de uma identidade nacional no pensamento social brasileiro constituía-se como esforço de instituir os fundamentos e especificidades de ser, ver e pensar o sertão.

O sertão é relevante na trama de Pau de Colher, por tratar-se não apenas do cenário onde se descortinam os acontecimentos, mas por ser revestido de significados que objetivavam Pau de Colher num campo discursivo. Sendo uma construção histórica e social que sedimenta memórias e narrativas, os lugares geográficos inexistem como realidade puramente natural. O sertão inventa-se e reinventa sentidos “é sem lugar, está em toda parte. O sertão se sabe só por alto”<sup>13</sup>. Por suas lentes Pau de Colher foi produzido e reproduziu o sertão. Assim, a construção do nosso estudo se estrutura em quatro capítulos. Considerando-se as especificidades de cada registro, procuramos apreender Pau de Colher no conjunto das narrativas e não a partir de uma visão isolada ou dicotômica.

No primeiro capítulo, analisamos os registros da polícia de Pernambuco e da Bahia sobre os acontecimentos<sup>14</sup>. Destacamos a participação da polícia pernambucana, a constituição da ação militar em Pau de Colher e as relações entre as oligarquias locais e Estaduais. Detivemo-nos em compreender nesses registros como os discursos militares fizeram uso das teorias e interpretações postas pela modernidade para legitimar suas ações de repressão e construir uma narrativa acerca de Pau de Colher.

O segundo capítulo dedica-se a tratar das representações produzidas pela imprensa. Entendemos que os elementos narrativos constituíram significações sociais que deram visibilidade a Pau de Colher e consolidaram um discurso que envolve aspectos políticos, culturais e religiosos da comunidade.

No terceiro capítulo, através da criação literária, focalizamos as produções dos

---

<sup>13</sup> ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

<sup>14</sup> Em nossos estudos não iremos nos deter especificamente sobre a colaboração do Estado do Piauí na intervenção a Pau de Colher, por compreendermos a necessidade da delimitação que o trabalho exige em seu formato. Utilizaremos da documentação apenas necessária aos propósitos desta dissertação.

romances e folhetos sobre Pau de Colher. Esta abordagem nos possibilitou perceber as aproximações e diferenças entre os relatos policiais, jornalísticos e aqueles associados à *ficção*, que fazem uso de referências simbólicas densas de significados.

No quarto capítulo analisamos mais detidamente os aspectos religiosos do movimento e o seu papel na composição dos acontecimentos. Procuramos apreender a partir de alguns depoimentos e da tradição da religiosidade popular vivenciada em Pau de Colher – que teve como suporte a Missão Abreviada – os elementos incorporados ao mundo religioso do movimento.

Por fim, pretendemos, ao longo da dissertação, discutir as narrativas e memórias sobre Pau de Colher considerando suas junções e contradições, uma vez que “narrar, seguir, compreender histórias é só a ‘continuação’ dessas histórias não ditas”<sup>15</sup>.

---

<sup>15</sup> RICOEUR, Paul. Op.cit. p.116

## CAPÍTULO I

---

### NARRATIVAS DE LUTA E ENREDOS

#### SOCIAIS

Pau de Colher era o nome de uma pequena propriedade rural pertencente à família de Senhorinho, que se situava no município baiano de Casa Nova, região do baixo médio São Francisco<sup>1</sup>. Seus limites eram com Remanso, também na Bahia, São Raimundo Nonato no Piauí e Afrânio em Pernambuco.

A região São Franciscana teve sua ocupação territorial expandida pela pecuária e pela proliferação das sesmarias desde as primeiras décadas do século XVII. Esse modo de colonização marcou profundamente as relações econômicas, sociais e políticas da região. Exemplo bem sucedido desta expansão foi o da família Ávila da Casa da Torre que ampliou seus domínios pelo sertão da Bahia<sup>2</sup>.

Com as missões católicas européias, realizadas entre os séculos XVIII e XIX, a trajetória religiosa feita pelos missionários jesuítas, frades franciscanos, capuchinhos

---

<sup>1</sup> A localidade de Casa Nova surgiu na primeira metade do século XIX. A descoberta e comercialização de sal nas terras da fazenda Riacho de Casa Nova, de propriedade do coronel Manuel Viana, possibilitou o surgimento da povoação que ficou conhecida em virtude do seu desenvolvimento na região. Oficialmente o município foi criado por lei provincial nº. 1873 de 20 de junho de 1879, com área desmembrada do município de Remanso, que por sua vez já pertencera a Pilão Arcado. Na década de 1970, a construção da barragem de Sobradinho na região provocou a mudança de localização da cidade. Foram desalojadas 72.000 pessoas, numa área correspondente a 4.214 km<sup>2</sup>, ficando submersas as sedes de quatro municípios: Casa Nova, Sento Sé, Remanso e Pilão Arcado, incluindo distritos, povoados e fazendas. A transferência para a nova cidade ocorreu no dia 21 de Fevereiro de 1977, quando a barragem de Sobradinho, cobriu a velha cidade de Casa Nova.

<sup>2</sup> Sobre o processo de colonização nas regiões do sertão a partir da Casa da Torre dos D'Ávilas ver o trabalho de BANDEIRA, Moniz. *O Feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

franceses e italianos projeta-se no esforço de evangelização do sertão baiano<sup>3</sup>. Dessas missões, fecundaram-se na região de Pau de Colher as atividades missionárias dos franciscanos e capuchinhos italianos<sup>4</sup>.

Um ambiente profundamente religioso marcou a época da ocupação da região São Franciscana. O catolicismo, que penetrou pelos caminhos do sertão, deixou uma cultura de valorização dos aspectos visíveis da fé, sendo vivido de modo intenso durante as cerimônias públicas dos sacramentos, batizados, casamentos, novenas, romarias, procissões, nas devoções aos santos padroeiros e em muitas outras práticas, conforme a região. Ao longo destas terras, mundos e culturas se entrecruzavam. Tradições culturais não se constituíam simplesmente numa transposição de contextos, mas agiam numa rede de *circularidade*, reconstruindo e reinventando práticas sociais e religiosas. Missionários e vaqueiros percorreram vastos caminhos, vias de comércio e de aventuras desconhecidas. Em suas pegadas foram se estabelecendo “fazendas e povoados que evoluíram sob condições diversas dos engenhos e lavouras do recôncavo”<sup>5</sup>, cuja estrutura organizativa eram as fazendas de gado.

Economicamente, Casa Nova e regiões circunvizinhas baseavam-se nas atividades da agricultura e da pecuária. Cultivo de milho, feijão, mandioca e mamona se constituíam como produtos de subsistência e atividade básica dos pequenos agricultores, com exceção do algodão que tinha uma larga atividade comercial. Entre a população, existia criatórios de caprinos para o auto-consumo e comercialização do couro. A pesca era praticada pelos

---

<sup>3</sup> Segundo Socorro Ferraz as três missões do rio São Francisco realizadas a partir de 1702, “foram dirigidas por padres carmelitas, franceses e italianos até 1761, quando foram extintas”. FERRAZ, Socorro. *Sertão um espaço construído*. In: BARBOSA, Bartira e FERRAZ, Socorro (Org). *Sertão um espaço construído – ensaios de história regional. Rio São Francisco – Brasil*. Universidade de Salamanca, 2005. p.36

<sup>4</sup> A presença de Capuchinhos italianos na Bahia, dar-se por volta de 1671. Conforme Pietro Vittorino Regni, inicialmente o papel desempenhado pelos missionários Capuchinhos no Brasil se restringia à conversão do índio. Com a diminuição da população indígena passou a abranger o povo em geral. A partir de então, as missões assumem a forma de Santa Missão. REGNI, Pietro Vittorino. *Os Capuchinhos na Bahia. Os capuchinhos das marcas e a fundação da Província de N. S. da Piedade*. V.3/1 - Salvador: Gráfica Editora, U.T.J. – Jesi (NA), 1991. Ver também: NANTES, Martinho de. *Relação de uma missão no Rio São Francisco*. Tradução de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1979.

<sup>5</sup> TAVARES, Luiz Henrique. *História da Bahia*. São Paulo: Editora UNESP; Salvador, BA: UDFBA, 2001. p.156

pequenos agricultores e fazia parte do consumo e da renda excedente. A pecuária do gado bovino restringia-se às famílias tradicionais da região: “em Casa Nova a família Viana, em Sento Sé a família Sento, em Remanso os Castelos Brancos e em Pilão Arcado os Correias”<sup>6</sup>.

Havia também na região de Pau de Colher uma pequena feira semanal. Era realizada ao pé de um juazeiro, à beira da estrada principal para Casa Nova, que ligava os povoados de Ouricuri e Lagoa Alegre, onde a população realizava pequenas atividades comerciais de compra e venda de seus produtos agrícolas.

Desde a República, a hegemonia política de Casa Nova fez-se pela influência da família Viana, cuja representação política exerceu-se por governadores, senadores, deputados estaduais e federais<sup>7</sup>. Na época do movimento de Pau de Colher, o Brasil, e especialmente a Bahia, estavam marcados por profundas instabilidades resultantes de impasses econômicos, políticos, sociais e conflitos regionais.

O governo de Vargas em 1930 trouxe profundas repercussões em todo o Brasil. Na Bahia, chegou por meio das forças militares dos tenentes Juracy Magalhães e Agildo Barata e consolidou-se através da interventoria de Juracy Magalhães. As oligarquias locais foram afetadas, com a diminuição de suas prerrogativas, seguindo-se um clima de instabilidade política, ressonância das mudanças de atitude do poder central com o coronelismo. Segundo Ibarê Dantas, é importante perceber que essa mudança política “significou para os coronéis a perda parcial do controle de coerção, principal fonte de seu poder político na Primeira República”<sup>8</sup>. Essa mudança de atitude não significou, no entanto, nem a modificação e nem a submissão das oligarquias rurais baianas ao governo central. A rejeição à interventoria de

---

<sup>6</sup> MELLO, Maria Alba Guedes Machado. *História política do Baixo Médio São Francisco: um estudo de caso do coronelismo*. Dissertação de Mestrado, Salvador: Departamento de Sociologia da UFBA, 1989. p. 52

<sup>7</sup> Provavelmente o casanovense mais conhecido seja Luiz Viana, filho de grande proprietário de terras, criador de gado e político ligado ao partido conservador. Formado em Direito na Faculdade de Recife, foi promotor público, juiz de direito e juiz federal na Bahia (desembargador). Depois de ter presidido o Poder Judiciário da Bahia, Luiz Viana foi também senador estadual e presidente do Senado Estadual. Finalmente, foi governador da Bahia de 1896 a 1900. Seu governo foi marcado pela guerra de Canudos (1896-1897). Da última década do século XIX até 1920, quando faleceu, Luiz Viana exerceu grande influência na política baiana.

<sup>8</sup> DANTAS, Ibarê. *Coronelismo e dominação*. Universidade Federal de Sergipe, PROEX/CE-CAC/ Programa Editorial, 1987. p.27

Juracy Magalhães pelas oligarquias republicanas “fez com que Juracy se visse obrigado a construir sua base política apoiando-se nos coronéis do sertão, para assim conquistar sua hegemonia”<sup>9</sup>.

A região de São Francisco não estava à margem das mudanças políticas que se faziam na Bahia e no país. A década de 1930 compôs um novo momento de consolidação das alianças políticas regionais. Em Casa Nova, a família Viana tinha tradição de mando político. Em Santana do Sobrado, a família dos Araújo era ferrenha opositora dos Vianas, contudo não chegava a colocar em risco a tradição de hegemonia política no município. O Estado Novo chega com a administração política de Casa Nova nas mãos do prefeito Raimundo Santos, ligado à família Viana. Esse período foi marcado por intensas disputas ideológicas. Neste cenário, cangaceiros, beatos, jagunços, comunistas, vistos como ameaças à ordem pública, estiveram presentes como força legitimadora das ações coercitivas do Estado.

As primeiras notícias sobre Pau de Colher remontam ao ano de 1935 quando, nesta época, teria passado por Casa Nova um conselheiro chamado Severino Tavares<sup>10</sup>, pregando ao povo sertanejo sobre o “Evangelho, as mensagens e os milagres do Pe. Cícero, o final dos tempos e o Caldeirão<sup>11</sup>”, além de alertar para a necessidade de normas morais mais rígidas para o comportamento cristão. Prática que se faz presente na história da própria evangelização franciscana e, sobretudo, capuchinha da região, que os beatos e conselheiros reproduziram com renovado vigor, sendo muito comum no interior do catolicismo popular no sertão.

---

<sup>9</sup> MELLO, Maria Alba Guedes Machado. Op.cit. p.91

<sup>10</sup> Sabe-se que Severino esteve na região da Bahia entre os anos de 1933 e 1935, percorrendo diversas cidades, vilas e fazendas do Baixo Médio São Francisco. Casa Nova, Ouricuri, Queimadas, São José, Santa Cruz, Lagoa do Alegre e Pau de Colher foram regiões de sua passagem. Severino era um comboeiro e em seu itinerário pelo sertão, logo se tornou uma figura popular pelas pregações que realizava, ficando conhecido pela alcunha de “Conselheiro”. Cabe frisar que seu reconhecimento como “conselheiro” é, contudo, bastante diferenciado de Antônio Conselheiro líder construtor e figura determinante da trajetória de Canudos. Severino tinha forte ligação com a comunidade do Caldeirão, mas não se fixou na comunidade. Encarregava-se de fazer proselitismo pelas cidades e principalmente pelas zonas rurais. Segundo Tarcísio Marcos, por onde passava aconselhava as pessoas a visitar a comunidade do beato Zé Lourenço e “em alguns casos, até venderem suas propriedades – quando as possuíam – e irem morar no Caldeirão”. ALVES, Tarcísio Marcos. *A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão: 1920-1937*. Recife: Néctar, 2007. p.142

<sup>11</sup> RAMOS, Francisco Regis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991. p.139

Conhecedor da experiência comunitária do Caldeirão<sup>12</sup>, Severino teria pernoitado na casa de Romualdo, onde conversou longamente com seu filho Senhorinho. Segundo consta, Senhorinho era rezador e possuía bastante prestígio na região, por ser um dos poucos que sabia ler. Pertencente a uma família de algumas posses, era um dos lavradores da região que conseguira uma melhor situação financeira plantando mamona e algodão. Com a partida de Severino, tornou-se continuador de seu trabalho na região, transformando-se no principal líder do movimento Pau de Colher. A casa de Senhorinho, no sítio Pau de Colher, aos poucos teria se convertido num local de reuniões religiosas. Numerosas pessoas começaram a freqüentar as reuniões organizadas pelo próprio Senhorinho aos domingos. Nestas, as pessoas se encontravam para rezar e aprender os ensinamentos bíblicos, através da Missão Abreviada<sup>13</sup> e do Caminho Reto, segundo os ensinamentos de Senhorinho.

O beato, como atestam os diferentes registros e testemunhas, era conhecedor da Missão Abreviada de autoria do Pe. José Manoel Gonçalves Couto. O livro era utilizado como um manual devocionário, de onde eram tirados muitos pensamentos, conselhos e exemplos de vida cristã. Sua forma acessível e direta dos ensinamentos bíblicos facilitou o entendimento da gente simples e permitiu que o livro se apresentasse como uma espécie de base doutrinal teológica e catequética dos beatos. O Pe. José Manoel Gonçalves orienta em seu livro que em “qualquer povoação deve haver um missionário; este deve ser um sacerdote de bom exemplo, e na falta d’elle qualquer homem ou mulher que saiba ler bem, e d’uma vida exemplar; e então com um d’estes livros deve fazer a oração ao povo”<sup>14</sup>.

---

<sup>12</sup> Movimento que emergiu em 1926 no Juazeiro do Ceará, sob a liderança do beato José Lourenço, marcado por uma forte religiosidade popular e trabalho cooperativo. Em 1937, as autoridades entenderam que em Caldeirão se criava um foco de ameaças à ordem estabelecida, Caldeirão foi então, atacado e destruído pela polícia.

<sup>13</sup> A Missão Abreviada do Pe. Manoel José Gonçalves Couto, foi bastante difundida, sobretudo no Nordeste durante o século XIX. Publicada em 1867, trazia recursos de orações, explicações teológicas e regras morais que tinham por finalidade *despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos missionários da Igreja*. Circulou pelo sertão de mão em mão, embora sua leitura tenha sido feita apenas pelos poucos alfabetizados. Nas mãos dos beatos e conselheiros, faziam a leitura e interpretação do seu conteúdo, repassado-o ao povo.

<sup>14</sup> COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. *Missão Abreviada*. 9ª edição. Porto, 1873. p.7

Por vinte e oito dias, conduzidas pelos cantos dos benditos e rezas, várias famílias passaram a viver em Pau de Colher. Muitos vendiam o que possuíam ou levavam para a comunidade, deixando para trás suas vidas de miséria, em troca da esperança e de uma realidade menos árdua. Para além dos pressupostos econômicos, que levam diversas famílias de trabalhadores a abandonarem suas moradias, é necessário destacar o papel da religiosidade popular na figura do beato Senhorinho como construtor, líder e divulgador dos seus princípios determinantes da formação da comunidade<sup>15</sup>.

A Chegada do conselheiro Quinzeiro<sup>16</sup> em Pau de Colher, trazendo numerosos remanescentes do Caldeirão, destruído em fins de 1937 e a intensificação do deslocamento de várias pessoas decididas a permanecer na comunidade, tanto pela tentativa de melhorar as condições de vida, quanto atraídas pela figura dos beatos, começam a compor um cenário diferenciado da comunidade. Pau de Colher crescia rapidamente, transformando-se numa comunidade que reunia mais de mil fiéis.

Em princípio de janeiro de 1938, organizam-se algumas expedições de proselitismo de caráter religioso em Pau de Colher. Estas expedições desencadearam conflitos com vizinhos da região, resultando, entre os dias quatro e oito de janeiro, nos ataques às fazendas Barra na Bahia, onde foram mortos José Rodrigues de Souza (o Zé da Barra), José Honório de Souza entre outros. No dia oito de janeiro, as expedições continuaram, ocasionando mais conflitos, desta vez na fazenda de Janjão, localizada na região de Olho d'Água no Piauí, o que elevou o número de mortes na luta com os seguidores de Pau de Colher.

Devido às divergências dos registros, há muita dificuldade em estabelecer se foram os próprios participantes que começaram com os conhecidos “ataques” às fazendas próximas

---

<sup>15</sup> Sobre esse aspecto Della Cava lembra que sob o aspecto religioso escondia-se “muitas vezes, o desejo infrutífero de controlar o meio adverso e sobrepujar as injustiças sociais que faziam de suas vidas uma desgraça. DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.120

<sup>16</sup> Quinzeiro sabe-se nasceu na Paraíba e se chamava Joaquim, casado, veio da Serra do Araripe para Pau de Colher, após a destruição da comunidade do Caldeirão. Viveu no Caldeirão onde era porteiro e zelador da igreja. A última notícia que se teve dele foi em Mudubim, Pernambuco, distante 30 léguas de Pau de Colher. Quando foi atacado pela polícia pernambucana juntamente com outros participantes.

a Pau de Colher, onde morreram várias pessoas. A busca por alimentos, com aumento da população na comunidade, a defesa contra delatores da polícia e contra os *incrédulos* são algumas das possibilidades apontadas por alguns pesquisadores para a formação das expedições que desencadearam os ataques ocorridos. O fato é que as notícias das violentas agressões, em que as vítimas foram mortas a cacetadas, provocaram pânico generalizado na região, atingindo Casa Nova, Juazeiro da Bahia, Remanso, Petrolina, Afrânio, São Raimundo Nonato entre outras localidades próximas a Pau de Colher.

O ponto máximo desses conflitos aconteceu no dia dez de janeiro quando, para combater a comunidade que vinha espalhando temor nas regiões circunvizinhas, formou-se uma expedição militar em Casa Nova, auxiliada pelos fazendeiros locais que cederam: armas – rifles, espingardas; transporte – mulas, cavalos, jumentos; além de munições e mantimentos. Essa expedição contava com o cabo Antonio Vieira da Silva, os soldados João Baptista dos Santos, João Martins dos Santos e cerca de trinta civis arregimentados entre a população de Casa Nova e vizinhanças. Comandados pelo sargento Geraldo Bispo dos Santos e acreditando que alguns tiros reprimiriam o movimento, seguiram para Pau de Colher.

Em marcha para a comunidade, ao aproximarem-se da roça de José Senhorinho, o cabo Vieira dividiu a tropa em três grupos. Próximos a casa de Senhorinho “enxergavam enormes lagartixas na parede” e viam “duas grandes fogueiras e duas mulheres pisando em dois pilões”, não se via “um só homem”<sup>17</sup>. O cabo Vieira então deu o ultimato às pessoas para rendição. Pairou o silêncio. Vieira insiste por mais duas vezes, na última procura intimidá-los atirando. O silêncio é quebrado pelo contra-ataque dos homens da comunidade armados com cacetes, que de dentro da roça, saem sob a exclamação de Senhorinho com um “viva senhor São José. Avança meus irmãos”<sup>18</sup>. Os militares surpreendidos e cercados lançam-se à luta

---

<sup>17</sup> Anônimo. *Histórico de Pau de Colher*. Carta Anônima ao Bispo de Juazeiro D. José Rodrigues. Juazeiro da Bahia, 1983.

<sup>18</sup> Idem. Juazeiro da Bahia, 1983.

armados de fuzis que mal puderam usar. Neste confronto, morre José Senhorinho<sup>19</sup>, além de Ângelo Cabaça e João Damásio, importantes membros da comunidade, ficando feridos vários homens, mulheres e crianças. Entre os militares, foram mortos no choque o cabo Vieirinha, o soldado João Baptista dos Santos e alguns civis, levando à fuga a tropa policial.

Os episódios recentes de Olho d'Água e o fracasso da expedição da polícia baiana levam o governo do Piauí a preparar, logo em seguida, uma segunda expedição. Desta expedição participaram vinte e nove soldados. Sob o comando do tenente Toinho, tentaram atacar a comunidade, mas foram enfrentados pelos membros antes mesmo de atingirem Pau de Colher. Esta reação surpresa levou a força policial piauiense a debandar pela caatinga, numa perseguição implacável dos membros do movimento, até muito distante da comunidade. Tal episódio foi assim descrito por um informante de Alano Viana:

*O mundo escureceu de cacetes. Quando eles (a polícia) viram que se acabavam todos, voltaram para os animais e a confusão se formou. Animal rinchava, animal pulava, animal empinava e eles só conseguiram apanhar 11 cavalos. Nestes 11 animais montaram 29 soldados e desabaram no mundo pra trás. Tão doidos, os fanáticos, estavam, que nem se lembraram dos 19 animais que estavam juntos a eles. Correram mesmo a pé atrás dos soldados, até uma distância de 2 léguas. Os 29 soldados que iam nos 11 animais foram apear com uma distância de 12 léguas. Um sargento ficou morto em Pau de Colher<sup>20</sup>*

A narrativa acima resume bem o espírito da luta desenrolada durante a segunda expedição a Pau de Colher. Atentamos para o fato de que esta reação desestrutura as forças policiais e atrai mais desafetos sobre a comunidade. Com a segunda expedição vencida, soam boatos sobre novos ataques dos membros da comunidade e surge uma forte pressão pública pela iniciativa repressiva dos governos. Neste clima, forma-se uma aliança entre os Estados da

<sup>19</sup> Com a morte do líder Senhorinho, a liderança da comunidade passa a ser exercida por outros membros de confiança próximos de Senhorinho, entre eles, Quinzeiro e José Camilo.

<sup>20</sup> VIANA, Alano. *Anotações de um programa de rádio de Petrolina*, 1983. In: OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. *De Caldeirão a Pau de Colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, 1998. p.143. O jornal O Pharol da cidade de Petrolina, também faz uma breve referência na matéria de 3 de Fevereiro de 1938, enfatizando que: “um contingente da polícia do Piauí foi atacado nas proximidades de Pau de Colher, perdendo um soldado, 8 burros, 3 cavallos e armas, recuando”.

Bahia, Pernambuco e Piauí, com o objetivo de articular uma intervenção conjugada e sem fronteiras das forças policiais destes Estados.

Com a intenção de proteger a cidade de Afrânio, supostamente sob a ameaça de ataques, o governo pernambucano enviou uma coluna da polícia militar composta por noventa homens, comandados pelo capitão Optato Gueiros. Era fins de janeiro de 1938, Pau de Colher enfrentaria sua mais sangrenta luta.

### 1.1. Um sertão inquieto e a repressão militar

As tensões geradas pelos recentes episódios agitavam Casa Nova e as cidades circunvizinhas. Os boatos eram apavorantes; dizia-se que a qualquer momento Casa Nova seria invadida pelos *fanáticos* de Pau de Colher. Vivia-se uma enorme confusão, as populações das cidades próximas temiam ser atacadas, a imprensa falava na *infestação do terror pelos fanáticos*, a polícia após as derrotas das duas primeiras expedições buscava recuperar o prestígio abalado, os governos estaduais queriam responder às pressões políticas pelo fim do movimento e Pau de Colher desejava resistir com seu mundo, com seu sonho.

A respeito desta atmosfera que cercava Casa Nova, lembrou o Sr. José Wilson<sup>21</sup> da varanda de sua casa, a ocorrência de um fato engraçado contado pelo seu pai:

*Tava o pau comendo pra lá. O povo da cidade assombrado (...) Quando um dia, num lugar afastado uns quatro quilômetros vinha uma família, morreu uma criatura, naquela época quando morria uma pessoa tinha o luto. O luto era vestir de preto (...). Alguém desavisado vai daqui, quando encontra aquele luto, não prestou nem atenção em quem era. Imaginou que era os caceteiros quem vinham. Tudo de preto. Aí voltou. Quando chegou na rua, espalhou: os caceteiros estão chegando, vêm aqui pertinho (...) formou o tumulto na cidade. E nessa coisa toda, o rio tava cheio, contam que tinha um sapateiro, o homem se agonizou tanto, desses homens pacato, e vamo, vamo, o barco encostado e ele empurrando o burro, aí disseram: seu João, aí é o burro! Ele pensando que era o barco. Uma mulher pegou o filho*

---

<sup>21</sup> Entrevista com Sr. José Wilson D. Santos, morador de Casa Nova, 69 anos, escrivão aposentado. Casa Nova, 24 de Janeiro de 2008.

*botou nas trouxas e depois procurando o filho e o filho chorando dentro da trouxa de roupa. Era mulher querendo atravessar o rio a pé (...), um pânico. Meu pai se armou de um rifle, um revólver e outras pessoas também e formaram um grupo grande de pessoas com espingardas, porque não tinha pra onde correr, os caceteiros vinham de lá e pra cá o rio. (...) Quando mais logo chega uma pessoa dizendo que não era. Aí acabou a coisa. Logo depois, com muitos dias, aí sim, entrou uma multidão de preto, os restantes que sobraram do tiroteio, da matança, uma carnificina horrorosa. (JOSÉ WILSON)*

Nesse clima, em direção a Pau de Colher, preparava-se para seguir a terceira expedição militar; porém, desta vez, seria bem diferente. O que se arquitetava era uma nova investida composta pelas tropas policiais dos Estados da Bahia, Pernambuco e Piauí, a fim de dar um desfecho aos acontecimentos. Os incidentes das fazendas Barra e Olho D'Água, juntamente com as derrotas das primeiras expedições realizadas pelas polícias da Bahia e do Piauí, foram determinantes para a decisão de uma intervenção avassaladora a Pau de Colher. A organização e deslocamento das forças policiais para a região ocorreram rapidamente.

Contribuíram para essa articulação militar as experiências das séries de acordos e convênios interestaduais, assinados entre os Estados do Nordeste no combate ao *banditismo*. Esses acordos possibilitavam que tropas militares de um Estado ingressassem em territórios para além dos seus limites jurídicos de poder de polícia. O acordo estabelecido para repressão a Pau de Colher não era uma novidade no exercício do poder entre Estados, mas neste caso específico, torna-se revelador de uma prática continuada, intensificada e ampliada pelo Estado Novo, em torno de uma política de controle social construída a partir de uma geografia sem fronteira. Conforme o acordo estabelecido entre os governos de Pernambuco, Bahia e Piauí, a *missão* da polícia era: “agir energicamente contra todo aquele que tentasse alterar a ordem naquela região fronteiriça”<sup>22</sup>.

Os discursos da polícia procuram confirmar a idéia clássica do sertão como espaço de

---

<sup>22</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Relatório Apresentado ao Excelentíssimo Senhor Coronel Tito Coelho Lamego, D.D. Comandante da P.M. pelo Capitão Maurino Cezimbra Tavares, sobre as ocorrências havidas durante as operações contra os fanáticos de Pau de Colher. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

eclosão de movimentos violentos: terra de desordem, terra sem lei, terra de crimes, que se confirmam pelas práticas de violências ligadas a questões da honra, da política e da terra, encobrendo-se as circunstâncias sociais, políticas, econômicas e culturais de insatisfação da população com o mundo a sua volta. Nas descrições dos relatórios oficiais, a população de Casa Nova era mencionada como uma gente *ordeira e pacata*, uma exceção entre os demais municípios, onde as lutas pelo poder político eram violentas. Remanso, Sento Sé, Pilão Arcado, Xique-Xique e Rio Branco constituem casos comuns desses conflitos.

A vigência dos costumes da população sertaneja de forte tradição moral, da cultura do trabalho como sustentáculo da família, convivendo com regras bem distintas e claras de condutas de honra, compunham uma realidade palpável que fazia parte de sua cultura de valores e práticas *costumeiras*<sup>23</sup>, marcadas por vezes pelos estereótipos e pela dicotomia litoral e sertão, letrados e iletrados, civilizados e incivilizados, surgindo dessa ideologia um sertão transformado em oposição ao que é urbano, culto e moderno, que esvaziava tudo quanto compusesse o mundo cultural e as práticas sociais dos sertanejos. Candice Vidal e Souza acentua que a qualificação dos lugares onde habitam os brasileiros persiste empregando “caracterizações de valores ambíguos, alternando para sertão e litoral sinais negativos e positivos”<sup>24</sup>. As práticas policiais, apropriando-se desta ótica, reproduzem um conjunto de informações – em sua maioria abordadas nos relatórios, boletins e telegramas – nas quais suas ações são justificáveis pelo atraso e ignorância da população; essa convicção afirmava-se no entendimento de que

*a religiosidade mórbida foi um dos factores preponderantes, senão o único,*

---

<sup>23</sup> E. P. Thompson ressalta que não se pode compreender o costume como um fato. Longe de exhibir a permanência, o costume propõe um campo de “mudança e a disputa”, onde segundo ele, seu conceito sugere a situação de ambiência que o costume possui: “um ambiente vivido que inclui práticas, expectativas herdadas, regras que não só impunham limites aos usos como revelavam possibilidades, normas e sanções tanto da lei como das pressões da vizinhança”. THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p.90

<sup>24</sup> VIDAL E SOUZA, Candice. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997. p.101

*da reunião de indivíduos ignorantes, que sem o discernimento perfeito das cousas santas, se deixaram sugestionar por promessas somente concebíveis em imaginação doentias*<sup>25</sup>

A operação de intervenção militar montada para reprimir o movimento de Pau de Colher, denominada de *Destacamento do Vale do São Francisco*, estabeleceria um cerco por diferentes pontos geográficos: em Juazeiro-BA, permaneceria o Coronel Maynard Gomes, comandante das forças em operação no Vale do São Francisco e a Secção de Metralhadoras do 28º BC para dar apoio necessário à operação; para Casa Nova dirigir-se-ia o Esquadrão Motorizado da Bahia sob o comando do Capitão Maurino Cezimbra Tavares e a Cia. de Fuzileiros, comandada pelo Tenente Zacharias dos Santos, que atacariam do sul para o norte; na cidade de Remanso, se estabeleceria a Cia. de Fuzileiros do 19º BC, sob o comando do Capitão João Perouse Pontes e um pelotão militar da Bahia, sob o comando do Tenente Gonçalo Rudval da Costa Castro; para Afrânio-PE, deveria se deslocar a força pernambucana sob o comando do Capitão Optato Gueiros, que seguiria na direção de São Gonçalo até Pau de Colher, marchando no sentido de Leste para Oeste. Fazia ainda parte desta operação batalhões do exército, enviados para a cidade de Juazeiro, sob o apoio do Governo Federal. O cerco das tropas tinha por objetivo agirem num esforço conjugado e eficiente de todos os elementos, através de um plano traçado previamente conforme indicam os relatórios militares.

Para maior facilidade das comunicações, foram postas à disposição duas estações de rádio P.Y.E 9 e a P.Y.D 9, além de mantimentos, transportes e armamentos<sup>26</sup>. A cidade baiana de Juazeiro foi escolhida como sede das operações por ser um local estratégico para

---

<sup>25</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Op. cit. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

<sup>26</sup> No relatório do Cap. Cezimbra consta uma relação de armamentos recebidos pela polícia da Bahia: 90 fuzis do systema “Mauzer”, modelo 1908, 90 sabres com as respectivas bainhas do mesmo systema e modelo e 31 cobremiras de metal; no 1º B.C. , por empréstimo, 3 F. M. de ns. 1621, 1802 e 4084; no S.M.B. 12.800 cartuchos de guerra do systema “Mauzer”, modelo 1908, 1.000 ditos do calibre 38 para revolver “Webley Scott”, 200 laminas carregadas a 15 cartuchos para F. M. (3.000). Ibid. Op. cit. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938. Ainda, segundo o jornal O Pharol de 3 de Fevereiro de 1938, para o combate foram enviados “também dois aviões militares, elementos que não chegaram a entrar em acção”. Informação também veiculada no Jornal Diário de Pernambuco de 25 de Janeiro de 1938 o qual informa que: “pilotado pelo capitão Macedo, seguiu para Petrolina um avião de bombardeio do Exercito, equipado com duas metralhadoras. Esse avião irá cooperar na perseguição aos fanáticos do beato José Lourenço”.

mobilização dos destacamentos militares. Sua localização permitia um rápido deslocamento pela Estrada de Ferro Petrolina-Teresina e pela Viação Baiana do São Francisco, contando com diversos vapores que facilitavam o transporte das tropas. Com um forte aparato bélico e técnico estava formada a terceira e decisiva expedição militar que arrasaria Pau de Colher.

No mapa a seguir, temos a definição dos limites geográficos das regiões envolvidas nos acontecimentos.



Fonte: Mapa alterado de Maria Cristina Pompa.

## 1.2. A produção de sentidos nos discursos e memórias policiais

Em janeiro de 1938, o capitão Optato Gueiros, deslocando-se à frente das tropas baiana e piauiense, aproxima-se da comunidade e lança um combate contra Pau de Colher, antecipando-se aos objetivos traçados pelo Destacamento do Vale do São Francisco. Em seu relatório ao Secretário de Segurança Pública de Pernambuco Etelvino Lins, Optato Gueiros comunica as circunstâncias de sua decisão:

*No dia 18 recebi ordens para capturar alguns dos elementos mais avançados do inimigo, o que muito concorreria para facilitar a penetração. Ao aproximar-me, porem, do reducto em Pau de Colher (Estado da Bahia) fui informado da tremenda chacina de famílias inteiras, praticada pelos fanáticos referidos. Com o meu auxiliar, tenente de Souza Ferraz, planejei um ataque ao reducto, em virtude do local onde já me encontrava.*

Em seguida, narra o primeiro embate ocorrido:

*No dia 19, penetrei na densa caatinga, deixando na retaguarda os inimigos entricheirados, sem que pudessem suspeitar da presença da tropa. A's 18 horas do mesmo dia, houve o primeiro choque que degenerou em luta corporal, depois que iniciei o cerco e a tomada das águas.*

Optato Gueiros, ao final do cruento desfecho contra as expressões de fé e da religiosidade, descreve que:

*Durante quarenta e duas horas de combate, não deixei de convidá-los à rendição, oferecendo-lhes todas as garantias; a resposta, porem, era sempre negativa e, em gritos, declaravam que não se entregariam, e que tinham o prazer de morrer, em virtude de contarem com a salvação da alma. E assim, morreram todos<sup>27</sup>.*

---

<sup>27</sup> GUEIROS, Cap. Optato. Relatório do comandante do destacamento das forças da Brigada Militar de Pernambuco Optato Gueiros, apresentado ao Secretário de Segurança Pública Etelvino Lins. Petrolina, 31 de Janeiro de 1938. Os relatórios policiais tiveram ampla circulação na imprensa, transcritos de forma parcial ou total, é o caso do relatório do Capitão Optato Gueiros que foi publicado nos jornais Diário de Pernambuco, O Pharol, Diário da Manhã e Estado da Bahia.

Como se vê, no trecho do relatório acima citado descortina-se um aspecto fundamental da comunidade: o religioso. É amparando-se nesse elemento que Optato Gueiros atribui a religião a destruição de Pau de Colher. Para ele, “a causa que os levou a tão tremenda destruição consistia na horrível blasfêmia e sacrilégio à pessoa da Santíssima Trindade”, uma vez que se trata de “enfermos espirituais” e de “desajustados morais”.

Com atitudes preconceituosas, Optato relacionava o universo cultural dos sertanejos à “tremenda ignorância em que ainda continuam imersos”, um povo “profundamente supersticioso” que facilmente “se deixa fascinar, submetendo-se a qualquer tipo que apresente, com truques e mentiras, certas aptidões julgadas transcendentais”<sup>28</sup>. Para Optato, o homem sertanejo era antes de tudo um pecador, que praticava uma religiosidade eivada de superstições.

Por ser um oficial emblemático da esfera militar da época, no combate aos “infratores da ordem pública” e dos “fora-da-lei” da República, vale a pena determo-nos nesse personagem um tanto quanto singular.

Nascido em Garanhuns, no dia dois de março de 1894, Optato Gueiros era filho de uma família evangélica. Seu pai foi delegado de polícia e alferes da Guarda Nacional João da Silva Gueiros. A mãe chamava-se Rita Cavaleiro. Considerado um autodidata, provavelmente sua educação escolar deve ter se dado até o nível secundário. Seguindo a profissão do pai, sentou praça na polícia pernambucana, como soldado raso, fazendo carreira como todos da sua época, pois não havia escola preparatória de oficiais. Atingiu todos os níveis: de soldado raso a major. No ano de 1930, aos trinta e seis anos de idade, casou-se com Maria Estela de Souza, mais conhecida por *Liquinha*, nascida e criada na fazenda da Barra, perto de Triunfo no Estado de Pernambuco. Converteu-se à doutrina Evangélica por volta do ano de 1928,

---

<sup>28</sup> GUEIROS, Optato. *Lampeão: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*. 3ª edição, Revista e Ampliada. São Paulo, 1953. Op.cit. p.171, 18 e 163

passando daí em diante a atuar como pregador leigo junto aos seus próprios soldados, bem como aos sertanejos nas caatingas.

Atuando como oficial das forças volantes contra o cangaço, com quem travou diversos choques, inclusive com Virgulino Ferreira, o Lampião, tornou-se conhecido nos sertões. Em janeiro de 1938, atuava como delegado regional da cidade de Petrolina, quando foi nomeado pelo Secretário de Segurança Pública de Pernambuco Etelvino Lins para comandar a Brigada Militar de Pernambuco, formando um elo de forças com os demais Estados da Bahia e do Piauí para reprimir Pau de Colher<sup>29</sup>.

À medida que se intensificou a repressão com o propósito de deter a expansão de Pau de Colher e extirpar nos sertões o que era visto como mais um movimento desestabilizador da ordem, colocou-se em circulação pela polícia, narrativas e memórias imbricadas numa mesma rede de formulações que permitiu a funcionalidade da coerção pela legitimidade do Estado autoritário. É o caso da memória repressiva de Optato Gueiros. Através dos relatórios, boletins de ocorrências e telegramas, buscou-se construir a imagem do “inimigo objetivo”, os *transviados da lei*, que vinham “cometendo desatinos: assassinatos, roubos, espancamentos, defloramentos, etc”<sup>30</sup>; tudo isso leva “igualmente a uma objetivação dos crimes e dos criminosos”<sup>31</sup>

Optato Gueiros ressalta que sua ação inicial era aprisionar alguns *elementos avançados do inimigo* para “submetê-los a interrogatório e colher esclarecimentos sobre Pau de Colher”<sup>32</sup>. As declarações da polícia, tal como a do comandante, revelam o nítido

---

<sup>29</sup> As informações sobre Optato Gueiros tiveram como referência seu livro de memórias: *Lampeão: Memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes* e o trabalho do professor David Gueiros Vieira, que tem por título: *Trajatória de uma Família – A História da Família GUEIROS*, publicado no endereço: <<http://www.geocities.com/davidgueiros>>, acesso, 20 de Março de 2007.

<sup>30</sup> LAMÊGO, Cel. Tito Coelho. Relatório Apresentado pelo Comando da Polícia Militar ao Exmº Sr. Major Oswaldo Nunes dos Santos ao Secretário da Segurança Pública, a respeito da campanha ao fanatismo no Vale do São Francisco. Salvador, 8 de Fevereiro de 1938.

<sup>31</sup> Como compreende Foucault, “os processos de objetivação nascem nas próprias táticas do poder e na distribuição de seu exercício”. FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987. p.85

<sup>32</sup> GUEIROS, Optato. Op. cit. p.169

desconhecimento do repressor sobre o movimento. Quem eram os participantes? O que faziam? Qual o número de integrantes? São perguntas sem respostas para os militares, tudo não passando de suposições. A falta de conhecimento da região exigiu o auxílio de moradores das localidades que prestaram ajuda através de alojamento, alimentos, servindo de guia e informante, como esclarece o próprio Optato Gueiros ao dizer que: “auxiliados por dois guias conhecedores de toda aquela região, partimos, aproveitando sempre as partes mais espessas dos matos”<sup>33</sup>. Esse *auxílio* e o apoio constante às tropas realizado por fazendeiros, comerciantes e políticos, demonstra que esses segmentos foram os maiores interessados na intervenção a Pau de Colher.

Vários soldados, acostumados a enfrentar cangaceiros, pisavam o solo das estradas em uma longa caminhada rompendo a caatinga, indo de Afrânio para São Gonçalo e depois para Ouricuri, de onde seguiam por uma estrada que ligava a Pau de Colher, a uma distância aproximada de cinco léguas. Como vimos no relatório do capitão Optato Gueiros, no dia dezenove de janeiro chegava a tropa pernambucana ao seu destino. Optato expõe então aos seus auxiliares, o Tenente Manoel Ferraz e os comandantes de pelotões, as suas intenções quanto ao ataque à comunidade: marcharia a “tropa em coluna (...) dividida em três pelotões” pela densa caatinga, em “silêncio profundo que mal se ouvia o roçar dos ramos nos equipamentos dos soldados”. Segundo registra Optato Gueiros, no primeiro momento do ataque houve um rápido embate corpo-a-corpo, logo definido pelo poder bélico militar:

*Estudada a posição do inimigo no grande acampamento (...) foi o inimigo colhido de surpresa, mas, ainda assim, surgiram fanáticos de todos os flancos do reduto armados a fuzis, rifles, pistolas, bacamartes, espingardas de caça, facões e cacetes, travando-se então uma luta corpo a corpo que seria fatal para a força atacante se não fora um fuzil metralhadora e uma thompson manejados por bens hábeis mãos mas mesmo assim, um dos manejadores, o soldado Luiz Bezerra tombou na luta depois de cinco horas de renhida pugna.*

---

<sup>33</sup> Ibid. p.168

O trágico desenlace nos lembra, não há como dissociar, as descrições de Euclides da Cunha, em “Os Sertões”. Conforme o relatório, após trinta horas de cerco havia se esgotado na comunidade

*toda a água que tinham em potes e em grandes cabaças, choravam todas as crianças pedindo água aos pais; achavam-se completamente apavorados com os tiros e a terrível catinga dos cadáveres que, expostos ao calor do sol, já se decompunham. Confundiam-se com o clamor das crianças as rezas monótonas dos fanáticos que só se interrompiam para praguejar a tropa e protestar ao seu taumaturgo fé e confiança na vitória.*

O capitão segue sua narrativa destacando a situação em que se encontrava o “inimigo” na hora do desfecho dramático. A essa altura dos acontecimentos, a tropa pernambucana já havia tomado à força a principal fonte de abastecimento d’água da comunidade, uma pequena cacimba, e eliminado vários participantes, levando ao terror pela fome, sede e perda dos seus companheiros que ainda resistiam. Estrategicamente posicionada, a tropa colocava Pau de Colher na mira das metralhadoras, com suas bocas fumegantes espalhando o fogaréu em seus disparos, cujo eco dos estampidos se estilhaçava pela caatinga. Na última noite, descreve Optato,

*de tão detestável e horripilante memória, por ordem do comandante da tropa, todos os soldados aconselhavam aos fanáticos que saíssem daquele local e fossem arranjar água para os filhos e as mulheres, prometendo não dar um tiro sequer e que, com toda a liberdade, podiam levar o que pudessem conduzir e não ficassem mais de maneira alguma, naquele lugar. (...) durante uma hora, mais ou menos, notavam-se homens e mulheres num movimento intenso. Outros, porém, revoltados contra a fuga dos companheiros, declaravam morrer firmes, por não duvidarem da salvação a que já haviam feito jus perante o padrim conseeiro<sup>34</sup>.*

A ação intransigente da polícia pernambucana transitou entre a visão heróica e o silêncio. A abertura de um flanco pelo Capitão Optato Gueiros, classificado por ele como um

---

<sup>34</sup> Depoimentos do Capitão Optato Gueiros. In: Estrela, Raimundo. *Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas*. 2º ed. rev. Salvador: Assembléia Legislativa, 1998. p.107 a 109

gesto *humanitário*, a fim de dar saída às mulheres e crianças, teria possibilitado a fuga dos chefes, juntamente com armas e munição existentes na comunidade. Inferimos, no entanto, algumas questões a esse respeito: a descrição não deixa dúvidas, a ação surpresa e o uso de metralhadoras garantiriam a vitória sobre a resistência dos cacetes e velhas espingardas. O poder bélico da polícia foi hegemônico. O capitão Optato, mesmo sem o apoio dos demais destacamentos, é resoluto em sua decisão de desferir seu ataque sobre Pau de Colher com a finalidade de destruí-lo, justificando sua ação numa suposta ameaça de serem atacados. Porém, em sua decisão haveria muito mais. Optato sabia que carregava consigo a certeza da vitória na *Thompson*<sup>35</sup>.

Ao mesmo tempo, a divisão do contingente garantiu melhor posicionamento das tropas, onde *se podia descortinar todo o reduto e seus defensores*. Desta maneira, pensar a abertura de um flanco, em que foi possível a fuga de líderes, armas e munição, sem a percepção da polícia é no mínimo ‘estranho’. Quanto à fuga dos principais líderes, é importante lembrar que no confronto com a polícia baiana haviam sido mortos Ângelo Cabaça, João Damásio e Pedro Bevenuto, que assumiam chefias importantes sob a liderança de José Senhorinho, principal líder também morto no confronto. Assim, a fuga de outras lideranças que atuavam no movimento ocorreu mais pelo desconhecimento da polícia sobre a comunidade e das pessoas que viviam no grupo, do que mesmo pelo argumento exposto por Optato Gueiros, que imputou à fuga desses líderes ao fato de estarem *vestidos de mulher*. O disfarce como estratégia para a saída da comunidade, ao que parece, não foi o fator determinante para a fuga em meio à confusão que se estabeleceu.

Porém, o que torna o acontecimento da fuga uma questão de maior amplitude, é o fato deste episódio ter contribuído para a produção de uma escrita de sentidos sobre os

---

<sup>35</sup> A Thompson é uma submetralhadora desenvolvida na década de 1930 pela empresa americana Colt. Era uma arma refinada, com coronha e empunhaduras de madeira e um acabamento de muita classe. A Thompson foi uma das primeiras submetralhadoras (ou metralhadoras de mão). A Thompson M1, utilizada em Pau de Colher, possuía um carregador tipo tambor, com 50 cartuchos, que permitia dar uma rajada bem maior de tiros.

episódios dos dias dezenove, vinte e vinte e um de Janeiro, que segundo dados da própria polícia, mais de quatrocentas pessoas foram mortas pelos soldados pernambucanos. O ato da fuga provoca uma escrita e uma fala na qual o movimento é dito, e não só dito, mas ganha novas imagens, que se entrecruzam nos discursos da polícia e da imprensa. No ato da fuga, Optato Gueiros aparece como aquele que realizou um gesto de heroísmo guiado por *um princípio de humanidade*, gesto que contraditoriamente se faz pela dor da sede, da fome, da bala por ele mesmo produzida. A fuga causada pelo medo, pela dor, pela confusão, pelo choro, pelo sonho desfeito, continua a simbolizar a ameaça que representava Pau de Colher, como perigo que agora estava à solta, espalhado pela caatinga e que precisava ainda ser eliminado. Nessa escrita, os membros de Pau de Colher não têm um lugar de enunciação enquanto sujeito público e legítimo da sociedade estadonovista. Pau de Colher agora se tornava uma ameaça à ordem que pairava na ilegalidade. Nessa urdidura de acontecimentos “as relações de linguagem são relações de sujeitos e de sentidos e seus efeitos são múltiplos e variados. Daí a definição de discurso: o discurso é efeito de sentidos entre locutores”<sup>36</sup>.

Essas indicações apontam, mais uma vez, para as desigualdades do poder bélico e discursivo que se tenta imprimir como um campo policial aceitável socialmente. Embora Pau de Colher estivesse completamente destruído, as forças policiais do Piauí, Bahia e Pernambuco deram continuidade com uma *ação de vasculhamento* pelas regiões em uma acirrada perseguição aos fugitivos. Esse episódio tomou rumos bastante controvertidos em meio aos acontecimentos. Maurino Cezimbra Tavares, capitão do Esquadrão Motorizado da Bahia, chegou a Pau de Colher logo após sua destruição, no dia vinte e um de Janeiro, iniciando logo em seguida serviços de vasculhamento em que relata a prisão de *crianças e mulheres indefesas*. E ainda que

---

<sup>36</sup> ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Análise de discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999. p.21

*a apresentação somente de algumas armas de cano longo feita pelas forças pernambucanas, corroboram as informações de que fanaticos eram, na sua maioria, armados a cacete, medindo pouco menos de um metro, não deixando, entretanto, de possuir alguns fuzis, rifles e armas outras, em quantidade bastante reduzida*<sup>37</sup>

Essa questão dá maior relevo às circunstâncias em que foram travados os combates e as fugas em Pau de Colher. Para além das justificativas, importava o *cumprimento do dever* que tinha sido imposto, nas palavras de Optato Gueiros: “com a lição que dei não haverá mais fanatismo. Não surgirão mais beatos para colocarem-se à frente de adeptos para prática desenvolva do homicídio”<sup>38</sup>.

Entre discursos por vezes contraditórios, Optato Gueiros reconstrói imagens e informações imprecisas, captadas e postas em circulação principalmente pela imprensa. Em seu relatório informa que:

*Todos os chefes dos fanáticos morreram lutando, constando, entretanto, ter-se foragido ferido, com uma das mãos quase amputada por uma bala, o beato José Lourenço, sendo que o de nome Severino de tal fugiu no início da luta, illeso, conforme declarações dos prisioneiros*<sup>39</sup>.

Quatorze anos depois, em suas memórias registradas no livro publicado em 1952 *Lampeão: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*, que trata da sua atuação militar no combate ao cangaço e aos beatos, Optato Gueiros dá outra explicação: “o beato Zé Lourenço não estava presente”<sup>40</sup> em Pau de Colher. Se “todos os chefes... morreram” no combate e considerando a ausência do beato José Lourenço e de Severino Tavares nos acontecimentos, o que se evidencia destas contradições é um discurso que consiste na elaboração de uma representação que não é neutra, mas que está inserida num jogo de relação de poder.

<sup>37</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Op. cit. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

<sup>38</sup> Estado da Bahia. Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.

<sup>39</sup> GUEIROS, Cap. Optato. Op. cit. Petrolina, 31 de Janeiro de 1938.

<sup>40</sup> GUEIROS, Optato. Op. cit. p.171

No jornal *Estado da Bahia*, diz Optato Gueiros que sua conduta “pode parecer brutal, mas não havia outro recurso (...) Se não fosse a acção do governo, o acontecimento tomaria uma feição gravíssima”<sup>41</sup>. Ainda em suas memórias, expressa uma espécie de defesa em que diz: “houve quem me acoimasse de criminoso e de haver cometido excessos no cumprimento de meu dever”, essa afirmativa demonstra que houve questionamentos à ação repressiva comandada por Optato Gueiros. Longe, portanto de haver um consenso, declara que:

*Em casos semelhantes, podemos acusar também as tropas que atacaram Canudos e Contestado. Estando passíveis de penalidades no mesmo caso deveriam responder pelas vidas de civis os aviadores que bombardeiam centros fabris e concentrações inimigas. Assim como deveria ser paralisada qualquer ação militar de um exército ante a simples hipótese de haver risco de perdas de vidas de mulheres e crianças*<sup>42</sup>.

Ao longo dos relatórios policiais, a violência da polícia é apresentada como necessária. Esse argumento é também empregado pelo Capitão Optato Gueiros, que invoca em sua declaração seu mundo e justifica sua opção numa tradição militar de violência instituída na memória nacional. O uso de violências que estiveram presentes no cangaço, na política dos coronéis, nos movimentos de religiosidade popular, também fez parte do universo da polícia, através de uma violência legalizada, autorizada e aceita pelas populações e pelo Estado.

Manuel de Souza Ferraz, ou simplesmente Manuel Flor, subcomandante das forças policiais pernambucana, escreveu que a sua longa prática em combates

*permitiram formar um conceito sobre heroísmo depois da luta em Pau de Colher. Não existe covardia total: o homem pode ser levado a um estágio de verdadeira fera dependendo do momento vivido ou da preparação, psicológica e sócio-cultural, recebida. O meio primitivo, a ignorância, tendem a modificar a índole humana em algo embrutecido, sem temor e bom senso. O combate de Pau de Colher foi um palco típico do estudo da reação*

<sup>41</sup> Estado da Bahia. Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.

<sup>42</sup> GUEIROS, Optato. Op. cit. p.173

*dos homens. Não lutávamos contra semelhantes, porém contra animais irracionais*<sup>43</sup>.

O *feroz* produto do determinismo geográfico e de um estágio social primitivo são evidenciados como principal entrave à construção de um Brasil moderno, civilizado, elemento de uma explicação única para os mais variados tipos de violências pelo seu modo de agir irracional. Como afirma José Ernesto Pimentel:

*O pensar sobre a ausência de cultura intelectual no homem pobre constitui um aspecto instigante para a compreensão da representação sobre o “feroz” dos sertões. Por trás de um ato feroz está um homem incontinente e inculto. Sem civilidade e sem ilustração, ele é o portador de uma ingenuidade nata. Os letrados associam a criminalidade à ignorância*<sup>44</sup>.

As tensões não existiram apenas entre os diferentes grupos, mas permeiam também grupos semelhantes entre si. É o caso da polícia, cuja atuação da tropa de Pernambuco gera divergências sobre o emprego de seus procedimentos. Diz o capitão Maurino Cezimbra que:

*a falta de obediência ao commando do Dest. do V. S. Francisco, por parte do Snr. Capitão Optato Gueiros e a sua participação em atacar isoladamente os elementos concentrados em Pau de Colher, quando tudo estava previsto para uma acção simultanea das forças piauhenses, pernambucanas e bahianas, importou no sacrifício em grande numero de creanças e mulheres, e possivelmente, na evasão de muitos indivíduos*<sup>45</sup>.

Mesmo o Capitão Optato Gueiros tendo exposto as circunstâncias para realização de sua ação, o posicionamento do capitão Maurino Cezimbra revela o descontentamento, a competição e as discordâncias de entendimento entre as ações da polícia e os seus discursos. E em defesa da atuação das tropas baianas, relembra que:

---

<sup>43</sup> FERRAZ, Marilourdes. *O canto do Acauã: das memórias de Manuel de Souza Ferraz (Manuel Flor) um comandante das forças volantes*. Belém, Pará, 1978. p.290 e 291

<sup>44</sup> PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *A produção do crime: violência, distinção social e economia na formação da província cearense*. Tese de Doutorado, São Paulo: Departamento de História da USP, 2002. p.189

<sup>45</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Op. cit. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

*os principaes chefes José Senhorinho, Pedro Benvenuto e Angelo Cabeça, foram mortos no renhido combate travado corpo a corpo na noite de 10 de janeiro do corrente anno, por um contingente da policia Bahiana, que com esta investida implantou o terror no seio dos fanaticos, destruindo a credence da invulnerabilidade incutida nos seus cerebros pelos “padrinhos”, fracasso esse que os deprimiu physica e moralmente, obrigando a deserção de grande numero delles, decepcionados pelo engodo a que foram levados pela sua ignorância*

(...)

*Que às forças bahianas coube o primeiro sacrifício de ter sellado com o sangue dois dos seus bravos filhos, 3º sgt. Antonio Vieira da Silva, cabo de esquadra João Baptista dos Santos, o solo inóspito das caatingas de Pau de Colher<sup>46</sup>*

A polícia se situa como elemento fundamental de sustentação do poder e da ação do Estado centralizador. Dentro desses princípios, o exercício do poder através da coerção, da violência e da sua *função disciplinar* associavam-se ao combate do crime e da desordem através de uma política de controle social do Estado Novo.

A construção da imagem do *inimigo*, deste modo, situava-se na identificação da desordem nacional. A produção discursiva da polícia reproduzia o discurso ideológico do governo: de manutenção da ordem e combate a desordem. Aqueles que eram identificados como os responsáveis pela desordem eram qualificados como inimigos.

O termo *caceteiro*, denominação utilizada para definir aqueles que pertenciam ao movimento, é exemplar desta identificação e definição dos *inimigos da* ordem republicana. O nome atribuído à gente do movimento vem dos cacetes<sup>47</sup>, um instrumento ambíguo, que segundo Maria Cristina Pompa, os membros portavam “com uma cruz marcada”, o que denota seu significado religioso mensageiro dos “símbolos e dos meios da nova justiça e da nova vida que o grupo pretendia fundar”<sup>48</sup> e que ao mesmo tempo foram utilizados como armas, com os quais muitas pessoas foram ameaçadas e algumas foram mortas nas fazendas Barra e Olho D’Água. Sobre este aspecto Raimundo Duarte comenta que:

<sup>46</sup> Idem. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

<sup>47</sup> Os cacetes eram de madeira, desenhado por várias cruces – geralmente usados pelos homens, entretanto muitas mulheres sabiam manejá-los.

<sup>48</sup> POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1995. p.127

*Estes cacetes eram encarados como um símbolo de justiça divina, pois com ele eram eliminados aqueles “que não eram da mãe de Deus”, bem como aqueles que apresentavam sintomas de “transformação em fera”, o que indicava possivelmente relações com o demônio. Como vemos, existia na ideologia do grupo motivos de ordem sobrenatural que faziam com que a morte fosse considerada mais um bem coletivo do que um hediondo crime<sup>49</sup>.*

O cacete, dentro da dinâmica cultural do grupo, corresponde à própria revelação de algo sagrado e anuncia uma outra ordem. Torna-se revestido de um outro sentido, ainda que permaneça sendo o que sempre fora. Essa expressão do sagrado foi definida por Micea Eliade como *hierofania*<sup>50</sup>. Como demonstra Mircea Eliade, o símbolo expressa o sagrado; ele é importante porque revela uma realidade sagrada, constituindo, dessa forma, uma abertura ao Transcendente. De significado sagrado passou a símbolo de rebelião, rebeldia e desordem, produto de um campo de relações tensas em que das suas *marcas* forjaram-se estigmas sobre os comportamentos do povo de Pau de Colher.

Contudo, não se trata de negar o uso dos cacetes como instrumento de luta. O que queremos enfatizar é a representação da comunidade a partir da nomeação dos “caceteiros”; olhar que revela não apenas uma imagem *pejorativa* que buscava desqualificar o cotidiano cultural vivenciado em Pau de Colher. O que está em jogo nessa relação constitutiva de poder é a produção de sentidos, de significados, de imagens que remetem ao campo da violência, à produção de um símbolo que designava os desordeiros, e é “coextensivo ao corpo social inteiro, não só pelos limites extremos que atinge, mas também pela minúcia dos detalhes de que se encarrega”<sup>51</sup>. Na resistência de Pau de Colher, metralhadoras e cacetes mediram

---

<sup>49</sup> DUARTE, Raimundo. *Notas preliminares do estudo do movimento messiânico de Pau de Colher*. Comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: UFBA, Salvador, 1969. p.19 (mimeo)

<sup>50</sup> ELIADE define *hierofania* como a expressão do sagrado em que um “objeto qualquer torna-se *outra coisa* e, contudo, continua a ser *ele mesmo*, porque continua a participar do meio cósmico envolvente. Uma pedra sagrada, nem por isso é menos uma *pedra* e aparentemente nada a distingue de todas as demais pedras”. No entanto, para “aqueles, a cujos olhos, uma pedra se revela sagrada, sua realidade imediata transmuda-se numa realidade sobrenatural. Em outras palavras, para aqueles que têm uma experiência religiosa, toda a natureza é suscetível de revelar-se como sacralidade cósmica”. ELIADE, Micea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.18

<sup>51</sup> FOUCAULT, Michel. Op cit. p.176

forças, *o que se passou, então, foge a toda descrição*<sup>52</sup>.

No ano de 1935, enquanto em Casa Nova surgiam as primeiras reuniões em Pau de Colher, as tensões políticas no país se aprofundavam. A Aliança Nacional Libertadora (ANL) era posta na ilegalidade e a forte repressão e perseguição aos opositoristas do governo Vargas intensificavam-se. Amálgama que culminaria em 1937 com a instalação do Estado Novo.

Durante os turbulentos episódios de Pau de Colher, o cenário político de Casa Nova tornou-se mais conturbado com os entrecosques políticos das famílias Viana e dos seus adversários, os Araújo. As disputas se acirraram com as denúncias, perseguições e prisões do Prefeito de Casa Nova, Raimundo Santos, do coronel Antônio Honorato e do ex-delegado Manoel Antunes Bacelar, todos suspeitos de ligação com o jornalista casanovense Jerônimo Sodré Viana, partidário da ANL, acusado de propagar *idéias marxistas* e de ser um dos principais mentores intelectuais de Pau de Colher.

O Sr. Adelson Braga<sup>53</sup>, ex-enfermeiro que auxiliou o médico Raimundo Estrela no atendimento aos feridos do combate com a polícia de Pernambuco, quando indagado sobre Pau de Colher, questionou: “pra que mexer nessas histórias? É coisa do passado!”. Contudo, dispondo-se ao ofício do historiador que quer remexê-las, lembrou 1938:

*Nesse tempo, teve um jornalista filho de Casa Nova (Sodré Viana, era atuante jornalista em Salvador e Rio de Janeiro) sobrinho de D. Isabel, mulher de seu Antônio Honorato. Ele foi comunista lá e veio pra aí, aí aproveitaram. Foi no tempo que tinha esse povo (de Pau de Colher), e disseram que eram comunista por causa dele. Sem ser comunista.*(ADELSON BRAGA)

As alegações de atividade comunista foram denunciadas pelos irmãos José e João Araújo, inimigos dos Vianas e utilizada como mecanismo para intervenção política em Casa

<sup>52</sup> Estado da Bahia. Salvador, 23 de Fevereiro de 1938.

<sup>53</sup> Entrevista com o Sr. Adelson Braga, morador de Casa Nova, 95 anos, ex-enfermeiro que atendeu os feridos durante os acontecimentos de 1938. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

Nova, sob a chefia do tenente Zacharias Justiniano dos Santos. A interventoria na prefeitura ocorreu com a argumentação de que a ação das forças militares que iriam operar naquela região não poderiam ser dificultadas por questões de ordem políticas. Sobre esse acontecimento, Maurino Cezimbra, por rádio, comunica ao Major Oswaldo Nunes que:

*já existem Secretaria de Segurança Pública documentos a respeito fornecidos doutor José Araújo pt Pelo exposto se evidencia vg cumprimento dever agindo ação preventiva polícia face embaraços poderiam surgir atuação cidadãos se verdadeiras acusações feitas doutores João e José Araújo vg constante denúncia firmada e entregue pessoalmente a vossência vg conforme suas declarações pt<sup>54</sup>*

Contudo, a intervenção realizada será alvo de questionamento do próprio capitão Maurino Cezimbra, que suspeitando de possíveis manobras políticas adverte o comandante geral Tito Lâmega de que “os adversários políticos não dormem. Aproveitam-se de tudo e de todos para suas vinganças, as suas desforras”. Esse desdobramento político junto ao movimento Pau de Colher precisa ser entendido dentro de um quadro mais abrangente de disputas ideológicas, desafetos políticos e pelo jogo do poder em Casa Nova, possibilitado pela implantação do Estado Novo. Conforme relata Maurino Cezimbra, Pau de Colher estava

*realmente extinto. Mas quando assinei Zacharias Justiniano dos Santos para prefeito do citado município (Casa Nova) os acontecimentos tomaram nova direção. Interesses subalternos nem mesmo políticos eles eram, fizeram com que este oficial iniciasse uma campanha de perseguição e captura aos elementos escapos de Pau de Colher.<sup>55</sup>*

Na opinião de Rui Bruno Bacelar,

*as informações de Cezimbra dão a entender a posição de um oficial médico, indignado com a chacina e violência da intervenção pernambucana e com a atitude do governo da Bahia que por motivos políticos neutralizou a ação*

<sup>54</sup> TAVARES, Maurino Cezimbra. *Fatos históricos de criminalidade: estudo médico social*. Trabalho apresentado ao Instituto Baiano de história da medicina. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.

<sup>55</sup> Ibid. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.

*das forças baianas favorecendo as forças pernambucanas. Por outro lado, o Coronel Cezimbra ficou somente alguns dias na região*<sup>56</sup>.

O depoimento de Maurino Cezimbra levanta ainda outra questão: o exercício da violência que está ligado à polícia não é assumido publicamente. O silêncio sobre a repressão, destruição e prisão dos participantes do movimento sofre uma forte interdição. O jornal Estado da Bahia, de 23 de Fevereiro, escrevia em uma das reportagens do jornalista Azevedo Marques o seguinte título: *Como foram fuzilados 35 Prisioneiros Feridos*. Ao longo da matéria, a notícia é apenas parcial, possivelmente censurada. Segundo o texto:

*Trinta e cinco prisioneiros feridos, na sua maioria mulheres e crianças, foram abandonados numa casa de estrada, em virtude da dificuldade de transporte. Estes infelizes foram encontrados por uma columna da polícia do Piauí e... fuzilados. A chacina estava completa. (...) De um soldado, praça velha do Destacamento do Nordeste, habituado na lucta contra o cangaço, ouvi esta expressão:*

*- Foi um esbagaçamento horrível! Nunca vi igual!*<sup>57</sup>

No relatório do capitão, Maurino Cezimbra, é rapidamente mencionada esta ação da polícia do Piauí, destacando que “os quatro homens, armados a cacetes e as mulheres e crianças, em número de trinta e três, mortos pelas forças piauienses, eram fanáticos extraviados, que se ocultavam em uma pequena casa, de fácil aprisionamento”<sup>58</sup>.

Em suas memórias, D. Iaiá<sup>59</sup> guarda ainda lembranças do tiroteio da polícia de Pernambuco, em que sua mãe, seu irmão, sua tia e esposo foram mortos. São recordações fortes, a ponto de no nosso primeiro contato, ela nos dizer “não quero falar, dói muito”. Porém, ao se dispor mais uma vez a percorrer suas lembranças, elas vão surgindo em meio a emoções. Suas histórias, cheias de desventuras, aproxima-nos do momento da fuga, onde

<sup>56</sup> BACELAR DE OLIVEIRA, Ruy Bruno. *De Caldeirão a Pau de Colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, Bahia: Editora Engeo, 1998. p.177 e 178

<sup>57</sup> Estado da Bahia. Salvador, 23 de Fevereiro de 1938.

<sup>58</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Op.cit. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

<sup>59</sup> Entrevista com D. Maria do Nascimento, conhecida como D. Iaiá, moradora de Casa Nova, 89 anos, participou diretamente dos acontecimentos na comunidade de Pau de Colher no ano de 1938. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

juntamente com seus irmãos passou por várias privações. A sede e a fome acalentada pelos pés de imbuzeiros, que iam encontrando pela caatinga, misturam-se com o medo. Mas o encontro com a polícia foi inevitável. Localizada com um pequeno grupo, foram trazidos para Casa Nova. Durante o percurso, D. Iaiá conta que:

*vinha uma fila de gente. Mas a polícia era boa comigo. E o delegado também. Disse assim: olhe, estas mulher aqui, era eu, a Sinhazinha e os meninos, elas não são como aqueles povo ali não. (...) Muito bom com nós. Não vou mentir. (...) em Casa Nova o delegado que tava lá, não era gente não, era o cão, não tinha rico não tinha pobre. (D. IAIÁ)*

Essa distinção particular da polícia guardada por D. Iaiá – “era boa comigo” – supõe então que era “ruim” com outros, demonstra a dinâmica do uso da força coercitiva pelos militares. Muito nítidas em sua memória são também as lembranças da polícia do Piauí, que além de praticar ações violentas, se apossava de diversos objetos das casas que eram abandonadas pela população:

*Animal apanhou bem uns três e coisa de dentro de casa deixou limpinha. Pegou mais coisa do Piauí, num foi daqui de Casa Nova e de Pernambuco, não. (...) Ficou um bocado de gente doente (...) botou lá na casa velha do finado Rosa. (...) quando veio a força do Piauí, mataram o povo e tocaram fogo na casa. (D. IAIÁ).*

Pelo que se pode apreender, o silêncio sobre as ações das polícias expõe duas questões: uma é o uso indiscriminado da força policial através de trucidamentos daqueles que tentaram desesperadamente escapar da morte ou da prisão degradante; a outra é o uso de um outro tipo de violência, não mais física, mas aquela que exclui e coloca de lado uma outra história, mutilada e emudecida pela ideologia produzida pela *política do silêncio*<sup>60</sup>. É uma história invertida.

---

<sup>60</sup> Cf. ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1997.

Percebe-se com isso que a prática da violência não foi apenas uma ação comum das tropas pernambucas. No sertão, “o sistema vigiar e punir definido por Michel Foucault para as sociedades disciplinares não era ainda senão um luxo na sociedade brasileira de fins do século”<sup>61</sup> XIX e alvorecer do XX. No Estado Novo, a *vergonha de punir* não havia se caracterizado:

*castigados e dispersados como foram os transviados da Lei, o aspecto da luta deverá, de agora por diante, orientar-se no sentido educacional, permitindo a volta dessas famílias aos lares abandonados e os seus reingressos no labor quotidiano de uma vida honesta e tranquilla*<sup>62</sup>.

### 1.3. Almas criminosas e espíritos salvadores

Na década de 1920, Agamenon Magalhães, o futuro Interventor de Pernambuco, escrevia sua tese *O Nordeste Brasileiro*. Nela expressa uma ótica que tornava-se recorrente sobre o sertão e sua gente. Dizia Agamenon que “a ausência de comunicação pronta, a falta de um policiamento cuidado, a justiça mal distribuída e a instrução rudimentar” eram circunstâncias que “originaram os bandoleiros que infestavam o ‘hinterland’ brasileiro”. Essa “anomalia social”, em suas palavras, perturbava a paz dos sertões, onde “o fanatismo é ali uma diátese que se torna imprescindível combater”, pois nessas terras o sertanejo “sem instrução nem cultura, chumbado a um meio social e físico caracteristicamente hostil na ignorância absoluta dos fenômenos naturais, é um supersticioso e por vezes um fanático”<sup>63</sup>.

Na ótica da polícia, os membros de Pau de Colher foram apropriados por uma série de representações: raciais, comportamentais e criminais. Vistos como *transviados da lei*, que se assentavam numa *religiosidade mórbida*, cujos desajustes dos “impulsos inferiores”, dos “instintos atávicos”, das “idéias absurdas”, das “emoções recalçadas”, todos “elementos

<sup>61</sup> PIMENTEL FILHO. Op. cit. p.222

<sup>62</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Op. cit. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

<sup>63</sup> MAGALHÃES, Agamenon. *O Nordeste brasileiro*. 3ª edição, Ed. ASA Pernambuco, 1985. p.42

indisciplinados”, constituíam, “uma vez despertados, um conjunto sintomatológico dos infelizes mentais”<sup>64</sup>. E só por meio de uma *profilaxia social* implantada por campanhas educacionais, essas “vítimas de uma *psychose religiosa*”, seriam levadas a “fácil recondução a um meio sadio”<sup>65</sup>.

Era a gente de Pau de Colher tratada como perturbadora da ordem pública, pois eram interpretados pelos argumentos biológicos que afirmavam a inferioridade física ou mental dos sertanejos; pelos psicopatológicos que os classificavam como um fenômeno de loucura coletiva e pelo determinismo geográfico, que os concebia pelo dualismo *cultural* entre civilizados do litoral e os atrasados do sertão, associados ao ideário de progresso e de civilização, conforme a leitura posta pela visão euclidiana<sup>66</sup>. Neste sentido, a ação do Estado estava fundamentada em defesa da “ordem”, que dependia da marginalização e do controle de vastos grupos sociais. Não devemos esquecer que o Estado Novo adotou este rumo ao tratar da elaboração de um aparelho administrativo de intervenção, regulação e controle social.

Fazia parte do discurso da polícia uma série de idéias de grande repercussão intelectual entre fins do século XIX e começo do século XX. O darwinismo e o evolucionismo social contíguo à antropologia criminal explicavam a realidade social deslocando a visão que atribuía o *fanatismo* a aspectos ligados ao religioso para noção de um *fanatismo* patológico explicado pelas teorias científicas. Nesta perspectiva, ganha maior impulso a noção que se detinha na interpretação da “natureza biológica” do comportamento criminoso. Na leitura prevalente do poder repressivo era, sobretudo, na antropologia

---

<sup>64</sup> Boletim 66 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 24 de Março de 1938.

<sup>65</sup> TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Op. cit. Casa Nova, 4 Fevereiro de 1938.

<sup>66</sup> A “descoberta” do sertão é um choque para Euclides da Cunha, pois se revela um espaço contraditório entre sua própria cultura letrada e urbana, em contraposição ao mundo do sertanejo com sua cultura oral, a qual Euclides não consegue apreender e nem reconhecer como sua. De acordo com Nísia Trindade, o sertão visto nessa perspectiva, é concebido como um dos “pólos do dualismo que contrapõe o atraso ao moderno, e é analisado com frequência como espaço dominado pela natureza e pela barbárie. No outro pólo, litoral não significa simplesmente a faixa de terra junto ao mar, mas principalmente o espaço da civilização”. Ao mesmo tempo, essa cultura tão avessa ao mundo do progresso, há que ser integrada forçosamente no todo da nação republicana. LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamando Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999. p.60

criminal<sup>67</sup> que essas leituras estabeleciam e evidenciavam Pau de Colher como sinônimo de degenerescência racial, social e espiritual.

O *fanatismo* usado para explicar, pela determinação biológica e geográfica, o modo de agir socialmente dos sertanejos, aplicado de modo generalizado aos movimentos sócio-religiosos populares, teve no que concerne à crítica da categoria “fanatismo”, em Rui Facó, uma referência na década de 1960. O autor aponta para os argumentos biodeterministas e salienta que:

*o banditismo e o fanatismo são expressões que os resumem, eliminando-os dos acontecimentos, (...) do nosso lento e deformado desenvolvimento econômico. Mas seriam simples criminosos esses milhares, dezenas de milhares de pobres do campo que se rebelavam nos sertões, durante um tão largo período de nossa história? Seriam apenas os “retardatários” da civilização, como os qualificava Euclides da Cunha?*<sup>68</sup>

Também para Ralph Della Cava, uma percepção a *priori* e demasiadamente rígida, “expõe-se a não levar em conta as relações entre os movimentos religiosos populares e as relações políticas das quais eles cresceram e se desenvolveram”<sup>69</sup>.

Em discurso proferido na inauguração do Quartel dos Aflitos em Salvador, o interventor da Bahia, Cel. Antônio Fernandes Dantas, argumentava ser os fenômenos físicos e hereditários que caracterizavam a criminalidade, um elemento objetivamente detectável nas diferentes sociedades. O mesmo explica que:

*Pouco importa o lugar onde hajam nascido. Chamem-se Antonio Vicente Mendes Maciel, e o titan nordestino de Canudos, como o denominou Xavier*

<sup>67</sup> As últimas décadas do século XIX e início do XX foram períodos de grande ebulição dos diversos campos do conhecimento científico. O darwinismo social, o evolucionismo, a antropometria, a frenologia, o determinismo biológico, possibilitaram ao campo da criminologia, articular-se com diversas áreas, como: o direito penal, a eugenia, ao sanitarianismo e a psiquiatria. A criminologia elaborada na Europa, sobretudo a partir dos trabalhos de Cesare Lombroso, surgiu no Brasil desde pelo menos a década de 1870. Tornou-se um conhecimento voltado para a compreensão do crime e do criminoso e para o estabelecimento de uma política científica de combate à criminalidade. Ver: SCHAWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

<sup>68</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p.7 e 8

<sup>69</sup> DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976. p.19

*de Oliveira, Falaloy, o monge que pregava o suicídio coletivo, vindo na morte um meio único da salvação da alma; Charkdino, o russo do Porm, Jejuador e celerado; João Santos, o misitco, protagonista da maior tragédia jamais vista nos sertões pernambucanos; o mais modernamente, o beato José Lourenço; todos esses grandes insanos caracterizam-se, sem exceção, por um traço único: transformam-se em messias de uma nova religião ou seita. (...) atráe a si todos os retardados mentais que o primitivismo do meio ambiente mantém estacionários. A neuro-psicose de um só contagiou milhares.*

*É o proselitismo inconsciente, já agora armado de bacamarte e cacête, ao lado dos rosários enormes e dos “patuás” milagrosos. É o chamado problema da psico-patologia-social. Eis, na verdade, o caso de “Pau de Colher”, do sangrento desfecho<sup>70</sup>.*

Como demonstra Lilia Moritz Schwarcz, os estudos da frenologia e da antropometria constituíam novas concepções para “justificação de seus métodos de tratamento ‘moral’ sobre o indivíduo e para o estabelecimento de conclusões que traçavam as ligações entre a loucura individual e a degeneração de cunho racional”<sup>71</sup>. Dessa forma, uma prática comum era o exame do cérebro como objeto de estudos criminológicos. Assim era aplicado aos criminosos, para detectar neles o produto de taras, de predisposição ao crime, de degeneração genética e inferioridade racial. Essa explicação estava calcada nas teorias raciais lombrosianas que afirmavam que o indivíduo podia já nascer degenerado: pelo determinismo moral, onde as circunstâncias sociais impeliam a pessoa para o crime e pelo determinismo psicológico que defendia que o modo da pessoa reagir era imutável.

Essas concepções parecem responder às urgências históricas que se colocavam para certos setores das elites nacionais, regionais e locais. Elites cujo discurso, fazia-se pela apropriação de um saber normalizador, capaz de identificar, qualificar e hierarquizar os fatores naturais, sociais e individuais envolvidos na gênese da criminalidade. Essa fala

*repisante da criminologia encontram aí uma de suas funções precisas: introduzir solenemente as infrações no campo dos objetos susceptíveis de um conhecimento científico, dar aos mecanismos da punição legal um poder justificável não mais simplesmente sobre as infrações, mas sobre os*

<sup>70</sup> Boletim 66 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 24 de Março de 1938.

<sup>71</sup> SCHWARCZ, Lilia Moritz. Op. cit. p.49

*indivíduos: não mais sobre o que eles fizeram, mas sobre aquilo que eles são, serão, ou possam ser”<sup>72</sup>*

Nísia Trindade chama atenção para o fato dos debates sobre o sertão, pela intelectualidade do período, consolidarem uma “forte idéia que identifica uma espécie de fase intermediária entre o selvagem e o civilizado”<sup>73</sup>. Esse olhar dicotomizado colocava de um lado os civilizados, os espíritos salvadores e, do outro, as almas criminosas, *os retardados na civilização*.

Finalmente, é importante notar que os registros policiais fazem parte de um discurso institucional e, por isso mesmo, seguem uma determinada lógica que perpassa a própria instituição. Não se trata de um discurso individualizado, mas de pessoas que falam em nome de uma instituição e que têm seu discurso representado pelas regras que dão sentidos a esta instituição.

Desta forma, esses registros, muitas vezes cercados por contradições, ambigüidades, ambivalências, representam as circunstâncias históricas de sua construção. Neste sentido, delimitar a instituição policial na repressão ao movimento Pau de Colher é indispensável na compreensão dos acontecimentos. Por outro lado, em seus relatórios, boletins, telegramas, revelam indícios do mundo político e social no qual estavam imersos aqueles a quem a polícia tentou silenciar. Para as forças policiais, a repressão foi um êxito, conforme observamos nos trechos do telegrama enviado ao presidente Getúlio Vargas, em vinte e seis de janeiro de 1938, pelo então Interventor Federal Interino Cel. Antônio Fernandes Dantas, no qual relata:

*Presidente República*

*Conforme informações Major Tito Lamego, observador enviado Casa Nova, (...) ação polícia pernambucana comando Cap. Optato dia 18 completou extinção fanáticos, existindo entre mortos algumas mulheres, crianças. (...) Tropa polícia baiana ocupa região Casa Nova, Pau de Colher. (...) Levante*

<sup>72</sup> FOUCAULT, Michel. Op. cit. p.20

<sup>73</sup> LIMA, Nísia Trindade. Op. cit. p.113

*produzidos fanaticos, trabalhados extremista, políticos interessados perturbação ordem. Reina completa paz todo Estado*<sup>74</sup>.

Em resposta ao telegrama do coronel Dantas, é enviada a seguinte mensagem:

*Tenho prazer acusar recebimento e agradecer comunicação seu telegrama hontem propósito últimas medidas tomadas com relação acontecimentos Casa Nova. Cordiais saudações.*

*Getúlio Vargas*<sup>75</sup>

Em vinte e um de janeiro de 1938, após resistirem ao intenso fogo cerrado, Pau de Colher era destruído. Durante aproximadamente três meses, houve um imperativo vasculhamento pela Companhia de Fuzileiros da Polícia Militar da Bahia. Foram feitos vários prisioneiros submetidos a julgamento pelo envolvimento no movimento. Após as prisões, as crianças, muitas das quais órfãs, foram levadas para Escola de Menores na cidade de Salvador, outras permaneceram em Casa Nova, adotados por famílias da região.

Contudo, o êxito dos objetivos militares não leva ao silenciamento as memórias e narrativas dos acontecimentos de Pau de Colher. Cabe ao historiador a tarefa de observar as circunstâncias em que estas fontes foram produzidas, suas especificidades, suas intenções e quais eram os sujeitos destes discursos. Como observa Elizabeth Cancelli:

*a dinâmica interna e externa da instituição policial é não só parte integrante da dinâmica social, como a polícia se situa como elemento fundante da manutenção de poder e da ação do estado totalitário e da legitimação que ele pretende dar à violência e aos seus vários instrumentos de violência*<sup>76</sup>.

<sup>74</sup> DANTAS, Antônio Fernandes (Interventor Federal Interino – Nov. 1937 a Mar. 1938). Telegrama ao Presidente da República informando combate entre policiais e civis de Casa Nova contra os fanáticos. Bahia, 26 de Janeiro de 1938.

<sup>75</sup> VARGAS, Getúlio. Telegrama ao Interventor Federal Interino Cel. Antônio Fernandes Dantas. Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1938.

<sup>76</sup> CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993. p.4

## CAPÍTULO II

---

### A FABRICAÇÃO DA NOTÍCIA E O ACONTECIMENTO PULVERIZADO

Durante a eclosão dos eventos em Pau de Colher, os jornais tornaram-se os veículos de comunicação de maior circulação de informações sobre os episódios. O discurso jornalístico adquiriu um papel fundamental na divulgação dos acontecimentos e ocupou uma posição de destaque ao descrever as histórias formuladas a partir de suas próprias estratégias enunciativas e narrativas.

A cobertura da imprensa sobre determinados fatos, em Pau de Colher, passa a ser reconhecida pelo mito do estabelecimento da veracidade, da objetividade, da imparcialidade e da neutralidade jornalística na transmissão dos acontecimentos. A percepção destes critérios, entre os grupos sociais, interfere no próprio acontecimento que passa a ser representado em função de sua veiculação como condição própria de sua eficácia.

Partindo desta premissa, o jornal se constitui em registro dos acontecimentos enquanto espaço de disputa simbólica, em que diferentes segmentos políticos, econômicos e sociais buscam expressar e fazer prevalecer seus interesses e visões de mundo.

Conforme Paul Ricoeur, as narrativas são um meio de *reconfigurar* a nossa experiência temporal. O fato jornalístico, apropriando-se do acontecimento situado no tempo e espaço, estabelece a *tessitura da intriga*. Assim, a *tessitura da intriga* só adquire plenamente sentido quando lhe é restituído o *tempo do agir*, marcando a interseção entre o

mundo do texto e o mundo do leitor<sup>1</sup>. Nossa perspectiva se volta para o texto jornalístico como foi produzido para o leitor, buscando ver quais aspectos são ressaltados quanto à forma da *tessitura da intriga*, utilizada para narrar os fatos sobre Pau de Colher<sup>2</sup>.

Os jornais reproduzem o mundo de seu tempo e, também, influenciam na construção deste mundo conforme a força representativa que exercem. Nenhum registro é apenas registro. Como mecanismo ideológico<sup>3</sup>, produtor de sentido, o jornal seleciona a notícia que passa a ser a face da realidade, construindo-se e legitimando-se como *lugar social*. Deste modo, consideramos que a *fabricação* da notícia parte de um *lugar social* e de uma prática de *escrita* na produção dos discursos. Conforme afirmou Certeau, a operação de construção dos sentidos históricos é fruto da combinação de *lugares sociais*, de *práticas científicas* e de uma *escrita*<sup>4</sup>. É sobre as marcas destas relações impressas nos textos jornalísticos, em que os eventos ocuparam os espaços da imprensa, que compreenderemos as condições de produção de como o texto funciona, de como ele produz sentidos, concebendo-o enquanto materialização histórica<sup>5</sup> e investido de significados.

O texto jornalístico, como afirma Eni P. Orlandi, visto na perspectiva do discurso, “não é uma unidade fechada – embora, como unidade de análise, ele possa ser considerado uma unidade inteira – pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginários), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação), com o que chamamos sua exterioridade constitutiva (o interdiscurso: a memória do dizer)”<sup>6</sup>. Nas notícias

---

<sup>1</sup> RICOEUR, Paul. *Tempo e Narrativa (vol. I)*. Campinas, São Paulo: Papyrus, 1994. p.110

<sup>2</sup> É fundamental ressaltar que não pretendemos realizar um estudo de recepção. Nosso foco é a produção narrativa dos jornais.

<sup>3</sup> Tomamos aqui Ideologia no sentido posto por Orlandi, não como ocultação da realidade, mas como produtora de sentidos. Segundo a autora “podemos afirmar que a ideologia não é ocultação mas interpretação de sentido em certa direção, direção esta determinada pela história”. ORLANDI, Eni Puccinelli. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997. p.101

<sup>4</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.66

<sup>5</sup> Lembramos que os discursos são vistos aqui como produções históricas que estão ligados as realidades sociais que as estruturam.

<sup>6</sup> ORLANDI, Eni P. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. p.54

Pau de Colher aparece como uma *imagem pública* que é colocada em circulação através de diversas descrições e explicações elaboradas por um olhar específico em seus enunciados.

A questão que nos instiga, nos jornais, é perceber, através das notícias que perpassam os meses de Janeiro, Fevereiro e Março de 1938, as narrativas e memórias que se destacaram sobre os eventos ligados a Pau de Colher. Utilizando estratégias de ação e práticas de poder. Apesar do que possa parecer, as notícias sobre Pau de Colher na imprensa somente se acentuaram após o ano de 1938, com os episódios dos ataques realizados por membros da comunidade às localidades vizinhas e a ação de repressão da polícia pernambucana. Circularam nos espaços dos jornais: notícias, relatórios policiais, telegramas, artigos, editoriais e fotografias. Antes disso, não encontramos registros nos jornais que falem a respeito da comunidade. Em geral, os diferentes jornais trazem mais ou menos as mesmas informações. Mas, apesar deles remeterem aos mesmos acontecimentos, constroem universos de entendimentos diversos que circulam e permeiam uma mesma estratégia discursiva.

Dentre os jornais analisados, destacam-se os pernambucanos *O Pharol* e o *Diário de Pernambuco* e os jornais baianos *Estado da Bahia* e *O Imparcial*. Todos apontam para a produção em regiões diferentes; sendo assim, é possível observar a repercussão dos acontecimentos narrados pela imprensa nos Estado de Pernambuco e da Bahia. Não podemos desconsiderar as linhas editoriais dos jornais, cujos interesses dos proprietários figuravam no relevo da política estadual. Para entendermos melhor de onde falaram e quem foram seus interlocutores, importa situar de maneira sucinta esses órgãos noticiosos.

O jornal *Estado da Bahia*, ligado à rede dos Diários Associados, posicionava-se no combate aos grupos políticos que se opunham ao governo, comportando-se como fiel porta-voz das forças conservadoras baianas. O *Imparcial*, fundado em Maio de 1918 pelo jornalista Lemos Britto, passa, no ano de 1933, às mãos da Companhia Editora e Gráfica da Bahia, de propriedade do industrial e político baiano Álvaro Martins Catharino. Após a chegada à

direção do jornalista Victor Hugo Aranha, sua linha editorial muda significativamente, concedendo espaço a uma intensa e explícita propaganda pró-integralista entre os anos de 1935-37, quando se estreitam às relações entre o jornal e a AIB da Bahia. O Imparcial fez intensa propaganda integralista a ponto de ser chamado à época de porta-voz do integralismo na Bahia.

O Diário de Pernambuco foi fundado em 7 de novembro de 1825. Surgiu idealizado por Antonino José de Miranda Falcão. Ao longo de sua criação, o Diário de Pernambuco foi conquistando uma posição de prestígio no cenário recifense. Em 1835, passa as mãos de Manuel Figueroa e Faria e, sob seu comando, transformou-se em órgão oficial dos governos provinciais e estaduais. A família Figueroa exerceu o comando do jornal até 1912, quando este foi comprado pelo Conselheiro Rosa e Silva e depois foi transferido para a família de Carlos Benigno Lira, que deteve seu controle até 1931. Em 1931, é também incorporado à rede dos Diários Associados. Consolida-se, em Pernambuco, a hegemonia dos meios de comunicação de Assis Chateaubriand. O Pharol, fundado em 1915 na cidade de Petrolina, de propriedade e direção do jornalista, João Ferreira Gomes, era um jornal de grande circulação, portador de uma mensagem cristã que estava inserido no contexto social e político da região.

Dentro de um universo de 44 reportagens, realizadas nos 4 jornais, tivemos no jornal *Estado da Bahia* a maior cobertura e no jornal *Diário de Pernambuco* a menor expressividade.

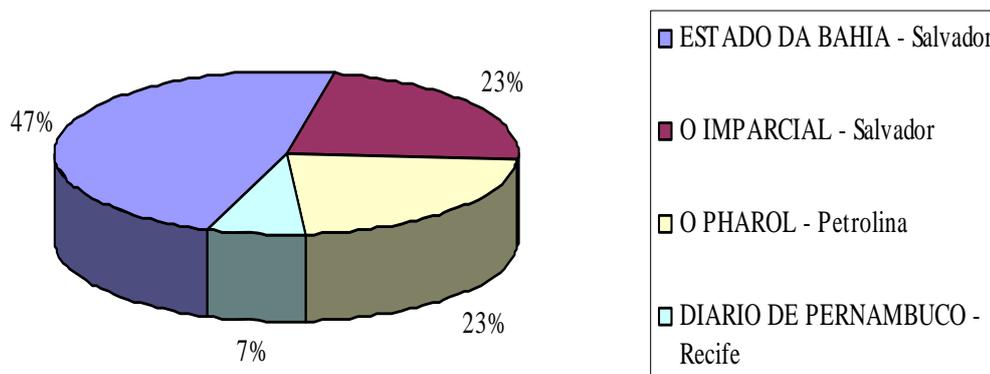
No gráfico abaixo, temos uma melhor definição deste aspecto.

#### GRÁFICO <sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Na análise apresentada tivemos no universo de 44 reportagens a seguinte distribuição: Estado da Bahia – 21 notícias; O Imparcial – 10 notícias; O Pharol – 10 notícias e o Diário de Pernambuco – 3 notícias.

## Panorama Geral das Reportagens sobre Pau de Colher entre os meses de Janeiro à Março de 1938



Fonte: Francivaldo Mendes, 20 de dezembro de 2007.

Como foco, dentre a diversidade de reportagens existentes, optamos por compor um quadro narrativo. O profundo imbricamento entre os temas colocou-se como uma dificuldade de escolha. Para superar esta questão, destacamos os discursos que foram mais constantes na produção das notícias.

No primeiro Quadro, destacam-se os enunciados acerca da política e da religião em Pau de Colher, produzidos em várias reportagens.

### QUADRO I – POLÍTICA e RELIGIÃO

JORNAL	REPORTAGEM
<p><i>O Pharol. Petrolina, 11 de Janeiro de 1938.</i></p>	<p style="text-align: center;"><b>“VOCÊ É NOSSO OU DE DEUS?”</b></p> <p><i>E os fanaticos de “beato” Zé Lourenço vão trucidando barbaramente os que não estão com elles!</i></p> <p><i>Um novo Canudos, em perspectiva, em nossas fronteiras ou uma agitação vermelha?</i></p> <p><i>Ao que se sabe os fanáticos têm praticado toda sorte de crueldades e misérias, depredando e saqueando propriedades e viajantes, trucidando aquelles que não estão com elles ou que não querem fazer parte do seu grupo.</i></p> <p><i>[...] Elles perguntam aos que encontram: &lt;&lt;você é nosso ou de</i></p>

	<i>Deus?&gt;&gt; Se respondem que são de Deus, apanham barbaramente, até ficarem sem vida!</i>
<i>Diário de Pernambuco. Recife, 30 de Janeiro de 1938.</i>	<p><i>Fomentadores de perturbações sociaes provocaram a incursão dos bandoleiros no sertão</i></p> <p><i>Parece que os componentes do reducto de Casa Nova não eram exclusivamente sectários do “beato” Lourenço. Estamos na suspeição de que os agrupamentos daquelle município bahiano eram compostos de conhecidos perturbadores e agitadores profissionaes e, enfim, de gente descontente com a implantação do Estado Novo”. Alludimos ao facto de se encontrarem no grupo conhecido jornalista e um médico da Bahia.</i></p> <p><i>[...] Pessoas de Joazeiro informam que era algo heterogênea a composição do reducto de “Colher de Páu”. Acredito mesmo que contumazes fomentadores de perturbações sociaes imiscuíram-se no meio sertanejo, dirigindo a insurreição que a policia abafou, com rara energia, no próprio nascedouro.</i></p>
<i>O Imparcial. Bahia, 20 de Janeiro de 1938.</i>	<p><i>Você é Nosso, ou de Deus?</i></p> <p><i>Um médico e um Jornalista entre os Fanaticos do Beato Lourenço</i></p> <p><i>[...] Os facínoras usam a expressão “Você é nosso ou de Deus”, quando atacam alguém.</i></p> <p><i>Affirman-se que entre os bandidos se encontra Sodré Vianna em tempos exercendo actividade em um jornal, e o medico Demosthenes Guanaes.</i></p>
<i>Estado da Bahia. Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.</i>	<p><i>O FIM RÁPIDO DO NOVO CANUDOS</i></p> <p><i>[...] interroguei o capitão Perouse sobre a possibilidade dos fanaticos de Pau de Colher se transformarem numa espécie da campanha de Canudos, ao que respondeu, após refletir um momento: - “o facto, na verdade, se revestiu de um aspecto grave, principalmente como uma séria ameaça aos sertanejos da zona, que talvez até paralyzassem as suas actividades. Não acredito, entretanto que se transforme numa campanha de Canudos, em virtude dos elementos de tecnica militar que se possui.</i></p> <p><i>[...] Interroguei então se acreditava na interferência de elementos extremistas na direcção do movimento, obtendo como resposta: - “Não posso precisar uma resposta neste caso, faltando-me os necessários elementos. Não me approximei do reducto. [...] Sou daquelles que acreditam que todo boato em sua existência tem um fundo de verdade. É possível que atraz dos fanáticos actuem elementos intellectuaes desconhecidos da massa de fanáticos. A abertura de um flanco pela columna do capitão Optato, afim de dar saída às mulheres e creanças teria permitido a fuga de taes elementos?</i></p>
<i>Estado da Bahia. Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.</i>	<p><i>Fanaticos de uma estranha religião, illudidos</i></p> <p><i>POR UM BEATO OU PELOS COMMUNISTAS?</i></p> <p><i>[...] O capitão Optato, heroe da bárbara luta, relata detalhadamente o curso das operações e opina com sua autoridade, sobre a repetição de Antonio Conselheiro [...]</i></p> <p><i>COMMUNISTAS ATTRAHINDO FORÇA PARA UM GOLPE ARMADO?</i></p> <p><i>A conversa está agora com um official da Policia Militar. Elle solicita reserva e diz-se informado que o facto é que se trata de um movimento chefiado por communistas explorando o fanatismo afim de provocar uma subversão, no sentido de desguarnecer a capital [...]</i></p> <p><i>NÃO HÁ SÓ FANATICOS</i></p> <p><i>Pensa o capitão Optato que não havia apenas fanaticos. Estes acreditavam na morte como redempção e os que fugiram estabelecem</i></p>

	<i>a hypothese de interferência de elementos políticos. [...] Está entretanto convencido da existência de chefes intellectuaes.</i>
--	---

Fonte: Francivaldo Mendes, 07 de setembro de 2007.

As reportagens do Quadro I acontecem como elo discursivo entre política e religião. As notícias divulgadas comprometiam-se profundamente com a elaboração de uma representação oficial do Estado e do poder político. O exercício do *terror*, presente na imprensa, confirmava a prática política implantada pelo Estado Novo. Tudo era visto ou tornava-se uma ação produzida por comunistas. Neste sentido, nos jornais aparecem diversas informações de que em Pau de Colher havia se formado um foco de integrantes comunistas.

Relacionar as atividades religiosas de Pau de Colher a práticas comunistas, mesmo que contraditório, era dar maior justificativa para a intervenção do Estado e das *forças legais* na repressão a Pau de Colher, acabando com o que seria significado como um perigoso lugar de *agitação vermelha*. Através do posicionamento político e ideológico adotados pelos jornais da época, essas reportagens reforçam a compreensão de como estes discursos específicos se cristalizavam nos espaços urbanos. Ressaltamos ainda que, na década de 1930, vivia-se a memória da recém intentona comunista de 1935<sup>8</sup> e o comunismo era assunto freqüente nos jornais com um alarde sensacionalista.

É necessário distinguirmos que os próprios participantes não tinham como noção a existência de uma comunidade política, e sim religiosa, pois a luta se dava pela sobrevivência às adversidades do cotidiano de miséria. A própria dimensão de Pau de Colher, torna-o uma experiência política e econômica. Porém, sua experiência social será vista e reforçada pelas oligarquias políticas como uma experiência de cunho político, especialmente entre o

---

<sup>8</sup> Intentona Comunista é o nome pelo qual ficou conhecido a tentativa de golpe contra o governo de Getúlio Vargas realizado em novembro de 1935 pela ANL (Aliança Nacional Libertadora), sob a liderança do Partido Comunista Brasileiro.

coronelato que, como chefes partidários em constantes disputas políticas, detinham o poder econômico e político e estavam se sentindo ameaçados.

A falta de braços para lavoura, resultante da migração dos sertanejos para Mato Grosso ou para São Paulo em “fuga” das adversidades climáticas, das misérias e dos desmandos das oligarquias e a recusa daqueles que optavam por não se submeterem ao regime de trabalho existente, constituía-se numa situação de relação de forças no sertão. De um lado, a vigência da política do coronelismo que, no interior do Nordeste, assumia uma “prática efetiva do poder”, em que “o coronel se apresenta como um ‘atravessador’ do exercício da política”<sup>9</sup>; os únicos com privilégios de exercer *o mando* eram os grandes fazendeiros, comerciantes e políticos, legitimados pelo prestígio e riqueza. De outro, a força do beato, exercida pelo seu discurso bíblico. Nessas duas ordens o que legitima o poder é o reconhecimento dos grupos sociais à sua volta.

Os sertanejos que se dirigiam a Pau de Colher não estariam, necessariamente, identificados com nenhum propósito político partidário. Interessavam-lhes viver dentro da conduta do catolicismo popular, pregado pelos beatos e conselheiros no sertão. Contudo, suas presenças passaram a representar uma ameaça às oligarquias, que os nomeavam como “*perturbadores e agitadores profissionaes*”. O temor que se formou, pode ser explicado pela rapidez com que a violência da ação oficial agiu em Pau de Colher.

As informações *noticiáveis* no campo político expõem ainda a continuidade das disputas políticas dos grupos locais nos jornais.

*Apurou essa “volante” que os fanaticos recebiam armas modernas de pessoas das terras ribeirinhas do S. Francisco e que o extremista Sodré Vianna vive com os celerados*<sup>10</sup>.

---

<sup>9</sup> SIQUEIRA, Antônio Jorge. *O Direito da Fala: violência e política em Vidas Secas*. Revista Política Hoje, Vol. I, jan./jul. Recife: Pós-graduação em Ciências Política – UFPE, 1994. p.76

<sup>10</sup> Diário de Pernambuco. Recife, 25 de Janeiro de 1938.

A segurança e a preocupação com a ordem social abrangem amplos setores que transitam entre as esferas pública e privada. Pouco a pouco essas notícias vão servindo para criar um clima de tensão nas localidades e no país. Neste jogo de disputas políticas, predomina uma moderna leitura *urbana* sobre os movimentos sociais: *fomentadores de perturbações, agitadores profissionaes, elementos intellectuaes, reducto, sectários*. Esses adjetivos, nas narrativas da modernidade política, são explorados no discurso do Estado Novo como estigma de desordem.

As notícias procuram conferir a Pau de Colher um aspecto de politização dentro de um projeto comunista, mesmo quando em alguns casos elas aparecem de forma dúbia: *Um novo Canudos, em perspectiva, em nossas fronteiras ou uma agitação vermelha? Por um beato ou pelos communistas?* Seu resultado é tendencioso. No caso da destruição da comunidade, a ausência de qualquer “sinal” que indicasse algum tipo de plano conspiratório comunista não impediu o surgimento de inúmeras interpretações desse tipo, reforçadas pela força e desejo de resistência sertaneja. O fato é que na leitura da República, contemporânea à luta, foram atribuídos sentidos que terminaram por justificar a necessidade do enfrentamento bélico e da eliminação dos *ferozes subversivos* liderados pelo Beato, entendendo-se por subversivo todo aquele que criava desordem e combatia o regime varguista.

Com a destruição, sem qualquer esforço de comprovação das acusações de que eram vítimas, foram julgados e condenados sem direito a sentar na cadeira de réu. Neste cenário de relações de forças, o discurso do perigo comunista esteve para Pau de Colher como o da monarquia para Canudos. Como acentua Cristina Pompa, Pau de Colher passou a ser “lido pela imprensa e, conseqüentemente, pela opinião pública e pela política nacional: como comunismo”.<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1995. p.168

Sob o efeito de grande temor, os acontecimentos de Pau de Colher também surgiram descritos como o *novo Canudos* rememorado por uma noção de perigo iminente. O pressuposto desse discurso estava no argumento de que em Pau de Colher “a incultura, as condições do meio e os fatores econômicos”<sup>12</sup> eram os mesmos existentes em Canudos.

Desde cedo, as reportagens sobre Pau de Colher incorporaram, em seu discurso, semelhanças com os movimentos de Antônio Conselheiro, Zé Lourenço e Lampião.

*FANATISMO! BANDITISMO!*

*As impressionantes e lamentáveis ocorrências de “Pau de Colher”(…) essas tristes ocorrências, que não são as primeiras nem serão as últimas que se registrarão no paiz, enquanto existirem “conselheiros” e “beatos”, enquanto não se levar a sério a questão do alfabetismo e do banditismo*<sup>13</sup>.

Esse efeito, interdiscursivo, era a certeza de mobilizar a opinião pública contra aquela comunidade baiana, e os jornais não tiveram dúvidas em utilizar este pretexto.

No sentido de atrair seus leitores, os jornais foram gradativamente aguçando suas páginas de tragédias, dramas e incertezas. Segundo Cristina Pompa, em sua maioria “os jornais repropuseram toda a conhecida *mitologia* de Caldeirão, junto à de Canudos e de Lampião, nos artigos que aparecem em janeiro de 1938, depois da ocorrência de Pau de Colher. Sobretudo, deram como certa (apresenta a verdade dos fatos) a notícia de que tanto José Lourenço quanto Severino Tavares estivessem no reduto baiano”<sup>14</sup>. Nas reportagens a seguir, vemos, em algumas, a negação da presença de Severino Tavares e Zé Lourenço e, em outras, a afirmação dessas presenças.

*(...) o grupo de Zé Lourenço, composto de 200 homens, ameaça a florescente villa de Afrânio, - à margem da estrada de ferro!*<sup>15</sup>

<sup>12</sup> BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: na letra e na voz*. São Paulo: EDUC, 1999. p. 72 e 73

<sup>13</sup> O Pharol. Petrolina, 3 de Fevereiro de 1938.

<sup>14</sup> POMPA, Maria Cristina. Op. cit. p.91

<sup>15</sup> O Pharol. Petrolina, 11 de Janeiro de 1938.

*Eram chefiados por José Camillo, cognominado “o chefe dos beatos da serra”, com quem conversamos. (...) Interrogado sobre a permanência de Severino Tavares e Zé Lourenço, em Pau de Colher, respondeu-nos que lá elles não estiveram<sup>16</sup>.*

*Zé Lourenço rumou depois para “Pau de Colher” com seu grupo engrossado por moradores das margens do S. Francisco. Logo que penetraram no povoado, perpetraram oito homicídios. Ameaçavam, então atacar “Afrânio”, que fica no município de Petrolina<sup>17</sup>.*

*Asseguro, pelo menos, que o “beato” Lourenço não estava à frente da rebelião sertaneja, está vivendo no Crato e não penso sequer em mandar prendê-lo pois leva uma vida pacífica. O “beato” Severino, pelo que sei, deve encontrar-se muito longe do Cariry<sup>18</sup>.*

É claro que, mesmo algumas reportagens apresentando contradições nas informações, em sua grande maioria a imprensa buscou (re)afirmar a presença de Zé Lourenço e Severino como líderes de Pau de Colher. Portanto, enfatiza-se que parte do que é divulgado, inclusive as contradições mais comuns, deve ser visto como resultado das interferências ideológicas daqueles que detêm o monopólio da notícia.

Nessas reportagens também associam-se alertas sobre o iminente perigo de uma invasão dos membros de Pau de Colher às localidades próximas, gerando maiores temores na população que se encontrava alarmada com os recentes ataques às regiões circunvizinhas. A imprensa propaga essas informações e afirma a presença de grupos armados, associados aos cangaceiros, o que ampliou o clima de medo que se estabeleceu na região. Seu efeito é o de trazer à visibilidade, mostrar o ponto em que devem ser vistos os acontecimentos. O efeito é assim, o da produção de sentidos, e o sentido conferido é o do perigo de um *novo Canudos* e de uma nova *agitação vermelha*.

No Quadro II, destacamos as memórias construídas pelos jornais acerca da ação policial e as representações da comunidade e do beato.

<sup>16</sup> O Pharol. Petrolina, 3 de Março de 1938.

<sup>17</sup> Diário de Pernambuco. Recife, 25 de Janeiro de 1938.

<sup>18</sup> Ibid. Recife, 30 de Janeiro de 1938.

## QUADRO II – POLÍCIA versus BEATOS

JORNAL	REPORTAGEM
<i>O Pharol. Petrolina, 3 de Fevereiro de 1938.</i>	<i>A's 10 horas do dia 19 Pau de Colher era atacado pelos valorosos soldados pernambucanos que travam luta corpo a corpo com os fanaticos, luta terrível que durou 42 horas! Procuramos ouvir os bravos soldados que livraram o paiz de u'a hecatombe pior que a de Canudos.</i>
<i>Diário de Pernambuco. Recife, 8 de Fevereiro de 1938.</i>	<i>O vulto que tomavam as recentes actividades dos fanaticos de José Lourenço</i> <b>FAMÍLIAS INTEIRAS FORAM ASSASSINADAS</b> <b>– FOGUEIRAS PARA QUEIMAR GENTE –</b> <i>Do dia 3 de Janeiro deste anno, os assaltos às fazendas com o trucidamento de famílias inteiras, começaram de modo alarmante e revoltante. Os cadáveres eram incinerados, e tive occasião de ver diversas piras extinctas com ossadas humanas confundidas com carvão e cinza. O mais horrível de tudo isso era o contemplar-se um pé aqui, u'a mão acolá de creancinhas que tiveram a sorte dos paes.</i>
<i>O Imparcial. Bahia, 14 de Janeiro de 1938.</i>	<i>Os fanaticos de José Lourenço espalham o terror e a morte no município de Casa Nova — A policia toma enérgicas providencias [...] Sabe-se que o território desse longiquo município sanfranciscano está sendo infestado por perigosos fanaticos do beato Lourenço, que percorrem as povoações desprotegidas, saqueando e assassinado, como aconteceu na povoação de Pau de Colher, onde perdeu a vida o fazendeiro José Rodrigues de Souza e dois primos seus, além de outras pessoas.</i>
<i>Estado da Bahia. Salvador, 10 de Janeiro de 1938.</i>	<b>FANATICOS E CEARENSES LEVAM TERROR AO ARRAIAL DE PAU DE COLHER</b> <i>[...] Inumeros fanaticos do beato Lourenço, do Ceará, percorrem o municipio saqueando e matando, tendo assassinado na povoação de Páu de Colher, o fazendeiro José Rodrigues de Souza e dois primos seus, além de outras pessoas.</i>
<i>Estado da Bahia. Salvador, 23 de Fevereiro de 1938.</i>	<i>“Foi um Esbagaçamento Horrível. Nunca vi Igual”</i> <b>A CHACINA DE PAU DE COLHER FOI O MAIS BRUTAL QUADRO DA TRAGÉDIA VIVIDA NO SERTÃO BAHIANO</b> <i>[...] Para attestar a brutal chacina que se verificou em Pau de Colher, no dia 19, encontram-se insepultos inumeros corpos, na sua maioria de mulheres e creanças. Falam os documentos officiaes em 157 mortos. Dou a palavra, porém, a um sertanejo, a quem interoguei. Disse-me elle: — havia tanta gente morta, seu doutor, que até os urubus refugavam [...]. Sobre o brutal drama deixo falar o capitão Optato Gueiros, heroe desta triste façanha, transcrevendo as declarações que prestou ao chegar em Casa Nova, perante o delegado especial Francisco Simas.</i>

Fonte: Francivaldo Mendes, 07 de setembro de 2007.

Temos uma série de reportagens que tratam da descrição das ações realizadas pela polícia pernambucana na repressão a Pau de Colher. Alguns jornais chegam a reproduzir, na íntegra, o relatório do capitão Optato Gueiros que foi enviado ao Secretário de Segurança do

Estado de Pernambuco, Etelvino Lins. Sobre este aspecto, no entanto, é perceptível que a polícia tem fala prioritária para dizer o que aconteceu.

As informações apresentadas sobre a repressão são bastante ambíguas. As notícias são relatos fragmentados da ação policial, pontuadas de lacunas de sentido, que condensam difusamente conflitos e tensões. Torna-se difícil estabelecer alguma precisão tanto sobre os números de mortos no combate, quanto ao número de membros que viviam em Pau de Colher. Observamos que a construção das explicações das ações efetuadas em Pau de Colher pela repressão, tomadas pelas narrativas jornalísticas, “está em evitar explicações”<sup>19</sup> que comprometam a eficiência e a forma da atuação da polícia.

Os jornais, submetendo-se às regras de edição, que visam a atender aos ditames dos grupos econômicos e políticos, não possuem a pretensão de transmitir um acontecimento “puro”, mas sempre a partir de um determinado posicionamento que não traduz nenhuma espécie de imparcialidade social. Nesta leitura, podemos considerar as declarações oficiais não só como as que contavam, mas também como produtoras de sentidos da verdade sobre os fatos.

Este posicionamento dava-se pela firme disposição dos poderes públicos em reprimir, inclusive pela violência, os movimentos sociais populares que *desorganizavam* a economia no interior e ameaçavam a estabilidade das instituições políticas. Nesta perspectiva, reforça-se a afirmativa de que *informação é poder*. Perceber a imprensa neste movimento é entender seu discurso como instrumento de poder, seja político, econômico, cultural ou ideológico. Como afirma Foucault:

*Em qualquer sociedade, existem relações de poder múltiplas que atravessam, caracterizam e constituem o corpo social e que estas relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma*

---

<sup>19</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Vol. 1. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.203

*produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso*<sup>20</sup>.

As memórias, enquanto construções sociais, como afirma Pollak, sejam elas de qualquer natureza, pressupõem um trabalho de *enquadramento*. De uma forma ou de outra, a memória é sempre um processo *seletivo e de negociação*, resultado de *esquecimentos e silêncios*<sup>21</sup>. A fala silenciada dos participantes ou o esquecimento da sua existência como testemunha é uma característica importante para pensar as articulações da memória social e do enquadramento proposto pela imprensa.

Nas reportagens, predomina o silêncio sobre a forma como foram reprimidos os participantes, especialmente sobre a ação da polícia pernambucana. O silenciamento da repressão é necessário para que se construa a imagem dos membros de Pau de Colher como desordeiros e foras da lei. Observamos que no trabalho de memória, tecido pelos jornais na seleção das notícias, a violência da repressão policial é aceita como ato heróico. Na ótica da imprensa, a repressão e destruição de Pau de Colher significava o estabelecimento da ordem. É interessante atentarmos para o fato de que mesmo reconhecendo-se na reportagem *a brutal chacina que se verificou em Pau de Colher*, onde tantos cadáveres expostos eram pelos *urubus refugados*, os jornais não deixam de dar a fala e a escrita ao(s) *herói(s)* desta façanha. Demonstrando plena autoridade nas opiniões dirigidas aos leitores, utilizavam uma narrativa que se fundava na elaboração do *mito do herói civilizador*.

*Cumprimos dever saliente que referidos militares que actuaram com heroísmo invulgar libertaram zona conflagrada pelos jagunços agindo com máxima serenidade, disciplina, deixando gravada coração cada habitante impressão de verdadeiros paladinos da ordem pública*<sup>22</sup>.

<sup>20</sup> FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979. p.179

<sup>21</sup> POLLAK, Michel. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. São Paulo, Cpdoc/FGV, 1989. p 3-15

<sup>22</sup> O Pharol. Petrolina, 3 de Fevereiro de 1938.

A memória funda uma cadeia de narrativas que transmitem os acontecimentos legitimados pela fala, que opera a ordem. A força dos discursos era compreendida e empreendida na construção da representação social acerca da polícia e do beato e sua comunidade. Neste sentido, enquanto se relaciona a polícia aos símbolos de heróis, bravos, valorosos e enérgicos soldados, consiste-se em fazer em Pau de Colher com que *verdades* sejam incorporadas por meio da repetição, relacionando-o a símbolos de *ameaças*: facínoras, assassinos, assaltantes, fanáticos perigosos. À religião dos beatos será dada, por algumas vezes, a alcunha de feitiçaria.

O fato de alguns participantes terem trajetória de crime e participarem do movimento ganha relevo nas reportagens dos jornais. Essas circunstâncias aparecem nas notícias orientando uma outra face do discurso jornalístico sobre Pau de Colher.

Percebemos que a violência qualificada nos jornais tal como nos relatórios policiais, de modo geral, é a criminal. Os crimes dos participantes adquirem lugar privilegiado nos jornais e aparecem como a violência por excelência. De um fato singular, a violência praticada por alguns membros de Pau de Colher tornou-se um evento da totalidade dos membros, um tema a ser tratado. Os órgãos noticiosos criaram “alardes”, não no sentido de criar os crimes, mas no sentido de que deram forma e conteúdo determinados a todos os fatos a que se reportavam.

O tema “violência” engloba uma série de diferentes acontecimentos. Todos configurados como produto da “ignorância”, da “falta de instrução” e da “falta de repressão das autoridades”, etc. No entanto, não são todos os acontecimentos, não é toda a realidade, mas uma “parte” da realidade trazida à tona e apresentada como um “todo”.

Uma série de práticas são postas de lado nas narrativas dos jornais. As relações comunitárias daquele povo continuam ignotas. Nas notícias são interrelacionados apenas traços mais abrangentes: tipos de crimes, lugares onde ocorrem e personagens que os

praticaram, emergidos na duração das notícias como se fossem a forma, o onde e o quem da “violência” praticada em Pau de Colher.

*Na luta, os fanáticos perderiam os seguintes chefes – Senhorinho “José”, natural do lugar, conhecido curador de curral, metido a feiticeiro. Ângelo Cabaça, criminoso de morte, na construção da E. F. Petrolina – Theresina, há muito homiziado allí; João Damásio (primo de Senhorinho) elemento indesejável e ladrão de bodes e Pedro Rodrigues ou Pedro Benvenuto conhecido negociante, freguez da firma J. Ferreira & Cia., desta praça. Severino (o maior responsável) conseguiu escapar, fugindo<sup>23</sup>.*

Essa insistente seqüência, na cobertura jornalística de determinadas *personagens criminais*, torna suas histórias sempre presentes. O estereótipo do revoltado e do bandido desafiador da ordem pública está presente no insistente trabalho de (re)narrar, tornando-se casos relacionados no mesmo sistema simbólico, pertencentes a Canudos e Caldeirão.

O tratamento dado pelos jornais aos relatos de violência faz uso freqüente de palavras que nos direcionam ao entendimento de um sertão sem lei, da desordem e violento. Descarta-se com isso a necessidade de questionamento mais profundo do problema, a possível reflexão sobre as condições reais da produção da violência.

Desse modo é que se pode dar destaque ao papel da imprensa que funcionou como instrumento de civilidade, de oposição entre sertão brabo e bárbaro e um litoral de civilidade, aparecendo as figuras do fanático criminoso e do criminoso fanático. Como afirma Gilmário Moreira Brito, essa “criminalização da religiosidade popular deixa antever a perspectiva de ameaça que essa outra concepção moral, valores e de vida representava para a pretendida ordem “civilizada”, moderna, nacional”<sup>24</sup>.

A imprensa construiu um significado sobre o conflito de Pau de Colher, criando opiniões a partir de uma visão urbana. Sua finalidade não era informar, mas controlar a

<sup>23</sup> O Pharol. Petrolina, 3 de Fevereiro de 1938.

<sup>24</sup> BRITO, Gilmário Moreira. Op.cit. p.74

opinião e justificar determinadas ações em torno dos acontecimentos. Essa posição coloca a imprensa como informante oficial da esfera política, clerical e militar.

A dimensão da importância da função testemunhal do jornalismo, entendida pelo mesmo, pode ser compreendida numa das reportagens do *Estado da Bahia*, do dia 28 de Janeiro:

*Sempre que se registra uma ocorrência sensacional, é das normas dos “Diários Associados” movimentar a sua reportagem para o local em que o fato se verifique, de maneira a poder fornecer ao seu grande publico um noticiário perfeito e exato.*

*(...) Tais notícias, porém, têm sido transmitidas por intermédio de terceiros. De acordo com o seu programa de informar aos seus leitores com a máxima fidelidade sobre os fatos que se desenrolam na zona sanfranciscana, ESTADO DA BAHIA enviou para aquele local uma caravana que partiu hoje pela manhã pelo direto de Joazeiro. Constituem a caravana de ESTADO DA BAHIA os nossos companheiros Azevedo Marques, redator deste jornal e diretor da sucursal da “Agencia Meridional” neste Estado, e autor de várias reportagens de grande repercussão publicadas nos “Diários Associados” e o repórter-photographo sr. José Brito.*

Essa visão, que os jornais possuíam da feitura do jornalismo testemunhal, era claramente comprometida com os elementos que faziam ver e crer no relato positivista, aquele que produzia a “verdade histórica”. Ao constituir suas narrativas, os jornais, em seu curso de notícias, acabam ordenando, hierarquizando e controlando os discursos.

### QUADRO III – REPRESENTAÇÕES CULTURAIS

JORNAIS	REPORTAGEM
<i>Estado da Bahia. Salvador, 14 de Fevereiro de 1938.</i>	<i>Foi um quadro verdadeiramente desolador a captulação dos fanáticos. Crenças de peito encontravam-se entre elles. As mulheres apresentavam-se com os cabellos demasiado crescidos e grandes. Inúmeras moças vestidas de preto com a mocidade desperdiçada, pois notando-se que ainda bem jovens, parecem mulheres de idade bem avançada. Muitas chegaram famintas, algumas já se mostram até arrependidas; (...). Nos acampamentos dos bahianos são os prisioneiros muito bem tratados, e os feridos submettidos a rigoroso tratamento.</i>
	<i>(...) Tétrico espetáculo apresentava a longa fileira de pessoas, todas vestidas de preto. Os homens usavam calças e camisas negras; as mulheres, longas saias, blusas e chalés negros, os cabelos crescidos,</i>

<p><i>Estado da Bahia. Salvador, 17 de Fevereiro de 1938.</i></p>	<p><i>completamente despenteados e sujos, o que dava um aspecto ainda mais impressionante ao espetáculo. As mulheres estavam ainda descalças, conduzindo ao lado, crianças, que assustadas, começaram a chorar, provocando uma gritaria infernal.</i> (...) <i>A maioria conduzia grandes cruzeiros e rosários, rezando-os continuamente durante toda a longa caminhada. (...) Não obstante a prisão encontram-se dominados pelo fanatismo de tal maneira, que assume caracter de uma verdadeira loucura colectiva.</i></p>
<p><i>Estado da Bahia. Salvador, 22 de Fevereiro de 1938.</i></p>	<p>(...) <i>Sinhorinho, acolyto dedicado, construiu no terreiro de sua roça um enorme girau, abrigando os inumeros adeptos. As roupas communs eram substituídas por uniformes negros. Homens, mulheres e crianças pareciam demônios num sabbat, naquellas vestes rústicas. Prohibido era pentear os cabelos. A refeição a mais frugal: um pequeno prato de “pintado” (mistura de feijão de corda e milho), com um pouco de farinha. Em abundância as rezas e as predicas dos chefes.</i></p>
<p><i>Estado da Bahia. Salvador, 24 de Fevereiro de 1938.</i></p>	<p style="text-align: center;"><i>EM CASA NOVA</i></p> <p>(...) <i>A tétrica procissão atravessou as ruas da cidade sob os olhares curiosos de toda população. Olhavam-nos, a maioria, não como irmãos infelizes, victimas de uma organização social defeituosa; mas sim, como perigosas feras. Em filas, com olhares de espanto, seguiam as mulheres e as crianças, rostos esqueléticos, cabelleiras grandes e sujas, pés descalços, vestidas em desajeitadas saias e camisas pretas. Atraz vinham os homens trazendo nos hombros os feridos. De uma mulher, ao entrar em Casa Nova que rompia à fila ouvi as seguintes palavras, dirigidas a sua companheira: - Mulher! Olha como este povo constroe as casas! Umhas grudadas nas outras!...</i> (...) <i>Como esta, a maioria nunca abandonara as caatingas para visitar, ao menos, a villa próxima. Ignorantes e semi-selvagens.</i></p>

Fonte: Francivaldo Mendes, 07 de setembro de 2007.

Nas reportagens apresentadas pela imprensa, geralmente, os títulos das manchetes são destacados em letras garrafais. Com isso, busca-se estabelecer um sentido que determine o interpretável e o dizível sobre Pau de Colher para o leitor: a opinião. As formulações dos títulos nas manchetes trazem um objetivo claro: nomear Pau de Colher e produzir uma opinião fechada para o leitor. Como afirma Walter Benjamin, os fatos “chegam acompanhados de explicações. Em outras palavras, quase nada do que acontece está a serviço da narrativa, e quase tudo está a serviço da informação”<sup>25</sup>, carregado de uma pseudo-neutralidade.

<sup>25</sup> BENJAMIN, Walter. Op. cit. p.203

Assim, os jornais produziram mecanismos discursivos quanto à comunidade, construindo manchetes como: “*Fanáticos cearenses levam o terror ao arraial de Pau de Colher*”, “*Iluminados da Confraria do Cão*”, “*Fanáticos e bandoleiros*”, “*A agitação dos fanáticos*”, “*Fanatismo! Banditismo*”, “*Fanatismo dissolvente e destruidor*”, etc. Os jornais enaltecem a idéia de heroísmo e bravura das polícias que combateram o movimento. E, constroem o discurso do medo, do pavor que se impunha à região do sertão baiano.

A este aspecto, no Quadro III, outro elemento se soma: a descrição. A imprensa descobriu que explorar e anunciar temas como a “seca”, o “flagelo do sertanejo”, o “banditismo”, “o fanatismo” ao Brasil e ao Nordeste significava sensibilizar, polemizar a opinião pública e vender muitos jornais. É necessário lembrar que a imprensa pautava-se na construção de um discurso que produzia a opinião. Percebe-se nessas manchetes um estigma atribuído à imagem de Pau de Colher e, ao mesmo tempo, uma espetacularização da violência a ele atribuída. É neste cenário que seguem as reportagens que descrevem a prisão de membros da comunidade, após as *operações de vasculhamento*. A narração não só informa, mas descreve e produz uma imagem discursiva sobre os membros de Pau de Colher. As mulheres, os homens e as crianças são representadas nessas reportagens não pelos traços das imagens fotográficas, mas pelos traços descritivos da escrita. As notícias condensam difusamente conflitos, temor e piedade.

Os sentimentos são explorados de forma intensa pelas descrições apresentadas e tem o objetivo de produzir forte emoção e repulsão na exibição de um quadro de horrores: *rostos esqueléticos, cabeleiras grandes e sujas, pés descalços, vestidas em desajeitadas saias e camisas pretas, gritos infernais, demônios num sabbat*. Junto com esses discursos, as reportagens de Azevedo Marques combinaram-se às imagens fotográficas de José Brito<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> O jornal Estado da Bahia produziu uma série de reportagens sobre Pau de Colher. Parte delas foram realizadas pelo jornalista Azevedo Marques e o repórter - fotógrafo José Brito, enviados ao palco dos conflitos, logo após os confrontos ocorridos entre a polícia de Pernambuco e a comunidade de Pau de Colher.

Analisando o conjunto de imagens utilizadas pela imprensa como recurso do fotojornalismo<sup>27</sup>, Gilmário Brito diz que:

*A narrativa das fotografias “respondeu ao afã de objetividade”, conferindo aos relatos policiais e jornalísticos provas documentais de valor inquestionável, na demonstração das ignorantes condições de vida no sertão e urgência de sua reformulação por meio de “rumos e metas”, de acordo com a linguagem do tenente Zacarias.<sup>28</sup>*

A reincidência com que determinadas falas aparecem, atribuindo valores negativos aos membros de Pau de Colher, são decorrências dos sentidos pelos quais os símbolos são organizados, repassados, nomeados e, sobretudo, legitimados. A essas narrativas cabe hierarquizar os sentidos e os valores, indicando condutas, costumes, separando o que é dizível e o que é indizível. Nessas narrativas estão postos os lugares da normalidade e da patologia, do sagrado e da heresia, do bem e do mal. É interessante também o fato dessas reportagens apontarem para o esforço em demonstrar que sob a “tutela” do Estado *são os prisioneiros muito bem tratados*.

A noção de higienização social será aceita tanto nos cortiços urbanos, quanto nas *latadas* de Pau de Colher, onde viviam sujeitos *ignorantes e semi-selvagens*. Essa ignorância e abandono que tratam os jornais aparecem como representação e reinterpretação do sertão enquanto patologia social, cuja influência das idéias higienistas estão presentes nas narrativas da imprensa ganhando “destaque a idéia do sertão como sinônimo de doença e de uma natureza agressiva ao homem”<sup>29</sup>.

Para o sucesso desta higienização modernizadora era necessário, enfim, eliminar o foco que continuara a abrigar os mesmos degenerados e *semi-selvagens* da cadeia do

<sup>27</sup> Não será aqui analisada a produção foto jornalística, apenas a salientamos pelo fato destas fotografias associarem-se às narrativas escritas. Seu estudo mereceria um capítulo particular com teorias respectivas que fogem ao nosso objetivo. Sobre essa questão indicamos a leitura do capítulo do livro de Gilmário Moreira Brito, *Pau de Colher na letra e na voz*.

<sup>28</sup> BRITO, Gilmário Moreira. Op cit. p.97

<sup>29</sup> LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999. p.110

darwinismo social e do determinismo geográfico. Negavam o evolucionismo, contrariavam até mesmo as leis da ciência, como afirma Azevedo Marques em reportagem realizada em 22 de Fevereiro:

*PAU DE COLHER UM PEQUENO CANUDOS*

*(...) Negando Euclides da Cunha – Homens trabalhadores transformados em feras – (...)*

*(...) Ler a tragédia de ontem, em Canudos, e ler o drama de hoje, em Pau de Colher e na Serra do Campo Alegre. Os motivos são os mesmos; mesmos os loucos personagens. Um povo sofredor, ignorante; esmagado pelas doenças, desalentado pelo clima hostil, abandonado pelos governos, procura fora da terra na região impenetrável dos mistérios, o consolo para tanta luta . (...) Apresentando a sua inigualável obra, Euclides da Cunha prevê o avanço da civilização nos sertões, “impelida por força implacável, “força motriz da História”, que Gumplowicz, maior do que Hobbes, lobrigou, num lance genial, no esmagamento inevitável das raças fracas pelas raças fortes”. Infelizmente a previsão do infeliz escritor ainda não se realizou. Quase meio século se passou da brutalidade de Canudos. O nosso sertão continua o mesmo. Os retardatários de ontem, continuam sendo os retardatários de hoje. E nós, os civilizados, empregamos os mesmos “methodos” para reeduca-los, quando explodem em suas fúrias.*

Em outra reportagem publicada no Estado da Bahia, do dia 2 de Fevereiro, que tem por título: *ILUMINADOS DA CONFRARIA DO CÃO!* chama-nos a atenção para a notícia o aspecto do qual trata o conteúdo da matéria. O repórter Azevedo Marques relata que:

*(...) última chronica a respeito das atividades dos fanáticos, referi-me à prisão em Remanso do sertanejo Daniel Ferreira Nunes, que era acusado de elemento de ligação entre os fanaticos e individuos de Remanso, tendo como função principal o fornecimento de viveres.*

*Este fato despertou a curiosidade das autoridades, pois dias antes Daniel Nunes realizou em Remanso compras de gêneros alimentícios na importância de 400\$000, o que representa uma grande quantia para se encontrar em mãos do dono de uma pequena bodega na caatinga.*

*(...) interroguei-o se pertencia ao bando dos fanáticos, pergunta esta que teve uma negativa, acrescentando: – “Acredito que Jesus Christo foi o único homem que já fez milagres na terra, tudo o mais são filhos do cão”.*

Daniel Nunes termina a sua entrevista ao repórter dos Diários Associados com as seguintes palavras:

*Estes bandidos diziam-se “iluminados” mais era da confraria do cão. Chamavam-lhes os que não os seguiam de anti-Christo, mas eram cúmplices do cão, de capa verde. As obras de Deus não são as de Synagoga. Deus é a verdade. Não faz motim. Não promete castigo nem chuvas, nem sangue<sup>30</sup>.*

Daniel Ferreira Nunes era morador de Lagoa do Alegre, conhecido comerciante da região e foi um dos denunciante dos ataques dos membros da comunidade à polícia na região. Dono de uma pequena bodega, contraditoriamente, foi preso como suspeito de colaborar com o movimento, acusado de fornecer mantimentos para a comunidade. O que chama a atenção nessa reportagem são os indícios das relações comerciais existentes entre Pau de Colher e moradores das cidades circunvizinhas, que exerciam um duplo papel como personagem intermediário: o de negociante e informante. Daniel Nunes menciona o movimento ao *capa-verde*, personagem popular nos folhetos literários, aquele que “faz a bondade fazendo a maldade”, “maltrata e dissimula a maldade que está praticando”, encarnação da “besta-fera”, figura apocalíptica, que reporta Pau de Colher a um sentido muito profundo: o “diabólico”.

## 2.1. Falas e escritas jornalísticas

As escritas presentes entre os artigos jornalísticos são aqui tratadas por entendermos que elas são partes importantes das reportagens jornalísticas que possibilitam a leitura dos discursos e o acompanhamento do movimento das idéias que circulavam a partir da tomada de posição de cada órgão da imprensa sobre Pau de Colher.

*Fanatismo Dissolvente e Destruidor*

*Cid Carvalho*

*Ninguém, de senso normal e instintos humanizados, pode observar sem um brado de revolta, sem um grito de alerta para as autoridades constituídas,*

---

<sup>30</sup> Estado da Bahia. Salvador, 2 de Fevereiro de 1938.

*as conseqüências da ação nefasta e dissolvente do bandido Severino Tavares, vulgo “Conselheiro” e de outros tantos sectários do mal, que percorreram em romaria vasto trecho da região sanfranciscana, a semearem, entre a gente ingênua e ignorantes dos nossos sertões, o descrédito da religião, o achincalhe das autoridades e, como resumo, a deshonra atirada à face da sociedade, com a dissolução de muitos lares estupidamente maculados para a satisfação dos instintos bestiais dessa malta de aventureiros a quem a tolerância das nossas autoridades deixou livre campo para explanação das suas idéias dissolventes e destruidoras, infelizmente, aceitas e postas em praticas por um sem numero de sertanejos cegos pelo analphabetismo e pela ignorância.*

*(...) Além desses fatos, contam-se às centenas as explorações de caráter pecuniário, pelas quais inúmeros sertanejos proprietários e criadores se desfizeram dos seus haveres, adquiridos à custa de tantos sacrifícios, para entregarem ao beato o produto dos mesmos, visando a compra de “uma posse de terra no céu”, a fim de para lá se transportarem quando chegasse a hora da “salvação”.*

*De tudo isso ficaram por ai a fora, vestígios que não se apagarão por tão cedo, si as autoridades constituídas: civis, militares e eclesiásticas, não se dispuserem a uma campanha duradoura e eficaz de reeducação do povo inculto dos sertões<sup>31</sup>.*

Os apelos dos jornais não ficaram restritos à tomada de ação por parte dos governos e da polícia. Na opinião do jornalista Cid Carvalho, redator do O Pharol, a falta de educação é reconhecida como determinante da ignorância e do atraso de *inúmeros sertanejos* que são ludibriados pelas *explorações de caráter pecuniário* de uma *malta de aventureiros*. O apelo pela realização de uma campanha educacional, surge como a solução dos *problemas* sociais do sertão e combate ao *fanatismo*. O discurso sobre a importância da educação no Estado Novo assumia um relevante papel na construção de uma *consciência* concomitantemente modernizante e conservadora, onde se pregava uma ação eficiente, racional e produtiva do meio.

O projeto político do Estado não poderia abrir mão da incorporação das áreas rurais ao seu campo de influência e de controle, tratava-se de incorporar a modernização, o progresso e o capitalismo no meio rural.

Neste sentido, fazia-se urgente organizar uma instituição educacional adaptada e adaptadora do homem ao seu meio. Esses objetivos assumiam um discurso que interessava

---

<sup>31</sup> O Pharol. Petrolina, 12 de Março de 1938.

aos fazendeiros e aos governos locais, já que este modelo educacional considerava fundamental a fixação do homem ao campo, evitando a emigração, adaptando-o moral, socialmente e economicamente para que não houvesse escassez de mão-de-obra. Esta educação ordeira, tomada pelo controle e disciplina, exerce-se pelo saber e poder, como nos lembra Foucault, “não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder”<sup>32</sup>. O modelo pedagógico do Estado Novo, assim, forjava-se como instrumento para extirpação dos movimentos sociais, “no ponto em que o poder encontra o nível dos indivíduos, atinge seus corpos, vem se inserir em seus gestos, suas atitudes, seus discursos, sua aprendizagem, sua vida cotidiana”<sup>33</sup>.

Os artigos continuam a apontar os apelos para as campanhas educacionais como prática decisiva do governo com o apoio da Igreja. A violência praticada pela polícia era vista como fruto da racionalidade do Estado, portanto aceita, na qual os limites éticos não foram colocados em questão.

Nos artigos, o que está em destaque é o lugar de fala do sujeito e a sua própria experiência frente ao mundo, ao construir as representações para o seu discurso. Neste sentido, o narrador nunca está totalmente oculto. Para Benjamin, a narrativa é compreendida como uma experiência humana que não se limita a transmitir o “puro em si da coisa”. A marca do narrador sempre fica impressa na narrativa “como a mão do oleiro na argila de vaso”<sup>34</sup>.

Do conjunto de memórias e narrativas produzidas pelos jornais, depreende-se a permanência dos mesmos argumentos referentes ao fanatismo da população sertaneja: o analfabetismo, a ignorância, as crendices, a ingenuidade e a ausência de repressão das autoridades. A estrutura da argumentação do discurso contido nestes artigos, onde o editor fala de um lugar definido, expressa as visões preconceituosas sobre o catolicismo popular e de

---

<sup>32</sup> FOUCAULT, Michel. Op.cit. p.142

<sup>33</sup> Ibid. p.131

<sup>34</sup> BENJAMIN, Walter. Op.cit. p.205

outras formas de organização social que não se enquadravam no modelo (pré)estabelecido por setores da Igreja Católica e pelo Estado.

Apesar de todo esforço da imprensa em evidenciar explicações e construir uma memória “cujo sentido era acusar e desclassificar os participantes como fanáticos, desordeiros e bandidos”<sup>35</sup>, essa visão não foi, no entanto, homogênea. Como é o caso do artigo do jornalista *Austregésilo de Athayde*<sup>36</sup>, que procurou mostrar os traços bárbaros da civilização do Brasil letrado.

#### APENAS UMA HECATOMBE

*Volto a comentar o cangaço e o beatismo nos sertões do nordeste. Mais uma vez quero protestar, em nome da civilização e dos sentimentos de humanidade do povo brasileiro, contra os methodos bárbaros usados pelos governos daquelas regiões, que expedem no encalço dos infelizes sertanejos, que vivem fora da lei, policiais tão bárbaros quanto eles.*

*(...) Não me entusiasma o “triumpho” horrendo daquele capitão que tomou um reduto de fanáticos, matando cento e quarenta brasileiros. Uma verdadeira hecatombe.*

*(...) Houve uma chacina covarde, que depõe contra a civilização do país.*

*(...) A matança não corrige o mal. Ao contrário, semeia ódios e acende vinditas.*

*As forças policiais nordestinas praticam, nas suas expedições, crimes horripilantes e tornam-se, por isso, mais temidas que os cangaceiros.*

*Enquanto o governo federal permanecer indiferente às razões sociaes, políticas e econômicas do cangaço e do fanatismo, não há esperar das policias estaduais, em regra composta de elementos perniciosos, senão carnificinas brutais e inúteis, como esta que acaba de verificar-se no reduto do Beato Lourenço<sup>37</sup>.*

Esse artigo demonstra, como já frisamos, que não houve consenso e homogenização sobre os acontecimentos. *Austregésilo de Athayde* chama atenção para os *methodos bárbaros*, para *matança e chacina covarde* realizada em Pau de Colher. No entanto, o jornalista em seu

<sup>35</sup> BRITO, Gilmário Moreira. Op.cit. p.79

<sup>36</sup> Austregésilo de Athayde, jornalista e escritor, natural de Caruaru, Pernambuco, nasceu em 25 de setembro de 1898 e faleceu no Rio de Janeiro em 13 de setembro de 1993. Iniciou a carreira jornalística no jornal *A Tribuna*, cujo proprietário era Lindolpho Collor. Em 1921, passou a colaborar no *Correio da Manhã*. Assumiu no ano de 1924 a direção de *O Jornal* convidado por Assis Chateaubriand, exercendo desde então intensas atividades nos órgãos dos Diários Associados.

<sup>37</sup> Estado da Bahia. Salvador, 28 de Janeiro de 1938.

artigo não deixa clara a idéia de quais métodos foram empregados na repressão e qual o *mal* a ser corrigido. Seria o mal do comunismo? Do fanatismo? Ou dos ataques às fazendas Barra e Olho D'Água? Apesar da crítica, Austregésilo dá continuidade ao discurso que via em Pau de Colher um *mal* que de alguma maneira teria que ser *corrigido*.

As narrativas nos jornais destacam um Nordeste visto a contrapelo dos movimentos messiânicos e associado ao banditismo, às secas prolongadas e à desordem da violência. Estas narrativas, marcadas por um teor maniqueista, servem para delimitar a própria comparação entre o Nordeste em relação ao Sul e veicular um discurso “civilizatório”, “moralizante”, “racionalista”, “progressista” em que se remetem às questões do social para o reino da natureza ou da moral. O “Norte” e o sertão são exemplos de atraso que o “Sul” não deveria ser. “É o modelo contra o qual se elabora a imagem civilizada do Sul”<sup>38</sup>.

Assim, para a imprensa, Pau de Colher encarnava a face negativa da modernidade e a violência de uma região atrasada que parecia dissociada do país e da nação. Ao mesmo tempo, essa representação é reveladora da incapacidade do Estado que desejava construir uma sociedade moderna e uniforme. Basta lembrarmos que os valores de uma “nova sociedade”, delineados com o advento da República, implicavam numa visão negativizada de práticas que se chocavam com as perspectivas civilizatórias. Como bem enfatizou Nicolau Sevcenko, não era de se esperar que nessa sociedade se tivesse

*tolerância para com as formas de cultura e religiosidade populares. Afinal, a luta contra a ‘caturrice’, a ‘doença’, o ‘atraso’ e a ‘preguiça’ era também uma luta contra as trevas e a ‘ignorância’; tratava-se da definitiva implantação do progresso e da civilização*<sup>39</sup>.

---

<sup>38</sup> ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana. São Paulo: Cortez, 2001. p.61

<sup>39</sup> SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999. p.33

A utilização dos jornais, como registro, nos aproxima das idéias propostas por Ginzburg no que diz respeito à narrativa *indiciária*: aquela que privilegia os *sinais*, os *vestígios*, fazendo-se “necessário examinar os pormenores mais negligenciáveis”<sup>40</sup>. Podemos dizer que nos encontramos frente a discursos em que a *voz* da lei, dos editores, das oligarquias políticas, econômicas e religiosas, ligadas a setores letrados, *falam* de Pau de Colher.

Os membros de Pau de Colher se exprimem nesse espaço, não por uma escrita explícita, mas através de *indícios* expressos por aqueles que os descrevem e que lhes dão *corpus*. É importante notar que a produção de sentido, em que foi envolto Pau de Colher, circula publicamente através de uma escrita dada nas reportagens dos jornais.

Esses registros nos permitem remeter à fabricação de uma memória social e a identificá-la em sua historicidade, em sua significância, e revelam a produção de uma representação particular que aparecia, no entanto, como a representação necessária, mostrando os confrontos narrativos que exprimem idéias, práticas e significados da atuação de diferentes grupos sociais, orientados por interesses específicos.

---

<sup>40</sup> GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.144

### CAPÍTULO III

---

#### MEMÓRIAS E REPRESENTAÇÕES SOCIAIS NA LITERATURA

Os episódios de Pau de Colher suscitam tramas espessas de sentidos, amálgamas de conflitos, lutas, resistências, disputas entre lugares sagrados e profanos, onde se interpenetram narrativas e memórias sobre os acontecimentos. Colocarmo-nos diante de um confronto crítico entre diferentes narrativas nos permite compreender que por trás da cristalização discursiva há uma combinação de representações, de saberes e descrições que surgem como travessia para que possamos apreender lógicas e valores das experiências circunscritas a Pau de Colher.

Estabelecer um diálogo entre história e literatura requer a percepção de que seus registros, mensageiros de sentidos e significados inscritos no tempo, produzem diferentes formas de dizer o mundo e estabelecem com a realidade distintas formas de aproximação. Demonstramos Paul Ricoeur, que o mundo revelado na produção literária constitui-se sempre num mundo temporal, a partir da reciprocidade entre narratividade e temporalidade. Entendemos neste sentido que a relação que se funda entre a história e a literatura transitam num espaço comum que é a narrativa.

A utilização da literatura enquanto via para se interpretar os acontecimentos de Pau de Colher, a partir do universo dos versos e prosas, estabelece-se como produção histórica ligada à realidade social em que foi produzida, cujas narrativas e memórias se compõem de uma

pluralidade de elementos discursivos e referências simbólicas densas de significados. Desta forma, para melhor compreensão da produção literária, buscamos perceber quais representações e sentidos foram sendo moldados sobre Pau de Colher, a partir dos seguintes pontos: Como narram o surgimento de Pau de Colher e a sua relação com a comunidade do Caldeirão? Quais imagens são construídas acerca dos beatos, soldados e membros de Pau de Colher? Quais narrativas que envolvem a violência entre a comunidade e a repressão policial são produzidas?

### **3.1. Romances: enredos literários**

A literatura tem sido uma fonte bastante utilizada por historiadores como possibilidade de uma série de leituras a respeito das relações sociais tecidas em diferentes contextos históricos. Os literatos, através de sua escrita, expressam dilemas e impasses vivenciados por sujeitos e grupos sociais em diferentes situações. Seus textos, criados a partir da historicidade de sua produção e na intencionalidade de sua escrita, tornam-se força multiplicadora de interpretações que permitem o entendimento sobre modos de vida, costumes e diferentes visões de mundos sociais. Neste sentido, guardam a história e literatura profundas relações possíveis de serem trilhadas.

No dia 24 de Fevereiro de 1938, o jornal O Pharol dava a seguinte notícia:

*No dia 13 do andante estive em festas a cidade de Remanso. A bordo do vapor “Wenceslau Braz” da Navegação Mineira do São Francisco, aportava áquella cidade ribeirinha o seu illustre filho Dr. Demosthenes Guanaes, que calumniosamente fôra denunciado às autoridades bahianas como co-participante e um dos presumíveis orientadores do movimento de fanatismo que irrompeu no visinho município de Casa Nova, acerca do qual surgiram explorações que envolveram personalidades conceituadas e de destaque social na zona. Partindo de Remanso sob a pressão de uma denúncia grave, que felizmente não se confirmou, era justo que no seu regresso fosse o Dr.*

*Demosthenes Guanaes recebido sob demonstração de regozijo pelos seus conterrâneos e amigos. E assim aconteceu*<sup>1</sup>.

Durante os acontecimentos em Pau de Colher, coronéis, políticos e famílias poderosas tencionavam a destruição da comunidade. Lançaram suspeitas sobre a participação de adversários políticos, gerando-se um clima de denúncias, acusações e perseguição da polícia, fato acentuado com os rumores que afirmavam a participação de comunistas entre os membros do movimento. Foi neste cenário que Demosthenes Guanaes<sup>2</sup>, médico e romancista, natural de Remanso, município que pertenceu à região onde se deflagrou os episódios, vivenciou os acontecimentos de Pau de Colher.

Sua obra *Pau de Colher: nos barrancos do Rio São Francisco e o último do ciclo dos coronéis*, publicada na década de 1960, revela o envolvimento do romancista em descrever os episódios que marcam uma realidade política, social e religiosa, da qual ele mesmo participou. A compreensão dos antecedentes de Pau de Colher, a passagem de Severino Tavares por Remanso, as tensões políticas existentes na região e a experiência religiosa dos sertanejos do Caldeirão e de Pau de Colher, são aspectos traçados em sua obra.

Sob a ótica da memória, seu romance compõe-se a partir da imbricação entre a literatura e a história. Demosthenes Guanaes, ao abranger em sua narrativa a dimensão social da memória<sup>3</sup>, envolve a questão do tempo e espaço como fundamentais ao processo de elaboração individual do passado. Neste sentido, a história na dimensão narrativa do autor constitui uma demarcação do seu olhar sobre os acontecimentos. Essa visibilidade sobre o universo social e religioso é concedido em sua obra nas primeiras páginas do seu texto:

---

<sup>1</sup> O Pharol. Petrolina, 24 de fevereiro de 1938.

<sup>2</sup> Demosthenes Guanaes Pereira, médico e romancista. Nascido em Remanso, atuou como jornalista em Salvador, quando estudante. Formou-se em medicina no ano de 1936, passando na década de 1940 a atuar como médico em Birigui, São Paulo.

<sup>3</sup> Maurice Halbwachs destaca-se por seu pioneirismo na ênfase do caráter coletivo (*social*) da memória. Para uma discussão mais abrangente ver sua contribuição em *A Memória Coletiva*.

*Desde as ténbras aos idos de novembro de 37, que Pau-de-Colher é uma espécie de corpo estranho em minha cabeça. Necessitava extraí-lo pra expô-lo ao Brasil sempre tão mal informado... Vi meu Sertão talado, ainda com as feridas abertas pelo coronelato, desde 20, sangrando. Terra arrasada. Povo humilhado e abandonado à procura duma tábua de salvação no Céu, por falta de tudo na Terra. (...) O fanatismo autoritário dos poderosos contra o fanatismo impotente dos flagelados. De Canudos a Pau de Colher a mentalidade dirigente do País não progrediu. Tristeza para minha geração<sup>4</sup>.*

O romance expressa, nas falas dos seus personagens, os dilemas existentes a partir das condições sociais dos sertanejos da região do Baixo Médio São Francisco, o drama dos retirantes, a presença da seca e do coronel que marca um cotidiano de escolha limite.

*Os sertões abandonados se caracterizavam pelo êxodo das famílias para os cafezais de São Paulo. O Sul, pela propaganda dos agentes de emigração, transformou-se em caminho para a riqueza, para o bem estar, para a felicidade. (...) Dum lado os agentes da imigração, levando o povo, pra São Paulo; do outro Severino arrebanhando para a vagabundagem.*

(...)

*Andam dizendo que o conseieiro é comunista (cum licença da palavra). Que depois que chegou, agregado não respeitavam fazendeiro e anda por aí espalhando que as terras são de todo mundo e que os rico deve dividir as riquezas com os necessitados. (...) Seu Toninho disse mais que o município tá desgraçado com a seca, que os que não vão prá São Paulo, largam as roças prá acompanhar Severino; que nem por um mil réis se acha gente prá trabalhar por dia<sup>5</sup>.*

As secas certamente contribuíram para as migrações. Estas, por sua vez, aparecem como responsáveis pelos conflitos sociais na região e muitas vezes pela própria existência dos beatos no sertão. Mas as secas por si só não fizeram os sertanejos se mobilizarem em torno de Severino Tavares. Era necessário que existisse um sentido nessa opção. Seguir Severino Tavares era uma escolha feita pelos sertanejos diante das opções existentes que se lhes apresentavam. E, é claro,

---

<sup>4</sup> DEMOSTHENES, Guanaes Pereira. *Pau de Colher: nos barrancos do Rio São Francisco e último do ciclo dos coronéis, Vol III*. São Paulo: Ed. Safady, 1964. p.11

<sup>5</sup> Ibid. Op.cit. p. 27; 28; 33 e 34.

esta escolha trazia implicações econômicas; como afirma Maria Alba Guedes “a terra era um instrumento de captação de mão-de-obra para a manutenção da grande fazenda e também uma forma de sustentação política”<sup>6</sup>.

Segundo Régis Lopes, em suas prédicas, Severino alertava a população contra os desvios morais e falava da “desigualdade sócio-econômica do meio em que vivia”; dizia em suas homilias “que os ricos teriam muitas dificuldades para se salvarem. Afirmava que um dos males do mundo era a ganância dos potentados”<sup>7</sup>. Pelo que se sabe em suas peregrinações, Severino Tavares se estabelecia em alguma fazenda ou povoado. Os sertanejos de diversas regiões mais distantes afluíam ao local para ouvir seus conselhos. Quando partia para outro local, muitos o seguiam.

Em sua passagem por Remanso, Severino organizou um pequeno grupo de seguidores, despertando o descontentamento dos coronéis da região, sobretudo, porque convocava os fiéis a seguirem para o Caldeirão. É natural que o discurso de Severino Tavares tenha sido reconhecido como a ruptura das más condições dos sertanejos que viviam em meio à miséria, seca, emigração para o Sul e a exploração da sua mão-de-obra, situação mantida pelas oligarquias, em especial os coronéis. Ao mesmo tempo, sua presença e permanência transformaram-se numa espécie de perigo perturbador da ordem e da paz das elites locais, até porque arrastava os braços das lavouras.

É importante atentarmos para o fato da condenação e associação, por parte de alguns segmentos da Igreja, para as supostas práticas de *comunismo* realizadas por Severino. Esse aspecto deixa transpassar indícios da postura clerical – que são escassos na documentação

---

<sup>6</sup> MELLO, Maria Alba Guedes Machado. *História política do Baixo Médio São Francisco: um estudo de caso do coronelismo*. Dissertação de Mestrado, Salvador: Departamento de Sociologia da UFBA, 1989. p.56

<sup>7</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991. p.141

existente<sup>8</sup> – e demonstra a importância estratégica desta instituição, que procura preservar seu papel, uma vez que se via ameaçada pelas práticas do *fanatismo religioso* assumindo a posição Igreja/Estado. É importante atentar para o fato de que essa preocupação em torno das práticas religiosas de Pau de Colher termina por distanciar os olhares para uma questão central que percorre o enredo da obra de Demosthenes Guanaes: o monopólio da terra e a exploração da mão de obra que marcam de forma profunda a vida dos sertanejos<sup>9</sup>.

Numa sociedade fortalecida pelos laços de compadrio, que multiplicava a rede de reciprocidade e de troca de favores na vida cotidiana, bem como as ligações de fidelidade aos grandes e pequenos chefes políticos – os fazendeiros –, detentores de forte influência política e beneficiários diretos da mão-de-obra<sup>10</sup> que circulava em suas fazendas, principalmente dos vaqueiros, agregados e agricultores, culpam os beatos como responsáveis diretos pelo *fanatismo* da população trabalhadora na região. Esse discurso próprio das oligarquias insere Pau de Colher no quadro de rebeldia e revolta que conflagraram a Bahia e o sertão desde o final do século XIX, e atribuem a Pau de Colhe a causa da perda da sua mão-de-obra.

Se por um lado, como expressam os personagens: “dois ou três, os que são donos de terra, do comércio e da política”; “o gunvêrno é sempre contra a gente, contra os mais fraco”;

---

<sup>8</sup> No telegrama enviado ao interventor federal da Bahia, por um grupo de pessoas representativas de Casa Nova, encontramos vestígios mais claros do posicionamento clerical em Casa Nova: “Máxima satisfação levamos conhecimento vossência acha-se extinto virtude prisão elementos mais destacados surto fanatismo irrompido neste município e congratulamos vossência pela energia tenente Zacarias Santos infatigável combate últimos redutos formados sobreviventes foragidos de Pau de Colher diligência que felizmente restabelecerão tranqüilidade e segurança espírito lares e gente desta terra que penhoradamente agradece vossência providências tomadas nesse sentido pt Raimundo Estrela, médico, Lauro Viana, Alfredo Santos Filho, José Benevides, José de Souza Estrela, Raul Santos, Olimpio Ribeiro, Delfino Pita, Rogério Dourado, padre Diocleciano Pereira, vigário, Oscar Rodrigues Silva (...). ESTRELA, Raimundo. *Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas*. 2ª ed. rev. Salvador: Assembléia Legislativa, 1998. p.64 e 65

<sup>9</sup> Como explica Maria Alba Guedes: “o acesso à terra era determinado pelos coronéis, seja em suas propriedades, seja nas terras públicas sob a jurisdição da prefeitura ou ainda interferindo na compra e venda e posse via controle do cartório”. MELLO, Maria Alba Guedes Machado. Op. cit. p.81

<sup>10</sup> Luis Henrique Dias Tavares refere-se às condições socioeconômicas da área rural da Bahia entre os anos de 1890-1930 dizendo que: “mantiveram-se as velhas práticas da meação, da terça, do foro e dos dias de trabalho gratuito obrigatório”. TAVARES, Luís Henrique Dias. *História da Bahia*. São Paulo: Editora UNESP: Salvador, BA: EDUFBA, 2001. p.362

“Tudo! é dos donos da política (...) A gente se quiser trabaiá tem qui ser agregado”; “Quem pode competir com coronel, político e doutor nas ofertas”; “Com o governo ninguém pode... governo é governo (...) E só entra na briga pra ganhar”<sup>11</sup>, por outro, os sertanejos vislumbravam a possibilidade de atrelar moradia, trabalho e alimentação com uma vivência religiosa popular.

Não podemos entender essas representações dissociadas das relações políticas das tradicionais famílias oligárquicas, em disputas constantes entre si pelo poder local, definido a partir da propriedade de terra. Conflitos que envolviam “todas as famílias, cada uma com seus próprios homens armados, os jagunços, que percorriam o território atacando as fazendas e as casas dos adversários políticos de um ou outro grande coronel<sup>12</sup>”. Demosthenes dá destaque, em sua narrativa, às disputas pelo poder político na cidade de Remanso:

*Em Remanso os ódios explodiam. Chico Maniçoba com o slogan que: quem não era dele, era contra ele, viu-se prestigiado ao máximo, pelo governador que relegou à oposição dependente de Rosendo. (...) Rosendo, na luta contra os revoltosos de Prestes<sup>13</sup>, tornou-se conhecido nas altas esferas federais e através delas procurava amolecer o governador da Bahia que persistia em sua conduta irreduzível: cada chefe em seu próprio município e o governador como chefe de todos.<sup>14</sup>*

<sup>11</sup> DEMOSTHENES, Guanaes P. Op.cit p.17; 20; 21; 22 e 128

<sup>12</sup> POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1995. p.84

<sup>13</sup> Vale ressaltar que apesar das rivalidades entre os coronéis, eles foram importantes mantenedores do controle das regiões onde viviam. Tanto que nos anos de 1925-1926, muitos participaram ao lado das forças legais no combate à Coluna Prestes, inclusive no Vale do São Francisco. Sobre essa questão Luís Henrique Dias Tavares comenta que a Coluna Prestes “comandada por jovens oficiais do Exército – Luís Carlos Prestes, Osvaldo Cordeiro de Farias, João Alberto Lins de Barros, Antônio Siqueira Campos e Djalma Soares Dutra – entrou na Bahia em fins de Fevereiro de 1926. Atravessou o rio São Francisco entre a Várzea Redonda e Jatuba (atual Petrolândia), daí começando uma marcha de 558 km pela caatinga, sob condições adversas, cerca de 1.200 homens, (...) avançaram pelos sertões da Bahia preferindo desvios e recuos que não permitissem combates com as tropas legais que a perseguiam. Passando por cima da autoridade do governador Góes Calmon, que insistia na só utilização de tropas regulares nas operações militares, o governo Bernardes decidiu incorporar coronéis da Chapada Diamantina e do São Francisco ao combate contra a Coluna. (...) Com enormes baixas em homens, perdas de armas e munições, a 2 de julho de 1926 a Coluna Prestes deixou a Bahia em Rodelas e se internou em Pernambuco”. TAVARES, Luís Henrique Dias. Op. cit. p. 351 e 352.

<sup>14</sup> DEMOSTHENES, Guanaes P. Op.cit. p.78

Os coronéis travavam muitos conflitos em busca do poder econômico e do controle político local. Asseguravam seu poder com a força das armas, mesmo assim, em algumas ocasiões a situação escapa ao controle, especialmente quando ocorriam mudanças no cenário político nacional, como no caso da ascensão de Getúlio Vargas na década de 1930. Em muitos casos as disputas pelo poder local terminavam com o ataque à cidade, a vitória de uma família e a fuga para cidades vizinhas dos adversários derrotados. No romance, o autor narra uma destas lutas em Remanso, dando nomes fictícios aos seus personagens<sup>15</sup>. Vemos, na descrição deste combate, a existência dos elementos das ações da política do coronel: “a violência, a vingança, a solidariedade dentro da parentela, a política de favores e de punições, a corrupção eleitoral, a apropriação privada do Estado”<sup>16</sup>.

Comerciantes, políticos e fazendeiros, em sua maioria – que não viam com bons olhos a liderança de Severino Tavares na região – uniram-se no intuito de acabar com as pregações e a presença do Conselheiro. Este foi preso e torturado pela polícia em Remanso, sendo expulso da cidade. Neste ponto, atentamos para o fato da sua prisão está ligada mais à questão religiosa, já que sua pregação, através do catolicismo popular, traçava regras de conduta e preceitos religiosos, que a disputas políticas. A prisão de Severino Tavares em Remanso não foi a única. Segundo Tarcísio Marcos, no ano de 1936, a “polícia prendeu Severino Tavares, que fazia pregações em Santa Quitéria, no norte do Ceará. (...) levantou-se a suspeita de ser remanescente do movimento de 1935”<sup>17</sup>. Segundo Demosthenes Guanaes:

---

<sup>15</sup> Em Remanso havia disputas políticas constantes entre a família Castelo Branco e Francisco Leóbas que durante a segunda metade dos anos 20 acaba explodindo. Leóbas tomou a cidade e depôs Anfilóbio Castelo Branco, que recorre à ajuda do coronel Franklin Lins de Pilão Arcado. Leóbas foi derrotado e devolveu o poder político ao grupo de Anfilóbio. A rivalidade entre Franklin e Leóbas, só foi resolvida de forma definitiva após 1930 quando, desarmado, Leóbas fugiu para Goiás.

<sup>16</sup> VASCONCELLOS, João Gualberto M. *A invenção do coronel: ensaios sobre as raízes do imaginário político brasileiro*. Vitória – ES, UFES, 1995. p.181

<sup>17</sup> ALVES, Tarcísio Marcos. *A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão: 1920-1937*. Recife: Néctar, 2007. p.168

*Severino sumiu dos limites do município de Remanso (...) varou caatingas em direção de Caldeirão (...). Seu nome, entretanto, era uma bandeira entre as populações são-franciscanas que ouviram narrações de seus sofrimentos e descrições exageradas de seus milagres<sup>18</sup>.*

Após sua passagem por Remanso, Severino percorreu vários outros municípios e sítios vizinhos de Casa Nova, inclusive Pau de Colher, atraindo a atenção de centenas de pobres que buscavam em suas pregações a cura e esperança das suas desventuras e misérias. Sua expulsão, coincide com o início de embates políticos violentos em Remanso, o que aumenta o seu prestígio, já que a luta travada entre chefes políticos é vista por parte da população como sendo a realização de suas previsões proféticas.

*Pau de Colher tornou-se um ponto de encontro bem localizado. Severino transformou-o em subsidiário de Caldeirão. O intercâmbio intenso de trabalhadores unia fortemente os dois povoados. Havia duas vantagens: os trabalhadores entravam em contato direto com a crença religiosa, epidemicamente contagiando-se no próprio habitat lourenceano, e disciplinavam-se no trabalho da terra, acostumando-se, adaptando-se à rigidez da Irmandade que havia abolido a propriedade privada. Tudo era de todos e ninguém possuía nada<sup>19</sup>.*

A destruição de Pau de Colher marca um epílogo sangrento e dramático da trama. Como não poderia deixar de ser. Dramático como os acontecimentos de Pau de Colher. Mas, algumas questões restam ressaltar sobre a obra de Guanaes. Um aspecto que chama atenção é a presença de Severino Tavares como principal articulador, mentor e líder de Pau de Colher e a ausência de referência ao principal líder do movimento José Senhorinho<sup>20</sup>. Contudo, a presença de Severino

---

<sup>18</sup> DEMOSTHENES, Guanaes P. Op.cit. p. 76

<sup>19</sup> Idem. Op.cit. p.116

<sup>20</sup> Sabe-se que Severino era conhecido como “O Conselheiro” e também por alguns como “Senhorinho”, porém consideramos que Guanaes não trata Severino como sendo a mesma pessoa, já que o escritor é suficiente conhecedor dos acontecimentos em Pau de Colher.

remete a continuidade da atribuição do movimento Pau de Colher ao beato Zé Lourenço, através da figura de Severino, também presente neste romance.

Outra questão é a suposta idéia da presença de Zé Lourenço nos acontecimentos, reforçada na obra e presente também em outros discursos, a exemplo dos folhetos e da imprensa. Um outro fator de destaque na obra, dá-se pela questão da terra como eixo central da trama, que na apreensão do autor, produz efeito de denúncia a que estavam submetidos os sertanejos da região são franciscana. O que denota que Pau de Colher representou, aos olhos das oligarquias da época, um desafio à estrutura agrária do Nordeste. Essa constatação nos leva a entender que na avaliação de Demonsthenes, o significado de Pau de Colher aponta para uma explicação que associa o movimento às disputas pela terra, contra o latifúndio e a opressão dos coronéis.

Essa análise pode também ser relacionada ao período em que foi produzida a obra, entre as décadas de 1950 e 1970, momento em que a questão da terra se tornou foco das lutas sociais e políticas no Brasil. Exemplo bastante conhecido dessa interpretação é o livro *Cangaceiros e Fanáticos*, de Rui Facó, que propõe uma explicação marxista para as deflagrações dos movimentos “messiânicos” a partir dos fatores econômicos estruturados contra o monopólio da terra, cuja forma de expressão era a religião.

No romance *A Corte Celestial*, Cláudio Aguiar<sup>21</sup> desenvolve sua narrativa a partir de um fluxo cronológico dos acontecimentos: A Partida, representada pela fuga de Quinzeiro do Caldeirão em direção a Pau de Colher; A Clareira, onde se apresenta Pau de Colher num espaço geográfico; O Cerco e A destruição, em que se figuram os últimos acontecimentos do movimento.

---

<sup>21</sup> Cláudio Aguiar nasceu no Ceará em 1944. Estudou no Liceu do Ceará. Em 1962, radicou-se no Recife, onde se matriculou no Ginásio Pernambucano. Formou-se pela Faculdade de Direito do Recife e doutorou-se pela Universidade de Salamanca, Espanha. Atuou em diversos jornais como repórter e foi colaborador literário do Jornal do Comércio e do Diário de Pernambuco. Conquistou mais de uma dezena de prêmios literários nacionais e pertence a diversas entidades culturais. Atua como membro do conselho editorial de Calibán, uma revista de cultura, publicada no Rio de Janeiro.

Vale salientar que, apesar do título da obra, em Pau de Colher não houve *corte celeste*. Praticavam-se as mesmas devoções do catolicismo popular das regiões do sertão: rezas, terços, novenas, benditos. De acordo com Gilmário Moreira Brito “a construção dessa cultura material, pautada em textos bíblicos, foi tomando corpo como valores, moral e modo de vida desse grupo de Pau de Colher”<sup>22</sup>. Em Pau de Colher vivia-se uma espécie de *reconfiguração* do mundo onde o secular ainda não existe enquanto abrangência que encerra o religioso e a “experiência do sagrado [tornava] possível a “fundação do Mundo”<sup>23</sup>. Mundo que se expressa na existência de um chão sagrado. Pau de Colher, nas páginas da obra de Aguiar, surge por entre uma atmosfera mística e paradisíaca:

*Nada ali é igual às demais clareiras que são formadas (...) A Clareira de Pau-de-Colher conserva, além das árvores, uma franja verde durante o ano inteiro. Talvez seja isso que explique o fato daquele lugar inóspito ser considerado pelos moradores como um paraíso terrenal situado às margens do rio São Francisco*<sup>24</sup>.

Havia, nos arredores próximos de Pau de Colher, uma grande cacimba que inundava durante os períodos chuvosos e contribuía para diminuir a escassez de água nos períodos de seca. Única fonte de água, este diferencial na região é representado num sentido especial de ideal da terra paraíso, onde os reveses surgidos na seca são supridos.

*No centro da cacimba grande o olho d'água segue chorando e representa a fonte que alivia a sede das pessoas que teimam em viver ao seu redor.” (...) “A água milagrosa é servida pela mão de Deus!”(...) “A cacimba não secará nunca*<sup>25</sup>.

<sup>22</sup> BRITO, Gilmário Moreira. Op.cit. p.28

<sup>23</sup> ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p.59

<sup>24</sup> AGUIAR, Cláudio. *A corte celestial*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1966. p.30

<sup>25</sup> Ibid. p.30

A importância da cacimba não foi percebida apenas para a vida daqueles que vivem próximos. Durante o combate com a polícia pernambucana, a cacimba foi entendida como uma posse estratégica para a repressão à resistência de Pau de Colher. Por isso foi necessário ocupá-la.

Pau de Colher confunde-se geográfica e espiritualmente: “já não significa apenas a madeira que serve para modelar colheres-de-pau e outros objetos. É um lugar de rezas e de milagres que ganhou celebridade, viajando de boca em boca”<sup>26</sup>. O líder da comunidade, Senhorinho, é recriado como uma figura mística: “dizem que ele aprendeu a ler sozinho, ouvindo os trovões, os relâmpagos, os cantos de cobras, pássaros e muitos cantadores que sempre andam por Pau de Colher”<sup>27</sup>.

Senhorinho é aquele que condena as práticas de violência dos seus seguidores, distanciando-se das representações dos jornais, dos relatórios policiais e dos folhetos, que tentam produzir a imagem de um incentivador do crime.

*O céu para ele (Senhorinho) não é uma coisa impossível de ser alcançada. É uma realidade que começa ali mesmo em Pau de Colher e deve ser edificada todos os dias.*

*O que ele prega e diz é que Pau de Colher não passa de um Paraíso autêntico, algo assim como ter os pés metidos na terra, trabalhando, plantando, limpando os roçados e colhendo os frutos que matam a fome de todos*<sup>28</sup>.

Sua palavra tem o tom paternal. Seus gestos são calmos, sua verdade é o amor ao próximo. Sua conduta se distancia da promiscuidade diante das regras sexuais para a comunidade. Pau de Colher é de todos e acolhe aqueles que fogem à perseguição: “só o amor ao

---

<sup>26</sup> Ibid. p.31

<sup>27</sup> Ibid. p.31

<sup>28</sup> Ibid. p.39

próximo poderá nos levar a salvação (...) devemos receber de braços abertos os nossos irmãos do Caldeirão”<sup>29</sup>.

O romance suscita a inserção dos homens pobres nas relações de poder local, que denominamos de coronelismo. Contudo, esta relação não significa a ausência de tensões e conflitos.

Pau de Colher era uma presença ameaçadora para a ordem vigente em toda a região. Sua expressão religiosa congregava um grande número de pessoas *desencantadas* com o mundo do compadrio e do coronelismo e, por isso, buscavam um novo *encantamento*, uma nova esperança. O sinal da insatisfação de parte da população pobre com o mundo que a circundava estava na sua opção por Pau de Colher. Uma comunidade religiosa onde o trabalhador não era espoliado pelos proprietários de terras.

*A posse daquela terra que contorna o arraial e que está sendo questionada principalmente pelo fazendeiro Doca Ribeiro? Quais são as suas armas? A palavra de Deus que sai de sua boca todos os dias e entra pelos ouvidos daquela gente pacífica.*

*Nos últimos meses estão convertendo e levando os trabalhadores para as terras de Pau de Colher, onde vivem fora da lei. Com pouco tempo, o que será da lavoura, da agricultura?*<sup>30</sup>.

Doca Ribeiro é a presença do coronelismo. Essa passagem expõe a ameaça que os fazendeiros sentiam sobre a comunidade e a preocupação com a perda de mão-de-obra, já que a produção, nesta região, dependia da mão de obra livre do campo.

De certa maneira, podemos observar que Cláudio Aguiar busca, no romance, expressar o posicionamento e as representações construídas pelos populares acerca da rede de poder que os aprisionam. Porém, é no dia da festa religiosa de São Sebastião que Pau de Colher se mostra mais

---

<sup>29</sup> Ibid. p.41

<sup>30</sup> Ibid. p.43

ameaçador. Seus membros se deparam com os poderes institucionalizados nas figuras do padre, do coronel e do juiz de direito.

*O padre faz uma pausa e fala num tom de raiva: - Dizem que Senhorzinho, lá de Pau de Colher, vive aconselhando o povo a se amancebar. Lá se praticam as mais esquisitas heresias. Tem uma leva de mulheres beijoqueiras, que vive numa espécie de... como diria..., de... de um comunismo, algo demoníaco, um despautério<sup>31</sup>.*

A referência às “beijoqueiras” trata-se das mulheres *sopradeiras*. Segundo Raimundo Duarte, eram “mulheres que proporcionavam ‘alento’ soprando na boca dos que partiam para qualquer missão, a fim de lhes dar forças”<sup>32</sup>, e que foram associadas à imagem de promiscuidade e a algo maligno.

Ao expor a opinião da polícia na fala do personagem de Optato Gueiros, Cláudio Aguiar expressa a posição dos militares: “bandido e cangaceiro, fanático e feiticeiro se irmanam na mesma atitude condenável de desobedecer às leis civis e da religião. Daí justificar-se a repressão, se possível, mediante a violência”<sup>33</sup>.

Essa visão será alimentada, em especial por Optato Gueiros, que via na imprensa uma aliada na construção das imagens sobre Pau de Colher, durante toda a campanha de repressão e mesmo após a sua destruição. E continua Optato,

*Essa gente, doutor, carrega dentro de si uma degenerescência moral e espiritual<sup>34</sup>.  
(...)  
Tudo não passa de uma questão climatérica... Não é só a falta de chuva, a seca.  
Nada disso. (...) Em verdade, nem sempre a política, a fome, a injustiça e a*

---

<sup>31</sup> Ibid. p.61

<sup>32</sup> DUARTE, Raimundo. Op.cit. p.46

<sup>33</sup> Ibid. p.97

<sup>34</sup> Ibid. p.137

*ignorância funcionam como molas propulsoras dessas anomalias, porém, quase sempre, são essas as causas que os põem fora da lei. Reconheço, também, que o fenômeno do banditismo é privativo de nosso meio, vez que ele não surge noutros Estados*<sup>35</sup>.

Nos diálogos do personagem Optato, estão presentes as teorias raciais do século XIX e XX, bem como o determinismo geográfico, o darwinismo social.

O romance, *A Corte Celestial*, marca a denúncia social, procurando abordar os principais motivos da existência de Pau de Colher: a crescente e visível falta de justiça social, a fome, a seca, bem como a brutalidade do coronelismo e da violência policial que existiam apenas para defender e confirmar os interesses de uma elite econômica e política local, perpetuadoras de práticas de poder.

### **3.2. Folhetos: versos, memórias e narrativas**

Contadores de histórias, cantadores, beatos e particularmente os poetas populares, estabeleceram intensos vínculos com a experiência do narrar e do cantar<sup>36</sup>. Forjador de narrativas poéticas e sociais, os poetas populares fundem memórias, histórias e ficções em suas glosas. Por conseguinte, os folhetos encontram-se engendrados numa relação híbrida entre a escrita e a oralidade.

A aproximação da produção dos folhetos, na relação existente entre escrita e oralidade, exige pensar o poeta para além daquele que apenas transmite em seus versos as idéias do grupo a que socialmente possa estar associado. Entender o poeta apenas como transmissor ou reprodutor

---

<sup>35</sup> Ibid. p.135

<sup>36</sup> O poeta-cantor, o *aedo*, tinha uma função específica no mundo grego. A palavra poética enunciada em voz alta construía verdades dentro de uma dimensão do tempo mítico. Desta forma, a memória era valorizada como indispensável à coesão dos laços sociais. Retomando esses aspectos, o poeta no sertão, narrando e cantando, concede a memória, as representações de um determinado acontecimento.

de idéias é conceber de forma reducionista seu universo de criação. É, portanto, necessário considerar o discurso do poeta a partir de um local de produção, resultante da mediação do seu meio sócio-cultural, como uma prática voltada para adaptação de narrativas a um público não familiarizado com a escrita que faz uso – ou não – das suas histórias e coloca sua narrativa em circulação.

Para Walter Benjamin, em *O Narrador*, as narrativas, formadoras da experiência passada de pessoa para pessoa, são fontes a que “recorreram todos os narradores”<sup>37</sup>. A inquietude de Benjamin sobre a experiência narrativa transpassa a noção nostálgica do passado, do fim da narração tradicional, “esboça como que a idéia de uma outra narração”<sup>38</sup>, que pressupõe a construção da memória pela “transmissão oral viva” e a “construção pela escrita”<sup>39</sup>, revelando, assim, a percepção dos significados atribuídos ao mundo entre narrador e ouvinte, resultando na interação de uma experiência que se inscreve numa temporalidade.

O folheto, através de suas narrativas, ao registrar os acontecimentos de um determinado período e lugar, transforma-se em memória e registro da história. Ao procurarmos entender a forma como Pau de Colher é representado nos folhetos, tivemos como preocupação perceber as múltiplas facetas que integram sua produção e a construção das narrativas veiculadas no universo dos poetas populares.

No Nordeste, entre o final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, definem-se nos folhetos as “características gráficas, o processo de composição, edição e comercialização e constitui-se um público para essa literatura”<sup>40</sup>. Para Márcia Abreu, essa

---

<sup>37</sup> BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Vol. 1. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987. p.198

<sup>38</sup> GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006. p.53

<sup>39</sup> Ibid. p.11

<sup>40</sup> ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999. p.105

uniformização da produção vai tornar popular “não o texto, os autores ou o público, e sim, a sua materialidade – sua aparência e seu preço”<sup>41</sup>.

Rompendo com os estudos folclóricos, que afirmam os folhetos nordestinos como possuidores de suas raízes no cordel português<sup>42</sup>, Márcia Abreu repensa essa afirmativa, demonstrando que a produção de folhetos nordestinos possui uma criação local que não depende da imitação do cordel português<sup>43</sup>, mas é resultado de aprimoramento de elementos e temas realizados pelos poetas nordestinos.

Esta discussão é fundamental para nossas análises a respeito da literatura popular no Brasil. Possibilita diferenciarmos a questão da produção desta forma de registro, pois sendo uma produção popular, não significa que a sua narrativa esteja relacionada a um discurso popular. Contudo, trata-se de uma “cultura produzida por populares, que mesmo alfabetizados e tendo acesso à impressão de texto, não se distanciam do público ao qual destinam sua obra”<sup>44</sup>.

Isso significa perceber que nenhum folheto traz em si uma expressão cultural pura, autêntica, neutra, por seu autor pertencer “exclusivamente” a algum grupo ou região. Essa questão, porém, “não invalida a sua utilização como uma fonte possível para se tentar compreender as visões de mundo, os valores e as expectativas” narradas pelos poetas, sempre em

---

<sup>41</sup> Ibid. p.48

<sup>42</sup> Em seu estudo, Márcia Abreu coloca em confronto a literatura de cordel portuguesa e de folhetos nordestino, distinguindo essas formas literárias. A expressão literatura de cordel nordestino começa a ser usado na década de 1970 por estudiosos, importando o termo de Portugal. Influenciados pelos estudiosos neste mesmo período, os poetas populares passam a adotá-lo, segundo afirma Abreu. Ibid. p.17e18.

<sup>43</sup> “Aqui, os autores e parcela significativa do público pertenciam às camadas populares; lá, os textos dirigiam-se ao conjunto da sociedade. Aqui, os folhetos guardavam fortes vínculos com a tradição oral, no interior da qual criaram sua maneira de fazer versos; lá, as matrizes das quais se extraíam os cordéis pertenciam, de longa data, à cultura escrita. Aqui, boa parte dos folhetos tematizavam o cotidiano nordestino; lá, interessavam mais a vida de nobres e cavaleiros. (...) o ponto central de divergência entre as duas produções diz respeito aos textos. Os folhetos nordestinos possuem características próprias que permitem a definição clara do que seja esta forma literária”. Ibid. p.105.

<sup>44</sup> GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900 – 1940)*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, 2005. p.46

“diálogo aberto com um público majoritariamente formado por trabalhadores pobres e despossuídos”<sup>45</sup>.

A existência de variadas classificações dos folhetos literários é, por vezes, uma questão comum nas discussões dos pesquisadores. Produto de uma herança folclorista, de tradição positivista, essas classificações se impõem diante das complexas temáticas, limitando o universo sócio-cultural dos folhetos. O que nos interessa aqui não é adentrar neste campo de discussão, mas atentarmos para o fato de que a tipologia das temáticas produzidas nos folhetos limita o enredamento das narrativas. O uso de classificações como “ciclo do fanatismo e misticismo”, “ciclo do banditismo”, nas quais se costumam inserir temáticas como Pau de Colher, carregam em si noções cristalizadas que limitam a percepção da complexidade das experiências religiosas e culturais dessas comunidades. E conforme destaca Eduardo Diatahy, “atravessa todas essas classificações certa dose de a-historicidade” que pressupõe sua produção como “um corpus acabado e fixo”<sup>46</sup>.

Nosso objetivo, no entanto, não é produzir um debate sobre a validade ou não das classificações estabelecidas nos folhetos, mas apenas estabelecer o lugar do historiador nessa discussão, considerando o fato de que nenhuma classificação é por si neutra, mas produtora de sentidos.

No folheto *Pau de Colher: história real de um triste acontecimento pela falta de instrução*<sup>47</sup>, de Álvaro Coelho Maia, verifica-se uma recorrência às estratégias narrativas comuns aos poetas populares, cuja evocação ao leitor se faz pelos seguintes elementos:

---

<sup>45</sup> Ibid. p.24

<sup>46</sup> MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *Das Classificações Temáticas da Literatura de Cordel: Uma Querela Inútil*. Fortaleza, 10 de Outubro de 1994. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ediatahy01c.html>> Acesso em: 10 de Janeiro de 2007.

<sup>47</sup> MAIA, Álvaro Coelho. *Pau de Colher: história de um triste acontecimento pela falta de instrução*. Folheto, s.d. Chamamos a atenção para o fato do poeta ter publicado este mesmo folheto com o título *Pau de Colher*, usando o

*Leitores muita atenção  
Em tudo que vou contar,  
Creio não ter coração  
Que resista sem chorar,  
A exata descrição  
De tudo que vou narrar.*

*Quero falar aos leitores  
Sem me afastar da verdade,  
Neste romance de dores,  
De sangue e calamidade;  
Em que se lê os horrores  
Da viuvez, da orfandade.*

O poeta, nas primeiras estrofes, procura dar legitimidade à sua narrativa, os versos do folheto se apresentam como portador da *verdade histórica* e da *exata descrição* dos acontecimentos em Pau de Colher. Desta maneira, a defesa de sua narrativa se dá pela verdade dos fatos. Onde antes só existia a “paz” e um povo que só vivia do “trabalho honesto”, Pau de Colher emerge para gerar a violência, “dores”, “sangue”, “calamidade e horrores”.

*Apareceu no lugar  
Um tipo bem disfarçado,  
Dizendo ser enviado  
De Deus, do poder imenso,  
Sem condição, sem mais nada,  
A palavra abençoada  
Do beato Zé Lourenço!*

*Zé Lourenço é um sujeito  
Morador do Caldeirão,  
Que fica bem ao sertão  
Das terras do Ceará;  
Dizendo ser puro e santo  
Dissimulava o cinismo  
Implantando o fanatismo  
Aqui, ali e acolá.*

Pelos registros produzidos sobre Pau de Colher, aludimos que esse “tipo disfarçado” de que trata o poeta no folheto seria Severino Tavares, figura bastante conhecida no sertão, da qual decorre na leitura do poeta a relação entre Pau de Colher e Caldeirão. Entendemos que a associação de Pau de Colher como decorrência do movimento do Caldeirão, presente nos folhetos e também em vários outros registros, deve-se, em parte, a duas questões distintas: a primeira motivada pela presença da figura de Severino Tavares na região nos anos de 1930, fazendo proselitismo e espalhando sua mensagem sobre o Caldeirão; a segunda, de maior complexidade pela predominância que alcançou, assenta-se no interesse das elites locais – políticos, coronéis, clérigos, comerciantes – e do próprio capitão Optato Gueiros em validar uma justificativa para suas ações de destruição.

Esta associação sustentada, reforçada e validada pelos jornais da época, busca fazer uma co-relação entre Pau de Colher e as memórias do Caldeirão e também de Canudos. Nossa compreensão é também compartilhada por Cristina Pompa, ao afirmar que Optato “deve construir uma ligação profunda entre Pau de Colher e Caldeirão, pois este último tinha sido considerado um perigoso reduto subversivo e a opinião pública tinha louvado sua destruição”<sup>48</sup>.

Severino e Zé Lourenço surgem nos folhetos como figuras dissimuladoras que aproveitam o atraso e a ignorância da população pobre e analfabeta do sertão para seduzi-las com seus discursos escatológicos. Representados como figuras *sinistras* e *perigosas*, o poeta relaciona o surgimento de Pau de Colher a uma espécie de ampliação do *fanatismo* do Caldeirão. O folheto também narra a presença do beato Zé Lourenço em Pau de Colher como um fato. Porém, atentemos nesse aspecto que os membros de Pau de Colher não conheciam o beato Zé

---

<sup>48</sup> POMPA, Maria Cristina. Op.cit. p.167

Lourenço<sup>49</sup>, mas conheciam Severino Tavares e Quinzeiro, seguidores de Zé Lourenço, que teriam vindo do sítio Caldeirão. A repressão a Pau de Colher mistura-se na leitura do poeta à bravura dos soldados, como realça as estrofes seguintes:

*Ao chegarem muito próximo  
Do reduto dos bandidos  
Foram logo recebidos  
Pelas balas traiçoeiras  
Mas os soldados valentes  
Numa avançada gigante  
Travaram luta incessante  
Até romper as trincheiras.  
(...)  
Nunca se viu tanto terror,  
Tanto sangue derramado,  
De um povo assim dizimado  
Por um cruel fanatismo!  
Efeitos da ignorância,  
Esta inimiga tão forte  
Que conduz o homem à morte  
E lança um povo no abismo!*

É proeminente notarmos que os versos, que reforçam a representação do *fanatismo* existente em Pau de Colher e a bravura dos soldados, silenciam sobre a tentativa de resistência da comunidade que lutou contra o objetivo claro das forças policiais: a sua destruição. Esse discurso que reafirma a *ignorância* e o *fanatismo* vai se delineando por toda a narrativa e acolhe Pau de Colher como um lugar de violência. Violência que parece apenas emergir do lado da comunidade de Pau de Colher, pois a violência através da ação sangrenta dos militares é versada apenas como um ato heróico. A partir de uma visão fatalista, o poeta explica aos leitores as raízes da tragédia ocorrida:

---

<sup>49</sup> Exceção de José Senhorinho, que segundo relata Raymundo Duarte teria realizado três visitas a comunidade do Caldeirão.

*Leitores, eis um resumo  
 Dessa história igual...  
 Uma tragédia de sangue  
 De um povo sem ideal,  
 Que por falta de instrução  
 Precipitou-se no mal.  
 (...)  
 Não sei de que é a culpa,  
 Porém uma coisa eu vejo:  
 Que vive bem desprezado  
 O pobre do sertanejo!...  
 Cada semana um regime!...  
 Cada dia um Brasil novo...  
 E nunca ninguém se lembra  
 Da educação do seu povo.*

É possível perceber nos folhetos a relação com as narrativas dos jornais e relatórios militares que atribuíam à “ignorância” e à “falta de instrução”, a facilidade de “iludir” as populações sertanejas com credices e superstições religiosas geradoras do fanatismo. No folheto, essas representações ganham projeções, sem apelo aos “fanáticos” de Pau de Colher, sua “ignorância” condena-os. Porém, isso não impede que o poeta esteja impossibilitado de realizar críticas à situação das populações do sertão, que vive à mercê das inconstâncias dos regimes políticos, seja Monárquico ou Republicano.

Traduzindo as notícias para as populações do sertão, os poetas, em seus folhetos, interpretam-nas para o público e dão-lhes novos significados. Segundo Ruth Brito, “os poetas liam nos jornais sobre fatos que serviam de matéria para muitos dos seus poemas de época”<sup>50</sup>. Porém, salientamos o fato de que mesmo utilizando notícias de jornais ou a oralidade como fonte para criação dos folhetos, suas narrativas não podem ser confundidas com esses relatos, mesmo quando na descrição dos acontecimentos o poeta utiliza expressões veiculadas pela imprensa, por exemplo.

---

<sup>50</sup> TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930)*. São Paulo: Global Editora, 1983. p.72

Em *Façanhas do Beato Zé Lourenço em Pau de Colher*, do poeta Severino Francisco<sup>51</sup>, repete-se em seu título a noção da associação entre Pau de Colher e a comunidade do Caldeirão. Nas primeiras estrofes, o autor dá visibilidade a Pau de Colher, relacionando-o com a emergência de outras memórias.

*Todo povo baiano  
 Já havia esquecido  
 Do que passou-se em Canudos  
 Por causa de um bandido  
 Quando surgiu este caso  
 Que acho bem parecido  
 (...)  
 Com Severino Tavares  
 Pessoa de Zé Lourenço  
 Enviado do padre Cícero,  
 Dizia: eu sou quem venço!  
 Aqui eu dou “dia santo”  
 E vai sair como eu penso!...*

Entrecruzando memórias narrativas em suas estrofes, surgem Canudos de Antônio Conselheiro, Juazeiro do Pe. Cícero e o Caldeirão do Beato Zé Lourenço, cujos traços narrativos estabelecem uma memória discursiva acerca do sertão como lugar de atraso, de banditismo, de fanatismo. Essas representações remetem a lugares e acontecimentos que justificaram a existência de um sertão vigiado pelo litoral. As representações dos soldados de Pernambuco, feitas pelo poeta, são bastante singulares por demonstrar as imagens produzidas dentro deste universo cultural dos folhetos para um grupo de ouvintes.

*A brigada pernambucana  
 Foi preciso entrar na dança,  
 Não se queixam de nervoso  
 E são homens de fala mansa;  
 Creio que ainda são parentes*

---

<sup>51</sup> SEVERINO, Francisco. *Façanhas do Beato Zé Lourenço em Pau de Colher*. Folheto, s.d.

*Dos doze pares de França.*  
 (...)
   
*Estalavam no som da corneta,*  
*Triste e emocionante!*  
*E para Pau de Colher*  
*Seguiram no mesmo instante;*  
*Pareciam Bonaparte*  
*Quando entrou em Thimorante.*

É significativa a menção à história do Imperador Carlos Magno e Os Doze Pares de França<sup>52</sup>, que conta histórias de cavalaria com lances de heroísmo e de audácia e, como folheto, teve uma larga circulação entre as populações do sertão, onde o rei francês permaneceu à frente dos Doze Pares na memória do povo. O repertório literário do heróico, da bravura, do patriotismo, da exaltação dos valores morais, sociais e religiosos de profunda inspiração cristã, projeta-se sobre a ação das tropas pernambucanas, denominadas pelo poeta dos “Doze Pares de França”. Ainda em outra estrofe, o poeta recorre à presença da figura de Bonaparte, imperador, militar e estrategista francês. Essas alusões nos fornecem indícios de uma circularidade de diversas narrativas, imagens e dizeres presentes no sertão que no folheto são (res)significados pela supremacia dos militares em Pau de Colher.

O uso que o poeta faz em seu folheto, de determinadas estratégias narrativas, indica a circularidade cultural existente na formação dos folhetos. Desse modo, parece sensato afirmar, como salienta Ana Maria de Oliveira Galvão, a “evidente influência do cordel português na constituição da literatura de folhetos brasileira. Essa fonte foi, evidentemente, associada a outras

---

<sup>52</sup> A História de *Carlos Magno e dos Doze Pares de França*, foi popularíssima em Portugal e no Brasil, leitura indispensável por todo o sertão, inúmeras vezes reimpresso. Como afirma Câmara Cascudo, “nenhum sertanejo ignorava as façanhas dos Pares ou a imponência do Imperador da barba florida”. A primeira edição portuguesa chegou ao Brasil em 1728, traduzida do espanhol por Jerônimo Moreira de Carvalho. Ainda segundo Câmara Cascudo, na “literatura popular, espalhada e dispersa em folhetos, o ciclo de Carlos Magno forneceu assuntos vastos” e muitos “episódios foram versificados, em sextilhas, cantados pelos cantadores como entretenimento”. CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. João Pessoa, Paraíba: Editora Universitária UFPB, 1979. p.441 a 449

influências, com as formas de poesia oral”<sup>53</sup>, é claro que resguardam-se as diferenças entre essas produções. Porém, neste caso, a oralidade e a escrita se compõem como um conjunto interativo que alonga a vigência de toda uma produção cultural.

A representação da polícia pernambucana constitui-se no folheto uma condição de retorno a uma espécie de *discurso fundador* do herói épico, funcionando como referência para as imagens de bravura dos soldados. No universo cultural do sertão, histórias de feitos heróicos encontravam um público pronto para ouvi-las. Nas estrofes que versam o combate entre soldados e membros de Pau de Colher, transparecem limites precisos entre personagens e imagens sociais que, no curso do movimento, foram sendo construídas. As estrofes a seguir nos indicam essa direção:

*Morreram destes fanáticos,  
Um tal chefe Senhorinho,  
Ali tido por “São José”  
Um verdadeiro “santinho”  
Fabricante de feitiço,  
“cura cural de vizinho”.*

*Morreu Ângelo Cabaça,  
Conhecido criminoso,  
Morreu um tal João Damassa  
Tipo audaz e corajoso,  
Para roubar à noite  
Era ligeiro e jeitoso!...*

No caso de Senhorinho, seu campo de saber englobava, além da Bíblia, a Missão Abreviada e o Caminho Reto. Como rezador, era conhecedor de orações de cura. Essas habilidades diferem Senhorinho, entre os indivíduos da comunidade, colocando-o como aquele que exerce um papel sagrado e interfere diretamente no mundo profano. Atemo-nos ao fato da

---

<sup>53</sup> GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.30

existência, ao longo dos folhetos, da religiosidade cristã a partir de elementos como a conversão, a oração, a salvação, pecado, perdão, o temor a Deus. Tudo isso perpassa seus versos.

Porém, as estrofes apresentam Senhorinho, principal líder da comunidade, como feiticeiro e não como rezador praticante do catolicismo popular. Os demais membros são caracterizados como criminosos, ladrões, bandidos. Há uma variedade de imputação de elementos como ignorância, superstição, criminalidade, banditismo, fanatismo, visíveis nas páginas dos folhetos, dos jornais e nos relatórios da polícia que, ao mesmo tempo em que desqualifica a comunidade de Pau de Colher e sua gente, produz e atribui às formas de expressão da religiosidade e do cotidiano social existente em Pau de Colher esses elementos. Em contraposição a essas imagens sobre Pau de Colher, os soldados são descritos como tipos que *não conhecendo lamento, não tinha mau coração; defendendo a nossa pátria, mostraram força nos braços*.

Por fim, em Pau de Colher, agregavam-se tipos anormais: *fanáticos, bandidos, feiticeiros, gente perversa, sem ideal, sem amor e frutos de uma seita bruta*. Por outro lado, os soldados são representados pela *disciplina*, possuidores de *amor à pátria e ideal cívico, destemidos, bravos, heróis*. Sentidos e significados vão sendo produzidos e nomeados na história. Esses dizeres são fundadores de um Pau de Colher imerso na “ignorância” e pela “falta de instrução”, visibilidades cravadas na história com o signo de um sertão sem lei e sem ordem.

Até que ponto os folhetos projetam realmente um discurso popular? No caso dos poetas que versaram sobre Pau de Colher, vimos que a produção dos folhetos é popular, mas esta não pode ser associada aos seus discursos. Apesar disso, o folheto não pode ser reduzido, como entendem alguns autores, a mera reprodução da ideologia hegemônica. A relação do folheto com a oralidade é muito forte; porém, o folheto é uma produção popular que se expressa não pela oralidade, mas pela escrita. Desta maneira, o folheto se apresenta como uma produção de

legitimação na escrita dos grupos populares que não pode ser compreendida de forma mecânica, ainda que sua narração contenha elementos ambíguos sobre os acontecimentos, o folheto reconstrói o acontecimento. E é em torno dessa ambigüidade que esses registros se tornaram significativos nesta arena de tensões e disputas.

Como podemos observar, os romances ganham demarcações narrativas diferenciadas dos folhetos. Seus textos transitam entre narrativas históricas e poéticas (ficcional), utilizando os artifícios da tropologia literária e a memória como instrumentos de composição da intriga. Neste sentido, as representações sobre Pau de Colher nos romances, não são passivas, mas conflituosas, como indica Chartier, essas “percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas que tendem a impor uma autoridade à custa de outros”<sup>54</sup>.

Procura-se, assim, apreender a literatura como espaço de produção singular dos acontecimentos históricos. Os textos analisados nos folhetos e romances não podem ser refutados como importantes registros. É fundamental atentar nesses discursos o seu poder de construção de representações e de sentidos que dão visibilidade a Pau de Colher, principalmente no que diz respeito aos seus participantes.

---

<sup>54</sup> CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. p.17

## CAPÍTULO IV

---

### NARRATIVAS DE FÉ E TRAMAS DO SAGRADO

Os acontecimentos de Pau de Colher, através da oralidade, compõe-se pelo cruzamento de diferentes narrativas reveladoras de contradições sobre a descrição material e sócio-cultural do movimento, o que os tornam de fundamental importância para a construção das representações sobre a realidade.

Na fala dos depoentes, encontramos rupturas que advêm da forma de como o passado e o presente foram introjetados em cada um, através de suas experiências e vivências sociais. *A memória individual* é uma constante interação de cada indivíduo com seu grupo e com sua cultura. O ato individual de lembrar não é uma realidade em si mesma. Qualquer vivência por mais individual que seja não está separada do todo social.

Como explica Halbwachs, “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda conforme o lugar que ali eu ocupo, e que este lugar mesmo muda segundo as relações que mantenho com outros meios”<sup>1</sup>, ou seja, cada depoente ao relembrar elabora um ponto de vista sobre a memória social, partindo dos *lugares de memória*, indicados por Pierre Nora como *material, simbólico e funcional*<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990. p.51.

<sup>2</sup> Pierre Nora afirma que os lugares da memória são, antes de tudo, restos, vestígios, ocasionados pela aceleração da história contemporânea. Ele explica que esses lugares coexistem simultaneamente, a partir dos aspectos materiais, simbólicos e funcionais, que funcionam em graus diversos. Segundo Nora “É material por seu conteúdo demográfico; funcional por hipótese, pois garante, ao mesmo tempo, a cristalização da lembrança e sua transmissão; mas simbólica por definição visto que caracteriza por um acontecimento ou uma experiência por um pequeno número uma maioria que deles não participou”. NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, nº 10. PUC – São Paulo, dez. 1993. p.22

Considera-se para esclarecimento desta discussão, que a memória está perpassada pela presença de múltiplos fragmentos. Desta forma, não podemos pensar a memória a partir de um dado pronto e acabado. O depoente, consciente ou inconscientemente em sua entrevista, seleciona determinados fatos em detrimento de outros. Assim, os esquecimentos e os silêncios em seus depoimentos, podem ser voluntários ou não.

Esse *ato de lembrar* é por nós apreendido a partir do legado das reflexões de Henri Bergson, que em seus estudos se debruçou sobre o entendimento da memória relembrada e revivida através de imagens de uma maneira individualizada. Privilegia, os processos psicológicos da memória e por esta razão é estudada na vida psicológica do indivíduo, a partir da percepção, das lembranças e do corpo<sup>3</sup>.

De Maurice Halbwachs, sua contribuição sobre a memória vai além do diálogo com Henri Bergson. Sua perspectiva de análise diferencia-se de forma mais contundente da ótica de Bergson, pela formulação do aspecto social da construção da memória. Para Halbwachs, lembrar não é um processo natural, mas sim uma construção social. Em seus estudos, volta o olhar não apenas para a memória em si, mas para os quadros sociais da memória que segundo o autor significam a visão de mundo dos grupos sociais. Assim, cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva, criada a partir das relações sociais na qual o indivíduo está inserido. Segundo Halbwachs:

*Não há na memória vazío absoluto (...) Para Bergson, o passado permanece inteiramente dentro de nossa memória, tal como foi para nós; porém alguns obstáculos, em particular o comportamento de nosso cérebro, impedem que evoquemos dele todas as partes (...). Para nós, ao contrário, não subsistem em alguma galeria subterrânea de nosso pensamento, imagens completamente prontas, mas na sociedade, onde estão todas as indicações necessárias para reconstruir tais partes de nosso passado as quais nos representamos de modo incompleto ou indistinto<sup>4</sup>.*

---

<sup>3</sup> BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

<sup>4</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. cit. p.77

E Walter Benjamin, para quem a memória não é *um resgate* do passado, e sim *uma construção* fundada no presente. Por conseguinte, ao invés de apontar para uma imagem eterna do passado, como um depositário da memória individual, deve-se construir uma experiência (Erfahrung) com o passado. A memória “não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência”<sup>5</sup>.

Ao analisarmos aqui as falas dos depoimentos, consideramos as diferentes trajetórias sociais dos depoentes e a maneira pela qual *o vivido* de cada um fixou as experiências de vida na comunidade. Dessa forma, podemos afirmar que a construção da história, pela memória, está intrinsecamente mediada pela *vivência*. Essa *vivência*, por sua vez, está perpassada por uma multiplicidade de acontecimentos marcados entre o tempo presente e o tempo passado na história de vida de cada entrevistado.

#### **4.1. Pau de Colher: variações da experiência religiosa**

Durante fins de dezembro de 1937, agricultores, tropeiros, vaqueiros, comerciantes, passaram a vender seus bens, pagar suas dívidas e abandonavam tudo: sítio, roça, casa e família para se ocuparem da salvação da alma. De vários lugares afluíam sertanejos para Pau de Colher<sup>6</sup>, levando suas famílias ou mesmo deixando-as para trás caso se recusassem acompanhá-los, engrossando um contingente cada vez maior de pessoas. O Sr. José Wilson, morador de Casa Nova, conta que:

---

<sup>5</sup> BENJAMIN, Walter. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas. Vol. 2. 2ª ed., São Paulo: Editora Brasiliense, 1989. p.239 e 240.

<sup>6</sup> Segundo informações de José Camilo, que se tornou um dos principais líderes da comunidade, havia em Pau de Colher a seguinte distribuição de pessoas segundo os lugares que residiam: Pau de Colher – 110 pessoas; Castanheiro – 87 pessoas; Santa Cruz – 100 pessoas; Morrinho – 42 pessoas; Brejões – 46 pessoas; Minador do Juá – 34 pessoas; Cachoeirinha – 42 pessoas; Lagoa do Alegre – 35 pessoas; Salinas – 40 pessoas; Barra – 36 pessoas; Minador das Cacimbas – 23 pessoas; Proeza – 36 pessoas; Baixão – 11 pessoas; Riacho do Meio – 10 pessoas; Riacho do Meio – 10 pessoas; Cacimba da Isabel – 11 pessoas; Vereda – 18 pessoas; Tamanduá – 16 pessoas; Caldeirão do Umbuzeiro – 8 pessoas; Campo Largo – 6 pessoas; Lagoinha – 6 pessoas; Pedra D’Água – 13 pessoas; Pessoal do Piauí – 227 pessoas. ESTRELA, Raimundo. *Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas*. 2º ed. Ver. Salvador: Assembléia Legislativa, 1998. p.40

*tinha muita gente, morando pertinho, conseguiram muita gente por ali, muito fanatismo. É que ele (Senhorinho) era santo. E chegou um ponto das pessoas venderem o que tinham para ir fazer parte da comunidade. Ele dizia que ia formar lá a “Comunidade da Salvação”. Quem fosse pra lá, seria salvo. (...) O pessoal vendia tudo. Se tinha um fazendeiro que tinha muito gado, muita coisa vendia tudo, aí entregava a ele tudo.(...) Era pra se salvar. Eles metiam na cabeça deles que bens materiais atrapalhavam a ida pro céu. (JOSÉ WILSON)<sup>7</sup>*

José Rodrigues de Souza, neto de José Camilo<sup>8</sup>, lembra que:

*Meu avô tinha uma propriedade. Criava bode e praticamente abandonou tudo pra ficar lá dentro do movimento (...). Minha avó com oito filhos, saiu de dentro de sua casa pra ir lá pra dentro desse movimento. E assim como os outros que estavam lá, viviam disso, iam buscar os seus mantimentos nas suas propriedades. Um dia aquilo ia se esgotar. A verdade é que o movimento acabou antes que acontecesse o esgotamento. (JOSÉ RODRIGUES)<sup>9</sup>*

Segundo registros, numa área aproximada de 1600m<sup>2</sup>, nos arredores da casa de José Senhorinho, construiu-se uma enorme latada que abrigava os muitos que chegavam. No entanto, o número cada vez maior de pessoas esbarra numa estrutura que não estava preparada para a fixação de inúmeros sertanejos. Esse “desequilíbrio” torna insuficiente a quantidade de alimentos para atender a todos. Por vezes, os membros que haviam ido para comunidade, voltavam às suas lavouras em busca dos seus produtos para amenizar a fome que também crescia. Como afirma o Sr. José Rodrigues de Souza, ao longo de sua entrevista, as “pessoas que estavam lá dentro iam buscar nas suas casas, nas suas propriedades alguma coisa de alimentos”.

<sup>7</sup> Entrevista com Sr. José Wilson D. Santos, morador de Casa Nova, 69 anos, escrivão aposentado. Casa Nova, 24 de Janeiro de 2008.

<sup>8</sup> José Camilo da Costa morava no sítio Proeza, no Piauí, quando foi para Pau de Colher. Trabalhava na roça e exercia também atividade de pedreiro e sapateiro. Casado com Ana Maria de Souza, era pai de 8 filhos. Profundo conhecedor da Bíblia costumava dar explicações para todos que lhe pediam. Em Pau de Colher, logo se destacou como uma das principais personagens. Após a morte de Senhorinho, José Camilo assumiu juntamente com outros membros a liderança do movimento e deram continuidade as pregações realizadas na comunidade. Em 12 de fevereiro de 1938, acompanhado de 83 pessoas, principalmente mulheres e crianças que havia fugido do ataque da polícia de Pernambuco, foi cercado e preso pela polícia. Sua prisão teve ampla repercussão e ensinou na imprensa todo o sensacionalismo jornalístico.

<sup>9</sup> Entrevista com Sr. José Rodrigues de Souza Costa, morador de Casa Nova, comerciante, 37 anos. Casa Nova, 23 de janeiro de 2008.

No decorrer do seu relato D. Iaiá, faz uma reconstrução da experiência que viveu dentro da comunidade. Diz ela que todos viviam

*nas latadinhas (...), cada um era um. Era assim um limpão muito grande, só aquelas barracas. (...) Só naquele movimento, com fome e com sede que lá não tinha nada, bebida nenhuma (...). O de comer, eles mandavam cozinhar um feijão, tinha dia que era o feijão só. Outro dia era o feijão pintado<sup>10</sup>, era assim (faz gesto indicando que era pouco), comia três num prato só. O povo andando, zanzando, zanzando. Quase sem comer. Era tudo irmão. Se você fosse casada, mas era tudo irmão (...). Era assim, era uma vida. (D. IAIÁ)<sup>11</sup>*

Ao ler o depoimento de D. Iaiá, percebemos a situação precária da estrutura da comunidade no decorrer de janeiro de 1938. A fome e a sede misturavam-se ao desejo de mudança. Aflora também, em sua narrativa, o sentimento de pertença comunitária e fraternidade, especialmente na pobreza e na carência.

Embaixo das latadas, eram os seguidores acompanhados pelo beato Senhorinho que se juntava ao povo para conduzir os benditos e falar sobre assuntos bíblicos. A realização das rezas obedecia a horários determinados do dia e da noite. As regras de comportamento seguiam determinadas condutas. As rezas eram realizadas em filas; homens do lado direito e mulheres do lado esquerdo. Ao entrar na comunidade, todos eram tratados por irmãos. Ao beato pertencia a liderança e a organização da vida religiosa e comportamental com regras e condutas bem definidas, que mantinham a disciplina na comunidade.

Em Pau de Colher, a construção de um espaço sagrado implicava em mudanças radicais nas relações com a família, com os bens, com a terra e com o mundo ao seu redor. A separação entre homens e mulheres acontecia normalmente, porém, não havia a proibição do relacionamento sexual entre pessoas em união conjugal. Proibia-se o consumo de carne,

---

<sup>10</sup> O pintado trata-se de uma mistura de feijão cozido e milho.

<sup>11</sup> Entrevista com Maria do Nascimento, conhecida como D. Iaiá, moradora de Casa Nova, 89 anos, participou diretamente dos acontecimentos na comunidade de Pau de Colher no ano de 1938. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

condenava-se o apego aos pertences, dinheiro ou outros bens materiais e pequenos vícios como bebida e jogo. Exigia-se daqueles que queriam ingressar na comunidade, uma conduta moral exemplar e o pagamento de suas dívidas era uma delas. As mulheres teriam que usar cabelo comprido e os homens cabelo curto ou raspado, que caracterizava o pertencimento a comunidade.

O desprezo pelos bens terrenos torna-se uma resposta contestatória à valorização pecaminosa deste mundo e de seus bens e a mudança para vida pura afastada de todo pecado. Todas as relações sociais que se estabeleciam entre a comunidade e as pessoas estavam embasadas nos pressupostos simbólicos das orações e dos rituais que reafirmavam o caráter religioso do movimento. As instruções espirituais dirigidas por Senhorinho, faziam-se também por meio de atos punitivos para quem desobedecesse às regras e aos costumes compartilhados na comunidade. A quebra da permanência no grupo e a violação de qualquer exigência dos preceitos morais ou religiosos seriam severamente punidas.

Pelo que se pode apreender através das diferentes memórias é que, em Pau de Colher, não havia distinção social. Não importava a origem social dos indivíduos: flagelados das secas, fugitivos de todos os tipos de perseguições, fazendeiros e pequenos agricultores eram aceitos desde que, uma vez dentro da comunidade, assumissem as regras e condutas definidas pelo beato.

No final do ano de 1937, surge uma grande expectativa em torno da realização do grupo viajar para o Caldeirão, porém, o projeto e a efetivação desta viagem não era claro para a maioria dos participantes. A esse respeito D. Iaiá, recorda que:

*aquela fileira de gente (...). Nós saímos do Pau de Colher, era pra gente ir pra um lugar, o Juazeiro Santo, um negócio assim, que o Conselheiro morava (...) era perto do Juazeiro (...). Era esse Caldeirão (...) quando foi de tardinha voltamos com fome e com sede, depois foi chegando gente, ia chegando assim uma tuia, e chegando gente, e chegando gente aí ficamos zanzando, zanzando. (D. IAIÁ)*

Muitas pessoas, em Pau de Colher, passaram a permanecer nos arredores da casa de Senhorinho. Iniciavam-se as comemorações natalinas, o que indica que muitos seguidores tenham ido a Pau de Colher com suas famílias para festejarem juntos o Natal. A data natalina é significativa por representar o símbolo do nascimento, renovação e mudança na tradição cristã. Como afirmou José Camilo, em seu depoimento a Cristina Pompa:

*o Senhorinho começou a reunir o pessoal. Na data do Natal, já se achava um bando de gente junta (...). Isto foi no dia 25 de dezembro, não sabe? Desde que Senhorinho começou esta reunião do pessoal, eles tiveram até o dia 19 de fevereiro. (JOSÉ CAMILO)<sup>12</sup>*

A respeito da viagem para o Caldeirão, Cristina Pompa afirma que essa viagem “tem seu modelo ritual na romaria e na procissão-penitência”<sup>13</sup>. Essa perspectiva abre espaço para que se possa pensar na própria viagem como uma prática que se realiza como *ritual*, que permite aos envolvidos substanciar, confirmar e inventar seu mundo. A viagem para Caldeirão aparece como lugar de encontro com o mundo desejado em Pau de Colher. Caldeirão representava o lugar concreto de ausência da miséria. Essa memória da comunidade cearense produzia expectativas que iam além das motivações religiosas.

A repressão a Pau de Colher interrompeu qualquer projeto possível de contato entre as duas comunidades. No entanto, torna-se difícil encontrar uma resposta plausível para a escolha da ida para Caldeirão pelos participantes de Pau de Colher. Não sabemos qual a finalidade real da viagem, mesmo estando a comunidade do Caldeirão destruída e seus membros perseguidos pela polícia.

Contudo, a aproximação entre Caldeirão e Pau de Colher fez-se em vários aspectos: através da passagem do conselheiro Severino que pôs em circulação diversas práticas do

---

<sup>12</sup> Entrevista com José Camilo realizada por Cristina Pompa em 1987. POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1995. p.87

<sup>13</sup> POMPA, Maria Cristina. Op.cit. p.157

catolicismo popular; as visitas a Juazeiro do Ceará, ao Pe. Cícero, realizada por parte da gente que esteve em Pau de Colher e que possivelmente tomava conhecimento da comunidade do Caldeirão. Também devemos considerar a destruição do Caldeirão em 1937 e a chegada de Quinzeiro em Pau de Colher neste mesmo ano.

O fato é que não podemos conferir a Pau de Colher um caráter transitório, considerando-o uma extensão do movimento do Caldeirão, como percebem alguns autores que estudaram a comunidade baiana<sup>14</sup> e como deram a entender os jornais e a polícia da época, que relacionando os dois episódios, ressignificaram suas memórias. Entendemos que a associação entre as duas comunidades fundamenta-se na circularidade dos beatos e conselheiros pelos sertões, onde tecem interações, mas continuam a existir nas suas singularidades e especificidades.

Figuras como Pe. Cícero e Zé Lourenço eram polarizadas como referências religiosas, tendo sua inserção dentro das condições histórico-sociais do catolicismo popular. Portanto, considerar o movimento de Pau de Colher a partir deste argumento de ‘transitoriedade’, é privá-lo de suas lutas, resistências e estratégias de interação constituintes da sua relação dialética com a sociedade envolvente, num momento histórico específico. É importante perceber que os beatos e seus seguidores não se limitam a reproduzir aquilo que aprenderam, pois são sujeitos ativos na construção de uma realidade simbólica da qual participam de acordo com sua experiência social.

#### **4.2 As (res)significações das devoções em Pau de Colher**

As narrativas sobre a cultura religiosa, em Pau de Colher, descrevem um *corpus*

---

<sup>14</sup> Destacamos os seguintes autores e obras: *Um movimento messiânico no interior da Bahia* (DUARTE: 1972); *Messianismo no Brasil e no Mundo* (QUEIROZ: 1976) e *Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas* (ESTRELA: 1998).

sagrado – benditos, ladainhas, orações – que se estabeleceu com a figura do beato Senhorinho, propiciador das reuniões no sítio Pau de Colher. Nessa cultura, enredada em *teias de significados*<sup>15</sup>, a experiência devocional popular se estrutura na intimidade com os santos relacionados à experiência da religiosidade popular católica.

Em Pau de Colher os “membros do grupo dirigente eram tratados de “meu padrinho” e todos os adeptos obrigados a pedir-lhes a bênção; além disso, recebiam o nome de um santo de canonização popular ou ortodoxa. Exemplo: José Senhorinho: “meu padrinho São José”; Quinzeiro: “meu padrinho Cícero”; Ana: “minha madrinha Santa Cruz”; José Camilo: “meu padrinho Moisés”, João Damásio: “meu padrinho Arão”<sup>16</sup>. Essa descrição, feita por Raimundo Duarte, também foi apontada por Optato Gueiros em suas memórias. Lembra o capitão que “entre os fanáticos havia os que já tinham atingido o grau de ‘santidade’ e eram tratados por santos. Encontravam-se lá os seguintes seres ‘angélicos’: São Arão, São Moisés, São José, São João, Santa Inês, Santa Maria e assim por diante”<sup>17</sup>.

Esse aspecto aponta um significado incomum nas práticas religiosas vivenciadas pela comunidade, que perpassa uma complexa rede de relações sociais e culturais do sertão e envolve uma nítida distinção dos papéis sociais reconhecidos entre os membros da comunidade. Seus líderes fizeram ressurgir, à sua maneira, através dos seus ensinamentos, um universo de forte tradição religiosa da qual emergiam os participantes.

O ato da bênção penetrou nos sertões através das práticas trazidas pelo catolicismo, que fez surgir uma cultura de proteção, cuja intensa ligação com a estrutura dos *laços do compadrio* definia a relação que se estabelecia entre pais e futuros padrinhos ao consumir um

<sup>15</sup> Fazemos referência aqui a noção da religião enquanto *sistema cultural*, no qual Geertz assinala a cultura como um *sistema de símbolos*, os quais se veiculam a *teias de significados* tecidas pelo homem que pode ser descrito de forma inteligível. A cultura é vista desta forma como “um padrão de significados transmitido historicamente, incorporado em símbolos, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais os homens comunicam, perpetuam e desenvolvem seu conhecimento e suas atividades em relação à vida”. GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. p.15 e 103

<sup>16</sup> DUARTE, Raimundo. *Um movimento messiânico no interior da Bahia*. In: SCHADEM, Egon (Org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Revista de Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1972. p.46

<sup>17</sup> GUEIROS, Optato. *Lampeão: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*. 3ª edição, Revista e Ampliada. São Paulo, 1953. p.170

batismo. Segundo Francisco Régis Lopes, as práticas do catolicismo carregaram

*um código de regras que fabrica vários esquemas de apadrinhamento. Além do compadrio gerado na pia batismal, a religiosidade do “Velho Mundo” plantou nas novas terras uma rede de segurança construída por padrinhos de fogueira, padrinhos de casamento e a significativa participação de protetores do Além: os santos que cuidam de partes do corpo (por exemplo: Santa Luzia para os olhos); o santo da devoção particular; o padroeiro da cidade; o santo para cada profissão; o anjo da guarda.*<sup>18</sup>

Sobre a questão dos laços de compadrio, Duglas Teixeira Monteiro afirma que o batismo e o compadrio, de um modo geral, “podem ser vistos como o estabelecimento de uma ponte entre a esfera das coisas profanas e a das coisas sagradas”<sup>19</sup>.

Numa sociedade onde o poder local expressava-se pelo uso da violência, pela relação de persuasão e de negociação, desenvolve-se um catolicismo arraigado nos princípios da proteção que vem do céu e da terra. Em Pau de Colher essa cultura fora reelaborada através do reconhecimento de alguns membros como santos, escolhidos pelo beato Senhorinho. Seguir, nesta perspectiva, para Pau de Colher, era buscar proteção, não dos coronéis, mas divina, no caminho para a salvação.

A organização das regras da comunidade, o reconhecimento da condição *padrinho*, o dever à obediência, erigiam-se como compromissos entre os indivíduos na comunidade. Essas características associadas à re-significação cultural da devoção aos santos católicos e personagens bíblicos constituíram, em Pau de Colher, a imagem e figuração pública de um santo protetor com diferentes graus de distinção. Na Missão Abreviada, “base teológica” do beato Senhorinho, a devoção é instruída da seguinte maneira:

*na nossa religião, não há cousa maior, nem mais nobre, do que é a verdadeira devoção. (...) o princípio da verdadeira devoção é o coração, é*

<sup>18</sup> RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998. p.41

<sup>19</sup> MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974. p.71

*lá aonde ella deve nascer, desejando amar e agradecer a Deos, a Maria Santíssima e aos Santos. Os fructos d'esta virtude são as obras externas, oração, sacramentos, jejuns, cânticos divinos, lição espiritual, e tudo aquillo que se pratica com intenção de agradar a Deos e attrahir as suas graças<sup>20</sup>.*

Situados como intermediários, nessa mão dupla da relação entre o homem e Deus, a devoção construiu-se a partir de experiências pessoais na comunidade, propiciando uma relação muito particular e que demonstra as formas multifacetadas da devoção que, de modo geral, constituíram as experiências religiosas no Brasil. Em Pau de Colher, ao que parece, tornou-se mais adequado ao beato produzir seus próprios santos, que resultam das especialidades atribuídas aos escolhidos, para cumprir funções particulares e significados próprios.

É importante analisarmos essa rede de sentidos que se forma na experiência devocional que põe em relevo a construção de um campo de representações significativas. Assim, destacaremos três lideranças: Senhorinho, Quinzeiro e José Camilo, por compreendermos que no contexto da devoção da comunidade, suas representações tornam-se significativas para entendermos as distinções devocionais e seu papel diante da comunidade.

Senhorinho figurava São José, personagem conhecido do Novo Testamento, designado por Deus para se casar com Maria, mãe de Jesus, o fundador do Cristianismo. Reconhecidamente um dos santos mais populares da Igreja Católica, São José é identificado pelos fiéis como protetor da Igreja católica. Seu significado na comunidade tem enorme destaque, por ser aquele que teria como *missão* proteger a religião católica e ao mesmo tempo ser o guia espiritual da comunidade.

Sobre Pe. Cícero, figurado por Quinzeiro, há uma extensa lista de estudos realizados por historiadores e cientistas sociais que se debruçaram sobre sua figura à procura de desvendar os acontecimentos daquele que, rejeitado por setores da Igreja, tornou-se o santo

---

<sup>20</sup> COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. *Missão Abreviada*. 9ª edição. Porto, 1873. p.516 e 517

venerado pelos nordestinos<sup>21</sup>. A história religiosa do Padre Cícero inicia-se no ano de 1872, quando foi nomeado vigário de Juazeiro do Norte, então um pequeno povoado na região do semi-árido cearense. Em 1889, durante uma missa, a hóstia consagrada por ele sangrou na boca de uma beata chamada Maria de Araújo.

Este acontecimento logo se transformou num conflito religioso e político dos mais acirrados e polêmicos. A partir deste acontecimento, a população atribuiu o fato a um milagre e Juazeiro virou centro de peregrinação, com a realização de grandiosas romarias. Pe. Cícero exerceu papel determinante na vida política e religiosa do Ceará. Como santo protetor muitos sertanejos recorrem a ele, em oração, num sinal de fé inabalável. Com sua morte, em 20 de julho de 1934, no Juazeiro do Norte, Pe. Cícero torna-se definitivamente um dos maiores santos populares do Nordeste, construído fora da hierarquia clerical a partir dos valores do catolicismo pregado nas santas missões.

Sua influência na vida religiosa dos sertanejos é inquestionável. Pau de Colher também não passa ausente da sua influência comum por todo sertão. Exemplo significativo foi o uso das roupas pretas, utilizadas pelos membros da comunidade, que expõem uma memória bastante conflituosa entre as narrativas a esse respeito. Alguns atribuíam o uso da cor preta ao fato de estarem os membros da comunidade de luto pela morte do Pe. Cícero, como conta José Rodrigues de Souza, os participantes:

*se vestiam de preto, tem as devoções de Padre Cícero, dia 20, foi o dia que Pe. Cícero morreu, dia 20 de todo mês se veste de preto. (...) Devotos de Pe. Cícero, não é nem só devotos, é quem tem promessas com Pe. Cícero e aí eles tinham como veio à pregação de lá, do beato Severino, um desejo, como seguidores de Pe. Cícero, (...) Todas as mulheres lá no reduto eram vestidas de preto. (JOSÉ RODRIGUES)*

---

<sup>21</sup> Entre os diversos estudos sobre Pe. Cícero destacamos: DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1976; MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. História da Civilização Brasileira (Tomo III, Vol. 2). São Paulo: Difel, 1977; RAMOS, Francisco Régis Lopes. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

No documento Anônimo, escrito ao bispo do Juazeiro D. José Rodrigues, a referência às roupas pretas é descrita como uma identificação: “vestiam-se de preto, alguém com roupa de cor diferente era considerado adversário”<sup>22</sup>. D. Iaiá, referindo-se ao assunto durante a entrevista, lembra que as roupas eram pretas e azuis e que seu uso “era por causa desse Conselheiro (*Quinzeiro*) que disse que se não vestisse era do cão, não era de Deus”<sup>23</sup>.

Pelas memórias que procuram explicar o uso da cor preta na comunidade, encontramos sentidos variados como: identificação dos participantes ou luto pela morte do Pe. Cícero. O fato interessante deste aspecto é que, para aqueles que promoveram a repressão, a forma como a comunidade se vestia serviu para construção da representação do fanático que na memória constituída advinha do patriarca do Juazeiro. As diferentes visões sobre o acontecimento expõem a possibilidade de análise pelas quais passam à história a partir da memória que atua de forma plural.

No movimento religioso de Juazeiro, formou-se a comunidade do Caldeirão, no sítio Baixa D’Anta, liderada pelo beato José Lourenço, onde vários devotos do Pe. Cícero trabalhavam na produção igualitária da terra. Quinzeiro, que veio do Caldeirão, informando sobre a morte do conselheiro Severino, fez-se seu substituto e logo assumia um lugar de liderança na comunidade. Em pouco tempo é reconhecido na comunidade pela figura do Pe. Cícero e torna-se o representante legítimo do Juazeiro e do Caldeirão em Pau de Colher.

José Camilo era tropeiro. Na década de 1930, entra para o movimento de forma inesperada. Segundo o depoimento do seu neto José Rodrigues de Souza:

*Meu avô, ficava viajando, comprando animais, gado, naquele tempo chamavam de boiadeiro... não é nem bem um boiadeiro! É como se fosse comerciante, um ambulante, aí foi quando, segundo ele, estava viajando aqui pro lado do Piauí, quando chegou em casa, o pessoal tinha chegado lá e tinha levado a família dele. Minha avó com os filhos que eram pequenos,*

---

<sup>22</sup> Anônimo. *Histórico de Pau de Colher*. Carta Anônima ao Bispo de Juazeiro D. José Rodrigues. Juazeiro da Bahia, 1983.

<sup>23</sup> Entrevista com D. Maria do Nascimento. Op. cit. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

*nessa época, tinha levado pra dentro do movimento e ele foi lá na força, já tinham levado e ele teria que ir também. Aconteceu que depois que ele foi lá pra dentro, ele acabou se aderindo ao movimento que passou até a liderar.* (JOSÉ RODRIGUES)

No movimento, José Camilo foi escolhido por Senhorinho como seu sucessor na ordem de *obediências* e investido da figura de Moisés. Como afirma Gilmário Brito:

*José Camilo adquiriu uma representação especial – segundo seu próprio relato – porque todos, independentemente da idade, sexo e posição social (...), tomavam bênção de joelhos a Senhorinho. Certo dia, quando fazia fala à noite, conforme narrativa de José Camilo, mandou que todas as bênçãos fossem oferecidas ao segundo Moisés, José Camilo<sup>24</sup>.*

Venerado pela Igreja Católica, Moisés, de acordo com a tradição judaico-cristã, foi o autor dos cinco primeiros livros do Antigo Testamento<sup>25</sup>. O relato do Êxodo, sob a liderança de Moisés, prefigura a libertação da escravidão do pecado, passando os cristãos a usufruírem da liberdade pertencente aos filhos de Deus. Essa representação é significativa porque Moisés cumpre a função de repassar a seus irmãos, como intérprete e mediador, as mensagens reveladas por Deus. Após a morte de Senhorinho pelo ataque da polícia de Casa Nova, conta José Rodrigues que:

*quem ficou reunindo as pessoas sobre o movimento dos rituais lá dentro foi o meu avô José Camilo e ele ficou liderando, mas aí ficou assim, reunia os rituais que tinham de orações lá dentro e ficou aquelas pessoas que faziam parte.* (JOSÉ RODRIGUES).

No universo das representações construídas pelos beatos e conselheiros, há que se distinguir na relação destes para com a comunidade a que pertencem, a posse de um saber. Esse saber vincula-os a um campo de legitimidade perante a comunidade. Nesta cultura,

<sup>24</sup> BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: na letra e na voz*. São Paulo: EDUC, 1999. p.205

<sup>25</sup> Segundo o Livro do Êxodo, Moisés foi adotado pela filha do Faraó e o educou. Aos 40 anos, é obrigado a partir para o exílio. 40 anos depois, é incumbido pelo Deus de Abraão como o libertador do povo de Israel. Moisés então os conduziu em peregrinação pelo deserto até ao limiar de Canaã, a Terra Prometida.

figuras como Senhorinho, Quinzeiro, José Camilo, apropriando-se e utilizando-se das representações atribuídas aos santos e personagens bíblicos e difundidas amplamente na cultura religiosa popular, ocupam um lugar constituído de poder, que exprimem sentidos expressos a partir das suas experiências religiosas, culturais e sociais.

Assim, não só o jornal, o folheto, a polícia, mas também o beato, falam de um lugar social com poderes de interpretar e produzir sentidos. O poder religioso que detém não lhe advém de uma delegação institucional, mas de um reconhecimento do grupo social que o identifica como portador de um poder eficaz do qual deriva todo um relacionamento entre o grupo, diferente do poder estabelecido pelos coronéis do sertão São Franciscano. Desta forma, não podemos simplesmente compreender o papel dos beatos como “heróis, messias, intelectuais orgânicos articuladores de vontades, desejos e esperanças de um povo incapaz de realizar suas aspirações, sem situar o sentido histórico<sup>26</sup>” desses sujeitos no mundo cultural no qual estavam imersos.

O sagrado é um valor atribuído pelo grupo a pessoas, lugares, tempo e objetos. Segundo Durkheim, “as crenças religiosas são representações que exprimem a natureza das coisas sagradas e as relações que essas mantêm entre si e com as outras coisas profanas”<sup>27</sup>. O sagrado desta forma é relativo aos valores a que as comunidades se associam. Os que se situam fora desses valores são considerados profanos e impelidos a fazer parte da comunidade.

D. Iaiá expressou esta inquietação entre o mundo sagrado e o profano de forma muito significativa ao lembrar que:

*tinha uns que disseram que quem não acreditava não era de Deus, quem acreditava era pra morrer na lei de Deus. (..) Digo, eu? Eu quem vou esperar pra me dar uma cacetada pra eu morrer (...) Aí quando foi um dia digo: Oh, Meu Deus! Será eu que não sou de Deus porque meu coração não*

<sup>26</sup> BRITO, Gilmário Moreira. Op. cit. p.34

<sup>27</sup> DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989. p.72

*pede pra eu fazer isto? Mas calado pra eles não vê. Pra me matar assim. (D. IAIÁ)*

Para Micea Eliade “o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como algo absolutamente diferente do profano”; ao mesmo tempo, para “o homem religioso, o espaço não é homogêneo: o espaço apresenta roturas, quebras; há porções de espaços qualitativamente diferentes das outras”<sup>28</sup>. Eliade observa assim que o sagrado cria um elo entre a transcendência e a sua materialidade, pois o homem religioso, ao sacralizar o mundo, distingue o espaço sagrado de outros, que por não serem sagrados, se apresentam disformes e sem sentido<sup>29</sup>.

Portanto, as representações do sagrado, em Pau de Colher, não podem ser percebidas desvinculadas das relações sociais, mas como partes constituintes da experiência religiosa vivenciada no interior do movimento. Nessas circunstâncias, o ser santo gerava-se pelo fato do beato se identificar com a vida do grupo. Sua prática religiosa possibilitava realizar e prover as necessidades imediatas vivenciadas pelas populações. Michel de Certeau ressalta que a “vida do santo se inscreve na vida de um grupo”, e “representa a consciência que ele tem de si mesmo, associando uma imagem a um lugar”<sup>30</sup>. Numa clara intenção de produzir um modelo de exemplaridade à semelhança da história de vida dos santos, as representações instituídas em Pau de Colher reelaboram para os participantes as virtudes e qualidades morais que se achavam profundamente relacionadas com o mundo religioso da comunidade expresso em sua cultura.

A experiência da santidade é uma prática cotidiana passível de construir relações e valores novos e produzir uma identidade comum. O santo é um modelo de comportamento para os seguidores, sua devoção uma resposta às necessidades espirituais do grupo. A

---

<sup>28</sup> ELIADE, Micea. Op. cit. p.17 e 25.

<sup>29</sup> Segundo Eliade, “um lugar sagrado constitui uma rotura na homogeneidade do espaço; essa rotura é simbolizada por uma “abertura”, pela qual se tornou possível a passagem de uma região cósmica a outra (do Céu à Terra e vice-versa...)”. Ibid. Op. cit. p.38

<sup>30</sup> CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p.269

recepção dos ensinamentos dos beatos passa pelas interpretações simbólicas entre o *sagrado* e o *profano*, o que implica uma relação com as memórias sociais. A força da santidade do beato, neste caso, está no fato de que ele se faz presente no cotidiano da comunidade.

Na medida em que os participantes colocavam em circulação as narrativas de personagens e preceitos bíblicos, elaboravam e conservavam uma memória social da Bíblia. Chama a atenção o fato de tratar-se da assimilação comunitária da palavra escrita, a Bíblia, numa cultura predominantemente oral<sup>31</sup>.

Compreende-se, assim, que a repressão a Pau de Colher foi provocada devido às mudanças na dimensão social e também pela dimensão propriamente religiosa. Lembramos que, do ponto de vista religioso, desde a segunda metade do século XIX, a Igreja Católica buscava o fortalecimento da sua hierarquia caracterizada pelas diretrizes adotadas na encíclica *Quanta Cura* e a *Bula Syllabus* ambas de 1864. Em linhas gerais, essas diretrizes visavam reforçar o poder do Papa frente ao clero e aos governantes dos países, além de combater veementemente as idéias do liberalismo e do racionalismo, associados ao anticlericalismo, a laicização e a liberdade de culto. Denominado de Romanização, esse centralismo clerical buscava construir uma identidade institucional expressa pelo Concílio Vaticano I (1869-70), sob o pontificado de Pio IX, com a centralização das igrejas em torno da Cúria Romana e a configuração de uma Igreja Universal.

Ao promover a centralização, o clero passou a exercer um controle cada vez maior sobre todas as expressões religiosas. Valorizava-se a obediência e combatiam-se, enfaticamente, as práticas religiosas que não estavam submetidas ao controle da Igreja ou que não se enquadrassem nos limites permitidos. Nos sertões, a figura dos beatos e conselheiros que prestavam assistência religiosa e amenizavam o problema de atendimento espiritual das populações em geral despertava a atenção dos membros da Igreja. Existia na região uma

---

<sup>31</sup> Uma abordagem específica sobre a assimilação da Bíblia pelos cânticos dos benditos em Pau de Colher pode ser visto em *Pau de Colher: na letra e na voz* de Gilmário Moreira Brito.

escassez de clérigos que era quebrada apenas eventualmente por uma visita sacerdotal responsável pela desobriga<sup>32</sup>, ou ainda por missões itinerantes que, em muitos casos, substituía uma assistência religiosa permanente.

O movimento de romanização assinalou profundas tensões sociais entre Igreja e movimentos sócio-religiosos populares: Canudos (1896-1897), no sertão baiano, Contestado (1912-1916), região limítrofe entre Paraná e Santa Catarina, Pe. Cícero (1889-1934), no Juazeiro; Caldeirão (1926-1936), no Crato, Ceará, todos nascidos no contexto da virada do século XIX para o século XX. Rui Facó, aponta para o fato desses movimentos, apesar de possuírem suas especificidades, convergiam num ponto em comum: “o choque aberto entre a religiosidade popular e a religião oficial da Igreja”<sup>33</sup>. Com Pau de Colher (1935-1938) não era diferente, a herança religiosa trazida pelos missionários capuchinhos, tornou-se incompreensível aos que visavam “corrigir a ignorância” religiosa do catolicismo popular.

### **4.3. A salvação está para além do homem**

O chão sagrado para as populações do sertão não será a Igreja institucional, cuja escassa presença dos representantes eclesiásticos só ocorria esporadicamente para batizados, casamentos, celebrações de missas durante festividades religiosas e desobrigas pastorais, mas se fazia em outros espaços sociais. Como nos narra D. Iaiá:

*eu cheguei lá por uma hora dessa, tava tudo dentro de uma casa só rezando, rezando, tudo em pé, só rezando: pererê, pererê, pererê (...). Aí fiquei olhando assim, aquele povo tudo rezando, rezando, em pé a gente não tinha sossego. E ali era tudo irmão, tinha uns poucos que eram casados, mas primeiro era irmão. (...) Só naquele rezeiro, naquelas noites sem fim, era pra viver rezando. (D. IAIÁ)*

<sup>32</sup> Visita periódica de padres a regiões desprovidas de clero, a fim de proporcionar aos fiéis os sacramentos da Igreja, principalmente o batismo e o matrimônio.

<sup>33</sup> FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976. p.39

O Sr. José Wilson também lembra que:

*O negócio deles era rezar, orar. (...) quem não quisessem acompanhar morriam. Matavam. Daí veio o nome de caceteiro. E a coisa ficou séria.*  
(JOSÉ WILSON)

José Rodrigues de Souza apreendeu em sua memória muitas histórias do avô José Camilo; em sua entrevista relembrou que:

*ouvira as histórias que ele mesmo contava. Que eles ficavam reunidos, era orações (...) eles ficavam concentrados com aqueles rituais e se preparando, só poderia ser para o fim e naquele movimento de rezas que eles faziam, de orações que eles tinham lá, que foi se tornando mais forte aqueles rituais, então chegou ao ponto de que quando eles iriam buscar uma pessoa da vizinhança pra ir pra lá pra o movimento, e se alguém não quisesse ir, eles começaram a pressionar, pressionar, e aí foi que de vez em quando aconteceu as primeiras vítimas de Pau de Colher.* (JOSÉ RODRIGUES)

As orações constituíam-se o pilar da comunidade. De acordo com as instruções da Missão Abreviada,

*todo aquele que quer ter uma vida espiritual deve fazer continua oração (...). A oração não só é excelente e útil, mas até necessária, sem ella ninguém se poder salvar, tendo uso de razão.*  
*(...) peço aos meus leitores, pelas chagas de Jesus, que façam oração pública nas povoações onde possam chegar, e verão o resultado na conversão dos peccadores e perseverança dos justos.*<sup>34</sup>

A exortação da Missão Abreviada, sobre a conversão dos pecadores através da oração, exerceu forte influência nas pregações populares e na vida religiosa organizada em Pau de Colher. Os apelos moralistas para que homens e mulheres seguissem os preceitos sagrados que conduziam à salvação da alma eram, segundo Gilmário Brito, acompanhados com toda efervescência e fé. A busca por “melhores dias era compartilhada coletivamente, com todos empenhando-se na contrição de rezas e no fervor da elocução de cânticos, benditos

<sup>34</sup> COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. Op.cit. p. 375; 376 e 378

e ladainhas”<sup>35</sup>. Para o autor, os benditos, em Pau de Colher, eram a expressão religiosa de uma cultura oral apreendida em seu repertório de temas que incluíam “mandamentos e sacramentos da religião católica, internalizados como normas de sociabilidade, idéias de inferno, paraíso, Deus, pecado, castigo, perdão, próprios do imaginário popular nordestino”<sup>36</sup>.

Essa relação dos benditos e da Missão Abreviada, com conteúdos de devoções, orações e regulamentos cristãos, estão plenamente associados à propagação das Santas Missões que percorreram o Nordeste. Padre Manoel José Gonçalves enfatiza que a disseminação da Missão Abreviada tinha por objetivo *despertar os descuidados, converter os pecadores e sustentar os frutos missionários*. Dizia ele que:

*quem ler, ou ouvir ler este livro (Missão Abreviada), colhe o mesmo fructo como se fora assistir a uma missão; e então é bom que todos trabalhem, como já disse, em espalhar estes livros por toda parte, para que em toda parte se plantem estes santos exercícios*<sup>37</sup>.

O homem é visto como pecador. As prescrições espirituais para salvar sua alma são colocadas na Missão Abreviada que exigia a renúncia ao mundo material, da conversão dos pecados e a aceitação dos sofrimentos. Essas diretrizes são ensinadas na Missão Abreviada, e entendidas como atitudes correspondentes e necessárias à salvação.

A salvação e regeneração do mundo, através da instauração de um lugar sagrado em pleno sertão da Bahia, seriam a solução adequada para um povo que cultivava a idéia de um tempo sagrado, como expressão divina. A idéia de salvação representava, no tempo presente, o que o homem religioso associava à eternidade. Um tempo refeito que encerraria um ciclo de vida para o começo de um outro. Os seguidores de Pau de Colher acreditavam nesse tempo sagrado, de renascimento, de morte e vida regeneradas. Segundo José Rodrigues, em Pau de Colher:

---

<sup>35</sup> BRITO, Gilmário M. Op. cit. p.136

<sup>36</sup> Ibid. p.154 e 155.

<sup>37</sup> COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. Op. cit. p.8

*teve gente se dissesse assim: você deve morrer pra salvar a sua alma, a própria pessoa permitia que os outros matassem. Aonde teve gente lá, já depois do combate da polícia, teve gente lá que ia fugindo, meu avô contava uma história de Januário, que ele disse que saiu em direção ao Ceará, e que disseram que aquele que fosse cansando e não agüentasse mais a viagem, eles sacrificavam. (JOSÉ RODRIGUES)*

Para o homem religioso do sertão, o encontro do tempo sagrado com a eternidade era ancorada como símbolo de purificação. Neste aspecto, a morte ganha outro sentido: já não era mais vista como a escuridão, ela era a luz, a salvação. Desta forma, a religião se configura nas experiências concretas das pessoas, nos significados que elas atribuem e nos sentidos que davam à vida e à morte. Devemos lembrar que a religião não é só um “sistema de práticas; é também um sistema de idéias cujo objetivo é exprimir o mundo”<sup>38</sup>. Desta maneira, a valorização da vida eterna pode ser sinal de protesto e rejeição da situação real do mundo marcado por miséria e opressão.

Segundo os ensinamentos da Missão Abreviada, a concepção da salvação só seria possível para aqueles que adotassem uma vida conforme os ensinamentos de Jesus.

*É certo que são poucos os que se salvam, porque assim o ensina a Sagrada Escripura e a mesma razão assim o mostra; sobre o que deveis attender: Para um christão se salvar é necessário viver conforme as máximas de Jesus Christo, conforme o Evangelho.*

*(...) Também é necessário para a salvação renunciar a tudo quanto se possue, ao menos quanto ao affecto, e tomar todos os dias cada um a sua cruz, é este o verdadeiro signal dos discípulos de Jesus Christo*<sup>39</sup>.

O conhecimento da Missão Abreviada e da Bíblia pelo beato revelam a preocupação e o seu interesse em conhecer a vida de Jesus como ela é relatada nos Evangelhos, e em imitá-la em sua própria vida, comunicando-a aos seus ouvintes. Para ele a vida de Jesus se torna modelo de vida cristã.

<sup>38</sup> DURKHEIM, Émile. Op. cit. p. 506

<sup>39</sup> COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. Op. cit. p.520 e 521

A experiência religiosa é historicamente construída na vivência do devoto por meio de tradições reelaboradas, reconstruídas no seu cotidiano. Segundo afirma Halbwachs, a separação entre o mundo sagrado e o mundo profano realiza-se “materialmente no espaço”, onde a religião se expressa sob “formas simbólicas”<sup>40</sup>, cooptadas através das crenças e vivências emocionais pelos sujeitos sociais que definem seus espaços e práticas de fé. Essas práticas sagradas reinventam “o catolicismo a partir das condições materiais e culturais das populações pobres sertanejas. Da linguagem do Cristianismo, recriaram, a partir de antigas tradições sedimentadas e reavivadas na memória, outras linguagens, novas práticas ritualísticas e uma simbologia própria”<sup>41</sup>.

Essa reinscrição do sagrado efetivava Pau de Colher como lugar de passagem entre o céu e a terra. Nessa relação, a entrega do corpo à salvação era desejada e permitida. Já a quebra de regras e condutas era compreendida como desobediência das leis de Deus que poderiam recair numa punição ou castigos severos. D. Iaiá relatou-nos em sua entrevista que: “se um chegasse aqui com este cacete: você vai morrer na lei de Deus que você se salva. Era assim”<sup>42</sup>. Lembrou ainda que o marido José, certa vez, recebera ordem para matá-la, pois ela havia chamado o marido para juntos saírem de Pau de Colher: “Eu chamei José pra ir embora. (...) Quando foi mais longe ele disse que era pra mandar me matar. E só não mandou me matar porque por o santo beijava o altar, porque ele acreditava e eu num creditava”<sup>43</sup>.

O depoimento de D. Iaiá coloca em evidência a enorme atração desempenhada pela pregação do beato e a conduta de fé dos seus seguidores. A fé não é uma característica exclusiva das instituições religiosas. A crença faz parte do mundo social. Ao referir as palavras do marido: *porque ele acreditava e eu num creditava*, D. Iaiá mergulha fundo no universo das crenças e sentidos vivenciados em Pau de Colher e demonstra que a fé exerceu

<sup>40</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. cit. p.155 e 157

<sup>41</sup> ALVES, Tarcísio Marcos. *A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão: 1920-1937*. Recife: Néctar, 2007. p.57

<sup>42</sup> Entrevista com D. Maria do Nascimento. Op. cit. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

<sup>43</sup> Idem. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

de fato para os que a ela aderiram uma ordenação da realidade permeada de significados que precisam ser interpretados no interior da própria cultura que teceu essa realidade. Se compreendermos a religião em Pau de Colher como elemento simbólico, construído pelos participantes, é possível pensar o movimento como um intrincado conjunto de ressignificações e re-arranjos culturais. Para Geertz, os símbolos religiosos formulam uma coerência entre “um estilo de vida particular” (valores morais) e uma “metafísica específica” (cosmologia) sustentando “cada uma delas com a autoridade emprestada do outro”<sup>44</sup>.

A dimensão que tornou Pau de Colher como um espaço diferente, sagrado, ocupado pelos sertanejos, impresso em cada marca, em cada aspecto, em cada detalhe, “tem um sentido que é inteligível apenas para os membros do grupo, porque todas as partes do espaço que ele ocupou correspondem a outro tanto de aspectos diferentes da estrutura de vida de sua sociedade”<sup>45</sup>; certamente as condutas de fé, que se revelam nas memórias dos depoentes, também têm lugar neste *quadro espacial*. Essas práticas, crenças e vivências não podem estar dissociadas do modo de vida e da cultura que se estruturou na comunidade. Contrapor-se a essas práticas, vendo-as como fanatismo, ignorância, loucura ou mesmo ingenuidade, é desconhecer que o *lugar sagrado* torna-se a expressão do sentimento religioso.

As histórias sobre as práticas sociais e religiosas da comunidade, partilhadas por parte dos moradores de Casa Nova e das regiões circunvizinhas, baseiam-se num conjunto de narrativas que vêm sendo reconstruídas oralmente ao longo dos anos. São narrativas orais transmitidas de uma geração a outra sobre Pau de Colher, que são recontadas a partir das experiências de cada um, formando um arcabouço de representações que ainda estão presentes no cotidiano das histórias contadas por diversos moradores.

---

<sup>44</sup> GEERTZ, Clifford. Op. cit. p.104

<sup>45</sup> HALBWACHS, Maurice. Op. cit. p.133

*O povo conta que jogavam as crianças pra cima e amparava na ponta da faca e ficava rindo. (MARIA DO NASCIMENTO)<sup>46</sup>*

*Ele usava um torrado (Senhorinho), era um alucinógeno (...), as mulheres tomavam e ficavam loucas por ele (...). daquele dia em diante, ela fazia parte do comitê, daquelas coisas e cantoria, todos falam nesse torrado. (JOSÉ WILSON)*

Jogar crianças para apará-las na ponta da faca ou ao ingressar na comunidade todos tinham que fumar o torrado (rapé) e a partir daí ficavam fanáticos, são as histórias mais comuns que cercam o universo das representações de Pau de Colher, ainda hoje. Essas narrativas denotam a formação das múltiplas possibilidades sustentadas pelas memórias no tempo. D. Iaiá, ao referir-se a essas histórias, diz que:

*tem uma coisa que o povo disseram que eles lá jogava os meninos pra cima e pegava com ponta de faca, isto daí é mentira, que isto eu não vi. Isto é mentira. Como é que morre umas pessoas assim, e não tem um que enterre? Isto só cabe na cabeça de gente doido. Olhe, eu vi, no dia que eu cheguei lá, eles jogavam, daí caíam aqui no chão e ainda pisavam. Aquilo é mentira. Eles passavam assim um feitiço pra mode poder crer, na vista de nós pra pensar que era mesmo pro menino descer. Mentira! (...) eu conto o que eu vi, mas mentira não quero saber.*

*(...) Disse que tinha este torrado, mas eu não vi não. No primeiro dia que eu cheguei lá, era Gergelim, era uma panela assim, era uma vasilha, dessas colher de pau que a gente faz, uma mulher tava dando, e ela fez bem assim, pra eu querer: tome ao menos um pouquinho que meu padrinho disse que era pra querer, eu disse num quero não, num gosto disso não.*

*(...) toda vida o povo falou dele (Senhorinho), (...) assim, falavam que eles não prestavam, que eles eram feiticeiros, e a gente tá lá, mas num acreditava nestas histórias nesse tempo (...) Mas o povo toda vida num gostou do povo de Pau de Colher não. (D. IAIÁ)*

Entre as narrativas que se misturam e integram os espaços das representações de Pau de Colher, o Sr. José Wilson relatou uma história contada pelo seu sogro, que na época pediu-

---

<sup>46</sup> Entrevista com Maria do Nascimento Silva Carvalho, moradora de Casa Nova, aposentada, 75 anos. Casa Nova. 23 de janeiro de 2008.

Ihe segredo e considerada por ele fator de *controvérsia* do que se estabeleceu como a verdade sobre Senhorinho.

*Há um fato que ficou escondido por muito tempo. Eu mesmo fiquei calado por um bocado de tempo. Enquanto tava o fogo cerrado, tudo cercado, ele (Senhorinho) preparou uns caras de confiança, juntaram tudo que fosse de valor reunido na casa santa. E saiu com o comboio de jumentos carregados com tudo de valor, jóias, ouro, tudo. E os caras que ajudaram, ele matou. Os caras que ajudaram pegaram um corpo de um cara enrolaram num pano na vista de todo mundo, aquela rezaria toda pensaram que era o Senhorinho que tinha morrido, enterraram.*

Conta o Sr. José Wilson que seguindo com um único ajudante em direção a Pernambuco, encontraram com um grupo de comboieiros no qual seu sogro fazia parte. Nesse encontro, o dono do comboio que seguia para Pernambuco,

*comprou ao meu sogro uma porção de coisas. Comprou banha, arroz, café, essas coisas de comer e seguiu viagem. Quando chegou no Ouricuri, um dos rapazes, ajudante disse: sabe quem era aquele homem que comprou aquelas coisas? Meu sogro disse: não! Era o Senhorinho. Esse ajudante teve lá (em Pau de Colher) e não gostou da coisa.*

Segundo o Sr. José Wilson, chegando à região de Pernambuco, desconfiado das atitudes de Senhorinho, teria seu ajudante fugido por medo de também ser morto.

*Bom! Mas a história não fica só por aí. Começou uma fábrica de Caroá em Casa Nova e nessa fábrica precisava de transporte e meu sogro comprou um caminhão. (...) Com esse caminhão, levava tudo, em vez de jumento, passou com o caminhão a fazer a mesma trajetória, comprando em Pernambuco e vendendo até no Piauí. Numa dessas viagens para Pernambuco, devido a falta de açúcar na região, resolveu ir lá na zona da mata, comprar uma carrada. Aí comprou acertou tudo e disseram: agora o senhor vai no escritório do Patrão que ele tá lá. Quando entrou no escritório, reconheceu o cara que comprou as mercadorias a ele. Mas ficou quieto. Acertaram os negócios, preço essas coisas, pagou tudo, ficou calado. Veio embora. E fez ainda durante muito tempo algumas compras a esse senhor de engenho, que era o Senhorinho. Isso ninguém sabe. (JOSÉ WILSON)*

De beato a dono de engenho de açúcar em Pernambuco, do sagrado ao profano, a contestação da morte de Senhorinho ganha em nosso percurso não a preocupação de separar o verdadeiro do falso. O que importa aqui não é o fato de determinada memória ser “verdadeira” ou não, mas sim o significado social da memória e seu modo de transmissão por parte de diferentes grupos sociais. O que foi realmente vivido e o que se conta, o que se narrou ou foi escrito, apontam na direção da multiplicidade das narrativas que faz Pau de Colher.

Em Casa Nova ainda predomina a constância do movimento como produto da ignorância e do fanatismo, assim como era concebida a representação de Pau de Colher pela maioria de seus contemporâneos. Vejamos o que diz nossos entrevistados:

*Ficava este povo com esse negócio de fanatismo lá. Aquilo era ignorância, quando deu fé já tava combatendo matando o povo. (ADELSON BRAGA)<sup>47</sup>*

*Na verdade, isso foi fruto de um fanatismo religioso que acabou envolvendo as pessoas lá dessa localidade Pau de Colher e região. Eu acredito que sendo hoje, não aconteceria, pelo fato das pessoas hoje estar mais informadas. (JOSÉ RODRIGUES DE SOUZA)*

Nas memórias individuais e sociais, essas representações evidenciam um período da história de Casa Nova, onde a intervenção nos acontecimentos de Pau de Colher pelos jornais, militares, Estado republicano, governos Estadual e local, num momento político que forneceu as condições próprias para a repressão à comunidade, deixaram traços de uma memória que permanece “viva”, onde passado e presente se cruzam, contrapõem-se, enredam-se. As especificidades do acontecimento Pau de Colher mescla luta e fé. A religião produz um novo sentido, com o reencanto diante do desencanto com a seca, com o poder dos coronéis, com um destino traçado pela miséria. Em Pau de Colher, acreditava-se mesmo na possibilidade da vida

---

<sup>47</sup> Entrevista com o Sr. Adelson Braga, morador de Casa Nova, 95 anos, ex-enfermeiro que atendeu os feridos durante os acontecimentos de 1938. Casa Nova, 24 de janeiro de 2008.

comunitária com rezas, com suas vidas sendo conduzidas pela lei de Deus, e foi em nome dessa crença que tantos lavradores<sup>48</sup> ofereceram suas vidas na luta por esse *mundo da salvação*, enfrentando a fome, a sede e a metralhadora.

---

<sup>48</sup> Na peça de processo crime lavrada pelo pretor do Termo de Casa Nova, em julho de 1938, quando foram denunciados e detidos os sobreviventes de Pau de Colher, os participantes quando constando a profissão aparecem todos como lavradores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

---

O chão ressequido e chamejante era o cenário da devassidão e das fogueiras ateadas para a incineração das dezenas de corpos. Duas casas de taipa cobertas de telhas destruídas pelos atacantes e latadas erguidas precariamente para abrigar as centenas de pessoas que ali chegavam mal se conservavam em pé. Por alguns lugares encontravam-se covas, algumas das quais com cruzes, denunciavam os primeiros embates. Em nome de uma *modernização social*, o nascente Estado Novo dava novos rumos às formas de repressão, particularmente no sertão, metralhadoras e imprensa constituíam-se como elemento técnico desse discurso modernizador, face do imbricamento de comportamentos, onde os limites entre ordem e desordem tornavam-se tênues.

A destruição de Pau de Colher deixou uma lembrança negativa na memória da população da região, predominando a representação dos *fanáticos*. Percebemos que a “batalha” em torno da representação do movimento não começou e nem terminou em 1938, transpassa o embate “corpo a corpo” para o campo discursivo e simbólico.

Em 1984, o jornal A Tarde destacava um conflito de terra envolvendo oligarquias locais e a comunidade eclesial de base do povoado de Amalhador, próximo a Pau de Colher, esse fato logo trouxe à tona a memória dos acontecimentos vivenciados em 1938. A comunidade de Amalhador foi acusada de se tornar o “novo Pau de Colher”.

Desde 2002 no dia 13 de Dezembro a paróquia de Casa Nova vem realizando romarias a Pau de Colher, em louvor à Santa Luzia. A procissão segue de Casa Nova na trilha de Pau de Colher para lembrar as “marcas” deixadas pelo movimento na história da região e

também incorpora motivos religiosos. Contudo, não há participação quase nenhuma da população casanovense, nem do município sede e nem da área rural. A maior recusa das pessoas se deve ao temor do surgimento de um *novo Pau de Colher*, pois dizem que poderão surgir *novos caceteiros*. Essa romaria poderia conceber-se como uma tentativa de elaboração de novos rituais de memória; ela se integra em fazer “reviver” o lugar onde se passou os acontecimentos, no qual restou apenas uma cruz que simboliza o local. A procissão, a romaria e a novena a Santa Luzia ritualizam sua lembrança.

Mais recentemente, em 2007, na XX Festa do Interior realizada em Casa Nova, o tema escolhido foi o movimento Pau de Colher. Entre o sagrado e profano, comemorações e rememorações, as memórias sobre o movimento são envolvidas por grupos que, em disputa “pelo passado”, procuram *conduzir* diferentes significados, colocando-se em muitas situações na condição de “guardadores e organizadores” dessas memórias.

Há no presente a permanência de interesses, muitas vezes latente, que põem em continuidade memórias em disputas sobre Pau de Colher. Em determinados casos, foi possível observar, durante pesquisa de campo, que familiares de remanescentes buscaram sobrepor suas representações sociais do movimento. Em outros, remanescentes dos episódios de 1938, “resistem” em falar sobre o assunto. Esse silêncio deve-se em grande parte aos preconceitos sofridos e às dores trazidas pelas lembranças das perdas dos familiares mortos durante os confrontos com a polícia. Mas, não são apenas os remanescentes que vivem o silêncio imposto de maneira consciente ou inconsciente pela sociedade envolvente, seus filhos e netos que não estiveram em Pau de Colher, carregam o estigma de serem parentes de *caceteiros*.

Nesse “jogo” de memórias, o que importa é o uso e os sentidos que as memórias individuais e sociais fazem da história, evidenciando os interesses e as necessidades que estão presentes na representação do passado. Lembramos que as memórias são narrativas sociais, tecidas nas arenas de disputas do saber e poder que tem funções claras no processo de

organização social, fronteira móvel que se faz, fazendo-se sentidos.

A dimensão narrativa e a multiplicidade de histórias dos testemunhos foram pontos fundamentais para apreender de que maneira o acontecimento de 1938 foi sentido pelos moradores que vivenciaram o movimento. Um contato direto com a região onde se desenvolveu os episódios de Pau de Colher era indispensável.

As conversas informais com a população de Casa Nova e as entrevistas que puderam ser recolhidas se referem ao olhar que cada um via e vê Pau de Colher. Encontrar contemporâneos dos acontecimentos não é tarefa fácil, a maioria das testemunhas já faleceu ou não se encontra em Casa Nova. Entretanto, reencontrar e registrar o testemunho de D. Iaiá, com 89 anos, remanescente do movimento, foi sem dúvida relevante, assim como ouvir o testemunho de Adelson Braga, José Wilson, José Rodrigues trouxe contribuições diferenciadas para entendermos a força das memórias, narrativas e histórias de Pau de Colher.

Cada um dos capítulos teve como ênfase, a partir de uma série de representações sobre Pau de Colher, mostrar as especificidades da produção narrativa que se constituíram durante a efervescência dos acontecimentos. Diferentemente dos discursos que há décadas vem se afirmando e ressignificando Pau de Colher como reduto de ignorantes, de facínoras, de fanáticos associados à exaltação mística da religiosidade popular, entendemos que a luta desencadeada em Pau de Colher teve diferentes sentidos. Lutavam pela necessidade da terra, contra a miséria, contra as calamidades da seca, pelas crenças e convicções da construção de um chão que consideravam sagrado.

Porém, na contramão dessas necessidades, o Estado Novo produziu a destruição do movimento, contando com a ação dos governos locais e estaduais. A repressão, a prisão e a morte de vários participantes, com a colaboração efetiva e decisiva do contingente policial pernambucano, deram aos militares envolvidos nos acontecimentos uma auréola de heroísmo.

Encarado como *reduto de revoltosos*, procurou-se fazer de Pau de Colher o herdeiro de uma cultura violenta, que atravessou Canudos e Caldeirão, e que pairava sobre a idéia de um sertão entregue à sua própria sorte.

Os jornais passaram a produzir uma memória que não se dissocia da forma como a polícia se posicionou, pois as narrativas militares ganharam o espaço público da imprensa e circularam discursos que projetaram um movimento integrado ao fanatismo e ao comunismo. A recorrência dos acontecimentos, através dos folhetos, reitera os discursos da imprensa e dos militares e reforçam a produção de sentidos em torno de Pau de Colher.

A reunião de seguidores, em torno de José Senhorinho, incomodava sobretudo os coronéis da região que, desta forma, consideravam o movimento uma ameaça às suas propriedades. A literatura mostrou-se elemento constitutivo dessa experiência social. Nessas narrativas é possível perceber como se processam os mecanismos de poder no sertão, as críticas construídas ao coronelismo e, ao mesmo tempo, a violência simbólica colocada em circulação através dos diferentes grupos que se relacionavam entre si.

Contudo, em Pau de Colher, a religião não se evidencia unicamente como reação ao poder dos coronéis. As difíceis condições de vida dos sertanejos, em meio ao monopólio da terra, são circunstâncias que explicam, em parte, a procura por um outro espaço. Porém, Pau de Colher também se funda pelo papel que a religião representava no cotidiano e no mundo cultural dos sertanejos da época. Na especificidade da cultura religiosa vivenciada pelos participantes, há uma reapropriação de símbolos que não são tecidos isolados, mas na circularidade existente das práticas culturais da religiosidade popular.

Vale salientar que não podemos adotar uma postura que desconsidere as singularidades dos movimentos sócio-religiosos. Tais movimentos integram um vasto e complexo tema, tão variados quanto as interpretações que suscitaram em diversos estudos históricos, antropológicos, sociológicos e psicológicos. Embora os movimentos sócio-

religiosos sejam freqüentemente associados à construção de uma “teoria geral do messianismo”, e desta forma pareçam terem se esgotado, o tema de Pau de Colher permanece atual.

Para alguns pesquisadores que comungam de uma “teoria geral do messianismo”, falar de Pau de Colher é suscitar algo “esgotado”. Ao contrário daqueles que pensam que as temáticas e problemas da história se esgotam em si, lembramos que a história é uma reconstrução permanente, que não se fecha em estudos definitivos e acabados. É nesse sentido que procuramos transpassar as fronteiras do aparente e mergulhamos no profundo universo religioso, social e cultural do movimento para procurarmos entender a experiência que atraiu diversas pessoas em 1938 e que hoje desperta o interesse de escritores e pesquisadores.

O silencioso personagem de Ítalo Calvino, Palomar, que tem o nome de um famoso observatório astronômico, de olhar sempre vigilante e aberto, mostra-nos que a interação entre observador e observado, entre *o mundo que contempla o mundo*, pode ser decomposto e recomposto na infinitude de seus elementos, em múltiplos significados e sentidos construídos nas relações sociais. Nesta perspectiva, entendemos que as histórias de Pau de Colher não estão terminadas, elas podem e devem ser contadas de outras formas, incumbindo-nos de dar-lhe outros sentidos, como aponta Walter Benjamin.

Em nossa pesquisa, deparamo-nos com uma série de registros que ensejam novos olhares, abordagens e narrativas sobre Pau de Colher. O aprofundamento da intervenção fotográfica nos discursos com a exibição de imagens públicas, as experiências dos órfãos de Pau de Colher, os processos jurídicos desencadeados contra os envolvidos e as disputas das memórias que se descortinam no presente são horizontes que possibilitam novas leituras sobre a comunidade de Pau de Colher. Registros que nos asseguram que a história é um campo repleto de sentidos, significados e de possibilidades.

## BIBLIOGRAFIAS E FONTES

---

### Livros e Artigos

ABREU, Márcia. *História de cordéis e folhetos*. Campinas, SP: Mercado das letras: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. *A invenção do Nordeste e outras artes*. 2ª ed. Recife: FJN, Ed. Massagana; São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. *Falas de astúcia e de angústia: a seca no imaginário nordestino de problema à solução (1877-1922)*. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de História da UNICAMP, 1988.

ALVES, Tarcísio Marcos. *A Santa Cruz do Deserto: a comunidade igualitária do Caldeirão: 1920-1937*. Recife: Néctar, 2007.

BACELAR DE OLIVEIRA, Ruy Bruno. *De Caldeirão a Pau de Colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, Bahia: Editora Engeo, 1998.

BAKHTIN, Mikhail. *Cultura popular na Idade Média e no Renascimento*. São Paulo: Hucitec, 1993.

BANDEIRA, Moniz. *O Feudo: a Casa da Torre de Garcia d'Ávila: da conquista dos sertões à independência do Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política ensaios sobre literatura e história da cultura*. Obras Escolhidas. Vol. 1. 4ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

\_\_\_\_\_. *Rua de mão única*. Obras Escolhidas. Vol. 2. 2ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Gilmário Moreira. *Pau de Colher: na letra e na voz*. São Paulo: EDUC, 1999.

\_\_\_\_\_. *Memórias de e sobre Pau de Colher: como os sujeitos lembram?* In: Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da PUC. São Paulo: EDUC, nº 17, novembro de 1998.

BURKER, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

CALVINO, Ítalo. *Palomar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

CANCELLI, Elizabeth. *O mundo da violência: a polícia da era Vargas*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1993.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Cinco livros do povo*. João Pessoa, Paraíba: Editora Universitária UFPB, 1979.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2ª ed. – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL, Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.

\_\_\_\_\_. *Cultura popular: revisitando um conceito historiográfico*. Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995.

CUNHA, Euclides. *Os Sertões*. 7ª ed. São Paulo: Record, 2004.

DANTAS, Ibarê. *Coronelismo e dominação*. Universidade Federal de Sergipe, PROEX/CE-CAC/ Programa Editorial, 1987.

DARTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

DELLA CAVA, Ralph. *Milagre em Joazeiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.

DIEHL, Astor Antônio. *Cultura historiográfica: memória, identidade e representação*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2002.

DUARTE, Raimundo. *Um movimento messiânico no interior da Bahia*. In: SCHADEM, Egon (Org.). *Homem, cultura e sociedade no Brasil*. Revista de Antropologia. Petrópolis: Vozes, 1972.

\_\_\_\_\_. *Notas preliminares do estudo do movimento messiânico de Pau de Colher*. Comunicação apresentada ao IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros: UFBA, Salvador, 1969. (mimeo)

DURKHEIM, Émile. *As formas elementares de vida religiosa*. São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

ELIADE, Micea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

FACÓ, Rui. *Cangaceiros e fanáticos*. 4ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FERRAZ, Socorro. *Sertão um espaço construído*. In: BARBOSA, Bartira e FERRAZ, Socorro (ORG). *Sertão um espaço construído – ensaios de História Regional*. Rio São Francisco – Brasil. Universidade de Salamanca, 2005.

FERREIRA, Marieta de Moraes e JANAÍNA, Amado (ORG). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: FGV, 2001.

FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: o nascimento da prisão*. Petrópolis, Vozes, 1987.

\_\_\_\_\_. *A ordem do discurso*. 7ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. *Lembrar escrever esquecer*. São Paulo: Ed. 34, 2006.

\_\_\_\_\_. *História e narração em Walter Benjamin*. 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

\_\_\_\_\_. *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *Cordel: leitores e ouvintes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. *Relações de força: retórica e prova*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GONÇALVES, Luiz Gonzaga. *A irmandade de Pau de Colher (Bahia) e a aspiração por uma terra de liberdade que não cabe num mundo incrédulo*. In: Interfaces de Saberes. Revista da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Caruaru. João Pessoa: Idéia, 2003. (Vol. I, nº 1. jul/dez) – Recife: Líber, 2000 – Vol. 3, nº 2 jul/dez. 2002.

GRILLO, Maria Ângela de Faria. *A arte do povo: histórias na literatura de cordel (1900 – 1940)*. Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Departamento de História da UFF, 2005.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

HERSCHMANN, Micael e PEREIRA, Alberto Messeder (Orgs.) *Mídia, memória e celebridades*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2003.

HOORNAERT, Eduardo. *Formação do catolicismo brasileiro 1550-1800*. 2ª ed. Rio de Janeiro, Vozes, 1978.

LANTERNARI, Vittorio. *As religiões dos oprimidos: um estudo dos modernos cultos messiânicos*. Editora Perspectiva. São Paulo, 1974.

LEANDRO, Ana Lúcia Aguiar Lopes. *O movimento de Pau de Colher na perspectiva dos atores sociais: relações entre significações da religião e miséria*. Dissertação de Mestrado, Recife: Departamento de Sociologia da UFPE, 2003.

LE GOFF, Jacques. *Memória e história*. Enciclopédia Einaudi, vol. 1. Porto: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1984.

LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamando Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Revan: IUPERJ, UCAM, 1999.

LOIVA, Otero Félix. *História e memória: a problemática da pesquisa*. 2ª ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

MALVEZZI, Roberto. *A história do Pau de Colher – o último grande movimento messiânico do Brasil*. s.d. (mimeo)

MELLO, Maria Alba Guedes Machado. *História política do Baixo Médio São Francisco: um estudo de caso do coronelismo*. Dissertação de Mestrado, Salvador: Departamento de Sociologia da UFBA, 1989.

MENEZES, Djacir. *O outro Nordeste: formação social do Nordeste*. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1937.

MENEZES, Eduardo Diatahy B. de. *Das classificações temáticas da literatura de cordel: uma querela inútil*. Fortaleza, 10 de Outubro de 1994. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/ediatahy01c.html>> Acesso em: 10 de Janeiro de 2007.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. *Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

\_\_\_\_\_. *Um confronto entre Juazeiro, Canudos e Contestado*. História da Civilização Brasileira (Tomo III, Vol. 2). São Paulo: Difel, 1977.

MONTEIRO, Major Roberto. *História da polícia militar de Pernambuco*. Recife: Inojosa Editora, s.d.

MONTENEGRO, Antonio Torres. *História oral e memória: a cultura popular revisitada*. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2007.

NANTES, Martinho de. *Relação de uma missão no Rio São Francisco*. Tradução de Barbosa Lima Sobrinho. São Paulo: Ed. Nacional; Brasília: INL, 1979.

NORA, Pierre. *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História, nº 10. PUC – São Paulo, dez. 1993.

ORLANDI, Eni Puccinelli (Org.). *Análise de discurso*. Campinas, São Paulo: Pontes, 1999.

\_\_\_\_\_. *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. *As formas do silêncio: no movimento dos sentidos*. Campinas, São Paulo: Editora UNICAMP, 1997.

PIMENTEL FILHO, José Ernesto. *A produção do crime: violência, distinção social e economia na formação da província cearense*. Tese de Doutorado, São Paulo: Departamento de História da USP, 2002.

POLLAK, Michel. *Memória, esquecimento, silêncio*. In: Estudos Históricos. São Paulo, Cpdoc/FGV, 1989.

POMPA, Maria Cristina. *Memórias do fim do mundo: para uma leitura do movimento sócio-religioso de Pau de Colher*. São Paulo. Dissertação de Mestrado, São Paulo: Departamento de Antropologia da UNICAMP, 1995.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. *O messianismo no Brasil e no mundo*. 2ª ed. São Paulo: Alfa-Omega, 1976.

RAMOS, Francisco Regis Lopes. *Caldeirão*. Fortaleza: EDUECE, 1991.

\_\_\_\_\_. *O verbo encantado: a construção do Pe. Cícero no imaginário dos devotos*. Ijuí: Ed. UNIJUÍ, 1998.

REGNI, Pietro Vittorino. *Os Capuchinhos na Bahia. Os capuchinhos das Marcas e a Fundação da Província de N. S. da Piedade*. v.3/1 - Salvador: Gráfica Editora, U.T.J. – Jesi (NA), 1991.

RIBEIRO, René. *Antropologia da religião e outros estudos*. Recife: Editora Massangana – FUNDAJ, 1982.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa (vol. I)*. Campinas, São Paulo: Papirus, 1994.

\_\_\_\_\_. *Interpretação e ideologias*. Rio de Janeiro, F. Alves, 1977.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. 20ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SATRIANI, Luigi M. Lombardi. *Antropologia cultural e análise da cultura subalterna*. São Paulo: HUCITEC, 1986.

SCHAWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questões raciais no Brasil – 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SIQUEIRA, Antônio Jorge. *O Direito da Fala: violência e política em Vidas Secas*. Revista Política Hoje, Vol. I, jan./jul. Recife: Pós-graduação em Ciências Política – UFPE, 1994.

STEIL, Carlos Alberto. *O sertão das romarias: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

TAVARES, Luiz Henrique. *História da Bahia*. São Paulo: Editora UNESP: Salvador, BA: UDFBA, 2001.

TERRA, Ruth Brito Lemos. *Memória de lutas: literatura de folhetos do Nordeste (1893 a 1930)*. São Paulo: Global Editora, 1983.

TEIXEIRA, Faustino (Org.) *Sociologia da religião: enfoques teóricos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

THOMPSON, E. P. *Costumes em comum*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

VASCONCELLOS, João Gualberto M. *A invenção do coronel: ensaios sobre as raízes do imaginário político brasileiro*. Vitória – ES, UFES, 1995.

VEYNE, Paul Marie. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. 4ª ed. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

VIDAL E SOUZA, Candice. *A pátria geográfica: sertão e litoral no pensamento social brasileiro*. Goiânia: Ed. da UFG, 1997.

VIEIRA, David Gueiros. *Trajetória de uma Família – A História da Família GUEIROS*, publicado no endereço: <<http://www.geocities.com/davidgueiros>>, acesso, 20 de Março de 2007.

### **Obras de referência documental utilizadas como fontes**

COUTO, Pe. Manoel José Gonçalves. *Missão Abreviada*. 9ª edição. Porto, 1873.

ESTRELA, Raimundo. *Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas*. 2º ed. rev. Salvador: Assembléia Legislativa, 1998.

FERRAZ, Marilourdes. *O Canto do Acauã: das memórias de Manuel de Souza Ferraz (Manuel Flor) um comandante das forças volantes*. Belém, Pará, 1978.

GUEIROS, Optato. *Lampeão: memórias de um oficial ex-comandante de forças volantes*. 3ª edição, Revista e Ampliada. São Paulo, 1953.

TAVARES, Maurino Cezimbra. *Fatos históricos de criminalidade: estudo médico social*. Trabalho apresentado ao Instituto Baiano de história da medicina. Salvador: Imprensa Oficial da Bahia, 1954.

VIANA, Alano. *Anotações de um programa de rádio de Petrolina*, 1983. In: OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. *De Caldeirão a Pau de Colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, 1998.

## **Documentos**

ANÔNIMO. *Histórico de Pau de Colher*. Juazeiro da Bahia. Carta Anônima ao Bispo de Juazeiro D. José Rodrigues. Juazeiro da Bahia, 1983.

BOLETIM nº 34 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 14 de Fevereiro de 1938.

BOLETIM nº 66 da Polícia Militar da Bahia. Salvador, 24 de Março de 1938.

DANTAS, Antônio Fernandes (Interventor Federal Interino – Nov. 1937 a Mar. 1938). Telegrama ao Presidente da República informando combate entre policiais e civis de Casa Nova contra os fanáticos. Bahia, 26 de Janeiro de 1938.

GUEIROS, Optato. Relatório do comandante do destacamento das forças da Brigada Militar de Pernambuco Optato Gueiros, apresentado ao Secretário de Segurança Pública Etelvino Lins. Petrolina, 31 de Janeiro de 1938.

LAMÊGO, Cel. Tito Coelho. Relatório apresentado pelo Comando da Polícia Militar ao Exmº Sr. Major Oswaldo Nunes dos Santos – Secretário da Segurança Pública, a respeito da campanha ao fanatismo no Vale do São Francisco. Salvador, 8 de Fevereiro de 1938.

TAVARES, Cap. Maurino Cezimbra. Relatório Apresentado ao Excelentíssimo Senhor Coronel Tito Coelho Lâmega, D.D. Comandante da P.M. pelo Capitão Maurino Cezimbra Tavares, sobre as ocorrências havidas durante as operações contra os fanáticos de Pau de Colher. Casa Nova, 4 de Fevereiro de 1938.

VARGAS, Getúlio. Telegrama ao Interventor Federal Interino Cel. Antônio Fernandes Dantas. Rio de Janeiro, 27 de Janeiro de 1938.

## **Romances**

AGUIAR, Cláudio. *A corte celestial*. Recife: Fundação de Cultura Cidade do Recife, 1966.

DEMOSTHENES, Guanaes Pereira. *Pau de Colher: nos barrancos do Rio São Francisco e último do ciclo dos coronéis, Vol III*. São Paulo: Ed. Safady, 1964.

## **Folhetos**

MAIA, Álvaro Coelho. *Pau de Colher: história de um triste acontecimento pela falta de instrução*. Folheto, s.d.

SEVERINO, Francisco. *Façanhas do Beato Zé Lourenço em Pau de Colher*. Folheto, s.d.

### **Depoimentos de participantes e contemporâneos de Pau de Colher**

Sr. Adelson Braga. Casa Nova – BA.

Sr. José Rodrigues de Souza Costa. Casa Nova – BA.

Sr. José Wilson Dourado Santos. Casa Nova – BA.

D. Maria do Nascimento (D. Iaiá.). Casa Nova – BA.

D. Maria do Nascimento Silva Carvalho. Casa Nova – BA.

### **Lista dos jornais consultados**

3.1 Diário de Pernambuco. Recife, 25 de Janeiro de 1938.  
Recife, 30 de Janeiro de 1938.  
Recife, 8 de Fevereiro de 1938.

3.2 O Pharol. Petrolina, 11 de Janeiro de 1938.  
Petrolina, 3 de Fevereiro de 1938.  
Petrolina, 24 de Fevereiro de 1938.  
Petrolina, 3 de Março de 1938.  
Petrolina, 12 de Março de 1938.

3.3 Estado da Bahia. Salvador, 10 de Janeiro de 1938.  
Salvador, 28 de Janeiro de 1938.  
Salvador, 1 de Fevereiro de 1938.  
Salvador, 2 de Fevereiro de 1938.  
Salvador, 14 de Fevereiro de 1938.  
Salvador, 17 de Fevereiro de 1938.  
Salvador, 22 de Fevereiro de 1938.  
Salvador, 23 de Fevereiro de 1938.  
Salvador, 24 de Fevereiro de 1938.

3.4 O Imparcial. Bahia, 14 de Janeiro de 1938.  
Bahia, 20 de Janeiro de 1938.

3.5 A Tarde. Salvador, 1 de Setembro de 1984.

**Arquivos, Bibliotecas, Cartórios**

ARQUIVO Público do Estado de Pernambuco. Recife – PE.

ARQUIVO Público da Polícia Militar de Pernambuco. Recife – PE.

FUNDAÇÃO Joaquim Nabuco – FUNDAJ. Recife – PE.

ARQUIVO Público do Estado da Bahia. Salvador – BA.

ARQUIVO Público da Polícia Militar da Bahia. Salvador – BA.

BIBLIOTECA da Diocese de Juazeiro da Bahia. Juazeiro da Bahia – BA.

CARTÓRIO do 2º Ofício de Casa Nova. Casa Nova – BA.

**ANEXOS**



FOTO 1: CAPITÃO OPTATO GUEIROS. Fonte: ESTRELA, Raimundo. *Pau de Colher, um pequeno Canudos: conotações políticas e ideológicas*. 2º ed. rev. Salvador: Assembléia Legislativa, 1998.

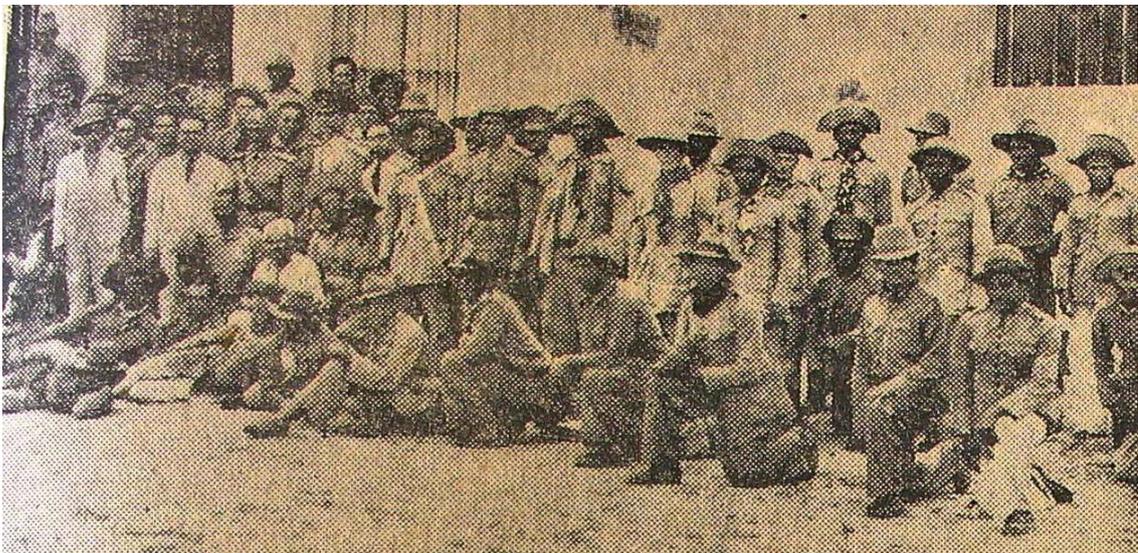


FOTO 2: “Um grupo da polícia pernambucana, força que tomou parte activa nos primeiros combates. Nota-se a indumentária da soldade sea, adaptada ao meio. Vê-se o representante dos Diários Associados”. Fonte: Jornal Estado da Bahia – 14 de Fevereiro 1938.



FOTO 3: “O ENVIADO DOS “DIARIOS ASSOCIADOS EM JOAZEIRO: “Nos clichês acima vemos o capitão Optato Gueiros, commandante da polícia pernambucana que entrou em Pau de Colher e o tenente do 19 B.C., Godofredo de Araújo Góes, falando ao nosso representante. No outro lado, o medico Clemencio Amorim e o fazendeiro José Loira, que prestaram assistência aos soldados pernambucanos durante o ataque ao reducto de fanaticos em Pau de Colher, alojando-os na Fazenda America, que está situada distancia dez léguas de Casa Nova. (Serviço exclusivo para os Diários Associados)”. Fonte: Jornal Estado da Bahia. 02 de Fevereiro de 1938.



FOTO 4: Cacete marcado com cruces. Fonte: OLIVEIRA, Ruy Bruno Bacelar de. *De Caldeirão a Pau de Colher: a guerra dos caceteiros*. Vitória da Conquista, 1998.



NO ALTO: o tenente Zacharias, commandante da Cia. de Fuzileiros e o nosso representante, na Fazenda Águas Bellas, no caminho da Serra do Campo Alegre. Um grupo de fanaticos prisioneiros, entrando em Casa Nova. EM BAIXO: fanaticos presos, entrando em Casa Nova, vendo-se à cavallo Pedro Costa, irmão de José Camillo, ferido num combate e um menor fanatico em companhia do soldado Miguel, coiteiro da Cia. de Fuzileiros

## Pau de Colher um pequeno Canudos

Uma tragica coincidencia — Negando Euclides da Cunha — Homens trabalhadores transformados em feras — Siphorinho, o “São José” e sua mulher a “Santa Cruz” — As primeiras victimas — A insania se transforma em tragedia

FOTO 5: “No ALTO: o tenente Zacharias, commandante da Cia. de Fuzileiros e o nosso representante, na Fazenda Águas Bellas, no caminho da Serra do Campo Alegre. Um grupo de fanaticos prisioneiros, entrando em Casa Nova. EM BAIXO: fanaticos presos, entrando em Casa Nova, vendo-se à cavallo Pedro Costa, irmão de José Camillo, ferido num combate e um menor fanatico em companhia do soldado Miguel, coiteiro da Cia. de Fuzileiros”. Fonte: Jornal Estado da Bahia. 22 de Fevereiro de 1938.



FOTO 6: “Enviado especial dos Diários Associados falando na cadeia de Joazeiro com o sertanejo Daniel Ferreira Nunes, preso como suspeito de elemento de ligação entre os fanaticos e alguns individuos de Remanso; no outro clichê, grande numero de feridos devido aos combates travados entre as forças dos vários Estados e os fanaticos. (Photographias exclusivas para os Diários Associados em todo o Brasil). Fonte: Jornal Estado da Bahia. 1 de Fevereiro de 1938.



FOTO 7: Capa Romance Demosthenes Guanaes Pereira

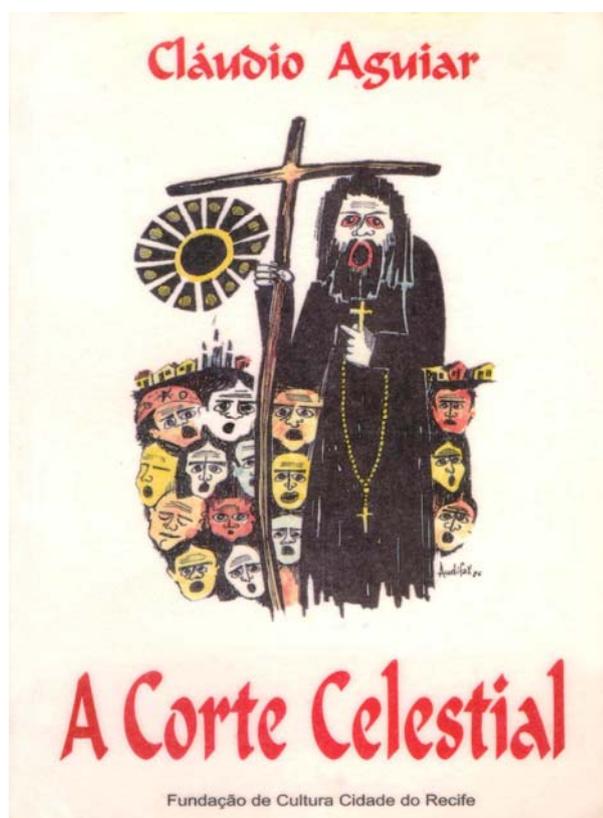


FOTO 8: Capa Romance Cláudio Aguiar

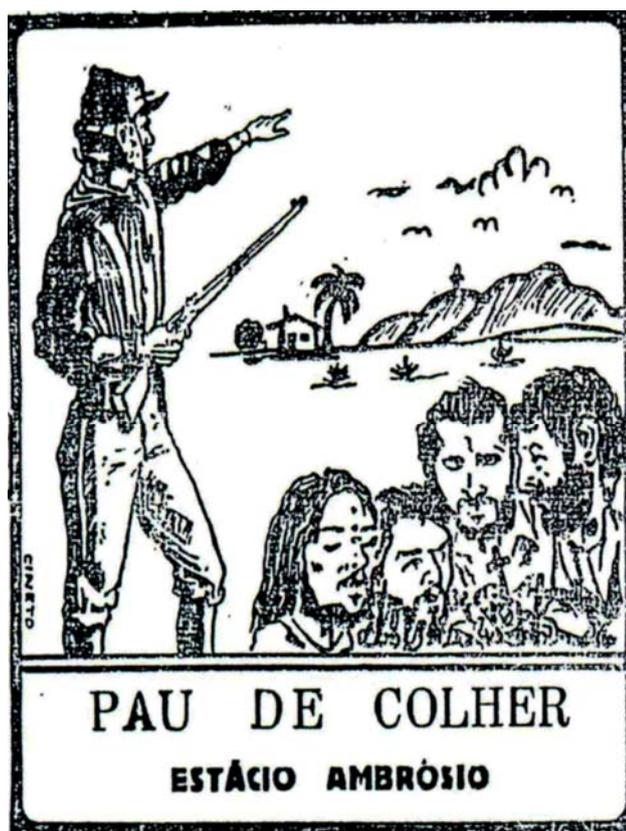
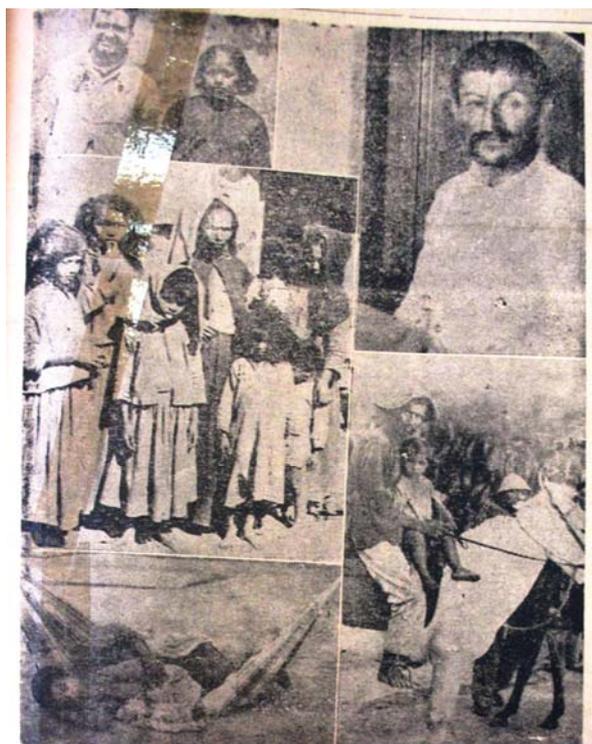


FOTO 9: Capa Folheto de Estácio Ambrósio



FOTO 10: “EM PÉ – João Baraúna um dos mais audaciosos chefes de grupos fanaticos presos na Serra do Campo Alegre em companhia de José Camillo – NO ALTO: Os prisioneiros dirigentes do movimento de Pau de Colher, vendo-se José Camillo, José de Clara, Theodoro de Tal, em companhia de meninos aprisionados nos diversos coitos. EM BAIXO: - Um grupo de fanaticos, vendo-se no centro o nosso representante”. Fonte: Jornal Estado da Bahia. 24 de Fevereiro de 1938.



NO ALTO: Uma jovem fanática, com a roupa preta, falando ao repórter dos "Diários Associados" e José Camillo, o "chefe do Povo da Serra", preso pela Cia. de Fuzileiros. EM BAIXO: A irmã e os sobrinhos de José Sinhorinho, o chefe supremo dos fanáticos morto em Pau de Colher e um menino ferido no braço. No cavalo José Vicente, cunhado de Sinhorinho e um dos responsáveis pela morte de José da Barra.

## **"Foi um esbagaçamento horrível! Nunca vi igual"**

FOTO 11: "NO ALTO: Uma jovem fanática, com a roupa preta, falando ao repórter dos "Diários Associados" e José Camillo, o "chefe do Povo da Serra", preso pela Cia. de Fuzileiros. EM BAIXO: A irmã e os sobrinhos de José Sinhorinho, o chefe supremo dos fanáticos morto em Pau de Colher e um menino ferido no braço. No cavalo José Vicente, cunhado de Sinhorinho e um dos responsáveis pela morte de José da Barra". Fonte: Jornal Estado da Bahia. 23 de Fevereiro de 1938.



FOTO 12: D. Maria do Nascimento (D. Iaiá) em entrevista a um jornal local de Casa Nova. Fonte: Jornal de Casa Nova. 4ª edição. Dezembro de 2007.